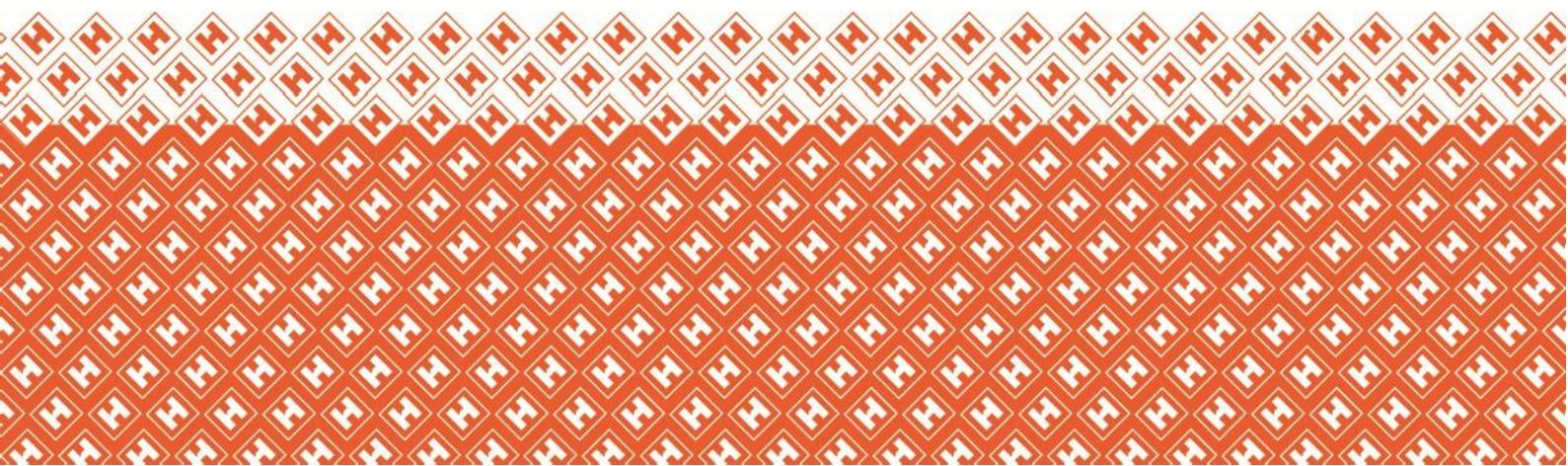


FRANCISCO PAULO FALBO GONTIJO

**Guia didático da história de
Formosa-GO: entre a história e a
memória - releituras para o ensino
de história**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

NOVEMBRO / 2018



FRANCISCO PAULO FALBO GONTIJO

**Guia Didático da História de Formosa-GO: entre a
história e a memória - releituras para o Ensino de
História.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional – núcleo Universidade Federal de Mato Grosso – como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alexandra Lima da Silva

Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão

**CUIABÁ-MT
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

G641g Gontijo, Francisco Paulo Falbo.

Guia didático da história de Formosa-GO: entre a história e a memória : releituras para o ensino de História / Francisco Paulo Falbo Gontijo. -- 2018

171 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Alexandra Lima da Silva.

Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Cuiabá, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Guia. 2. Didático. 3. Ensino. 4. História. 5. Formosa-GO. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCACÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHIS
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - Cep: 78060900 - Cuiabá/MT
Tel : 65 3313-8493 - Email : anamariamarques.ufmt@gmail.com

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "Guia Didático da História de Formosa-GO: entre a história e a memória - releituras para o ensino"

AUTOR : FRANCISCO PAULO FALBO GONTIJO

defendida e aprovada em 09/11/2018.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientador Doutor(a) Alexandra Lima da Silva
Instituição : UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Examinado Interno Doutor(a) Renilson Rosa Ribeiro
Instituição : UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Examinador Externo Doutor(a) Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti
Instituição : Universidade Federal do Piauí

Examinador Suplente Doutor(a) Ana Maria Marques
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CUIABÁ, 05/11/2018.

Ana Maria Marques
Prof. Dra. Ana Maria Marques
Coordenadora de Programa de Pós-graduação
Mestrado Profissional em Ensino de História
IGHD / UFMT
SIAPE: 1647082

RESUMO

Título: Guia Didático da História de Formosa-GO: entre a história e a memória – releituras para o Ensino de História.

Resumo: O trabalho objetiva contribuir com a historiografia local, sobretudo a de cunho didático, voltada para o Ensino de História, tendo por objeto a história de Formosa, de forma tal que, como produto desse estudo, resulte um “Guia Didático da História de Formosa”, colaborando de forma prática com o Ensino de História - regional, cultural ou patrimonial - na região, fortalecendo, também, sua identidade. Foi feita uma análise e compilação de dados de obras preexistentes que, no entanto, dispunham o tema de forma fragmentada e sem um caráter didático que contribuísse para a instrumentalização do ensino. Não há, aqui, muitas revelações ou descobertas - fui mero historiador da historiografia e um esforçado intérprete daquilo que eles, sim, descobriram -, mas uma coleta e uma disposição das informações ali colhidas, visando sua aplicação no Ensino de História no Ensino Médio, na Graduação e na consulta por leigos interessados no assunto. A proposta é uma abordagem confiável, contemplando o essencial para introduzir-se na história local, uma porta de entrada, referenciando, entretanto, cada assunto, guiando o leitor para obras onde possa aprofundar-se em aspectos específicos segundo seu interesse. Foi empreendido um esforço em relacionar e interpretar alguns eventos ali narrados, resumindo-os e dispondo-os de forma mais inteligível e prática aos iniciantes, partindo, contudo, de critérios da ciência historiográfica, para que possa ser considerada uma fonte segura de consulta e em sintonia com as diretrizes do ProfHistória, atendendo às finalidades do programa de qualificar, habilitar e fomentar os profissionais da área, objetivando um Ensino de História mais crítico e eficiente. Assim, parte dessa pesquisa e dessa produção integram a presente dissertação, que, esperamos, venha a compor, após concluídas pesquisas suplementares aqui não contempladas, o referido “Guia Didático da História de Formosa”, que, anseio, possa agregar ao ensino da História regional em Formosa-GO.

Palavras-chave: Guia, didático, ensino, história, Formosa-GO.

ABSTRACT

Title: Didactic Guide of the History of Formosa-GO: between history and memory – readings for the teaching of history.

Abstract: This work aims to contribute to the local historiography, especially that of didactic aspects, focused on History Teaching, having as its object the history of Formosa, in such a way that, as a result of this study, a "Didactic Guide of the History of Formosa" , collaborating in a practical way with History Teaching - regional, cultural or patrimonial - in the region, also strengthening its identity. An analysis and compilation of data of preexisting works was done, however, that had the theme in a fragmented way and without a didactic character that contributed to the instrumentalization of teaching. There are not many revelations or discoveries - i was a mere historian of historiography and a hard-working interpreter of what they did discover-but a collection and provision of the information collected there, with a view to its application in History Teaching in Secondary Education, Undergraduate and Consultation by lay interested in the subject . The proposal is a reliable approach, contemplating the essential to introduce itself in the local history, a door of entry, referring, however, each subject, guiding the reader to works where it can deepen in specific aspects according to his interest. An effort was made to relate and interpret some of the events narrated there, summarizing them and making them available in a more intelligible and practical way to beginners, but starting from the criteria of historiographical science, so that it can be considered a safe source of consultation and in line with the guidelines of ProfHistória, in accordance with the program's objectives of qualifying, qualifying and fostering professionals in the area, aiming at a more critical and efficient History Teaching. Thus, part of this research and of this production are part of the present dissertation, which, we hope, will compose, after completing additional researches not contemplated here, the "Didactic Guide of the History of Formosa", which, I hope, can add to the teaching of History regional government in Formosa-GO.

Keywords: Guide, didactic, teaching, history, Formosa, Goiás

AGRADECIMENTOS

Difícil, tarefa inglória, na verdade, nomear todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o êxito dessa longa e penosa - porém tão sonhada - jornada que ora se encerra. Tentarei elencar, por ordem cronológica todos os anjos que Deus colocou em meu caminho e que tornaram possível que eu alcançasse tão honroso título que, dadas todas as dificuldades por que passei, nos tempos mais remotos sequer sonhei ser possível: alguém vindo de onde vim, do meu local social, da minha condição familiar, chegar onde estou chegando.

Primeira, eterna e independentemente de tudo, preciso agradecer a Deus, que me abençoou, me honrou, me protegeu, me iluminou, me fortaleceu e me guiou por essa vida tão atribulada em que, por diversas vezes, não fosse a fé inabalável de que Deus me amava e tinha coisas maravilhosas preparadas para mim, teria desistido de seguir em frente, de resistir, de levantar, de acreditar e, até, de viver. Deus transformou minha vida de uma forma que, talvez, eu nem mereça, por isso faz-se necessário, aqui, esse reconhecimento e esse testemunho. Apesar de todas as dificuldades, humilhações e todo o desespero que, por vezes, me abateu durante a vida, meu Deus sempre guiou por esses desertos e tem me conduzido a searas tão maravilhosas, bênçãos tão tremendas, que nem em meus melhores sonhos imaginei alcançar tudo que Deus tem me dado. Como as estrelas do céu e a areia do mar, são as bênçãos que Deus tem derramado em minha vida. Por isso em tudo dou glória, porque sei que tenho um Deus a me guiar e a me fortalecer, e n'Ele tudo tenho podido.

Preciso agradecer à minha primeira professora, Tia Elza, a melhor alfabetizadora que eu e inúmeras pessoas que conheço consideramos que já houve em Formosa. O que ela desenvolveu e estimulou em mim, me proporcionou uma autonomia intelectual tal, que permitiu que eu pudesse ser autodidata na maior parte da minha vida, que pudesse desenvolver-me plenamente enquanto ser pensante. Isso mudou, definitivamente, meu destino, minha sina, minha história e de minha família.

Agradeço à minha madrinha, que, infelizmente, já não está mais entre nós, Norma Falbo Correia, a “Tia Mita”, e ao meu padrinho, Ezildo, por terem, primeiramente, financiado durante muito tempo meus estudos. Minha madrinha, enquanto educadora, ainda me educou em sentido *lato* e *strictu*, me ensinando regras comportamentais, mas

me estimulando, sempre, a estudar; me cobrando, me corrigindo, me dando livros desde a mais tenra idade, enfim, ajudando de tantas formas que não posso, sequer, relacionar.

Agradeço ao meu avô paterno, “vô Pedro”, “vô Guri”, que me ensinou, desde muito novo, os princípios morais que carrego comigo até hoje. Lembro-me de ter-me dito coisas que me nortearam e que jamais esqueci: “- Chico, se você não pode ser o maior, seja o melhor”, “ - Chico, se uma coisa tem que ser feita, que seja bem feita”...

Agradeço às minhas tias Dora (uma segunda mãe, que também ajudou a me criar e, também, pagou meus estudos no cursinho do Colégio Objetivo, em Brasília), Raquel e Sônia, referências intelectuais que me inspiraram no amor à História; minha tia Ana, outro espelho, para mim, de como o estudo poderia mudar minha vida. Agradeço também ao meu pai, Ronaldo, a pessoa mais estudiosa e culta que conheci, que me influenciou, direta ou indiretamente, a mergulhar no mundo da leitura e do conhecimento.

Agradeço imensamente aos meus professores e amigos do curso de História da UEG, com os quais aprendi muito mais que conteúdo; aprendi, com cada um, como ser um professor de verdade, embora eu ainda esteja aprendendo: Juliano Pirajá, Marcelo Reis, Luiz Henrique, André Leme, Cícero e Marco Aurélio.

Agradeço ao meu amigo e colega, professor Renato, hoje mestre pelo ProfMat, que me informou e me incentivou a tentar ingressar no ProfHistória. Agradeço aos colegas e gestores das escolas por que passei no período, pela compreensão e colaboração inestimáveis à consecução desse objetivo, já que não estava afastado de sala e precisei, muito, da ajuda e flexibilidade que me dispensaram para que conseguisse conciliar tudo. Nesse sentido, um agradecimento todo especial à querida amiga Neucyara, minha ex-diretora e também a Sheyla, atual. Agradeço, ainda, aos meus colegas da AUDIFIS e da Rádio 92 FM, especialmente Cláudio Ribeiro e Carlos Massaru, da primeira, e Luis Rô, da segunda, também pela flexibilidade e apoio que permitiram minhas constantes ausências, no intuito de dar cabo à presente empreitada.

Agradeço desmedidamente à ajuda que recebi do amigo Rodolfo, hoje mestre, egresso, também, da UFMT, por toda a solicitude, mesmo mal me conhecendo, em ter disposto do seu tempo para providenciar toda a parte burocrática, matrícula e tudo o mais que foi necessário para o meu ingresso no curso, já que eu não tinha como deslocar-me até Cuiabá, correndo o risco de perder essa oportunidade.

Agradeço em todos os sentidos aos professores Marcelo Fronza, que também foi o primeiro coordenador do curso, Alexandra Lima, Nileide Dourado, Marcus Cruz, Renílson Rosa, Ana Maria Marques e Osvaldo Rodrigues, todos da UFMT, não só pela

qualidade absoluta de suas aulas e orientações, mas principalmente pela inspiradora conduta como mestres, que, de verdade, me fizeram repensar minhas práticas enquanto professor, por sua humanidade, humildade, gentileza, solicitude, compreensão... Mesmos elogios teço à professora Maria Fernanda, da UnB, de quem tive a honra de ser aluno no 3º semestre, em disciplina que ali cursei. Imprescindível, também, foi o apoio dado generosamente por todos os colegas de ProfHistória, que reduziram, para mim, a distância entre Formosa e Cuiabá, me auxiliando de maneira singular a cumprir muitas dos compromissos sem que tivesse que me deslocar a todo instante. Assim, meu agradecimento, em especial, aos amigos Sandro, Edson, Júlio e Soely.

A presente pesquisa só foi possível, em larga medida, graças à ajuda inestimável dos amigos Ieda Villas Boas, Robson Eleutério e Zezé Weiss, além dos demais amigos integrantes do Portal Cerratense e do grupo “Na trilha da Missão Cruls”, profundos pesquisadores da história de Formosa e de Brasília, que tanto me ajudaram, fornecendo indicações bibliográficas, documentos e informações que, sem os quais, esse trabalho seria inviável. Imensamente grato, também, ao Professor Samuel Lucas, profícuo pesquisador e verdadeira enciclopédia da história local, que, além de me fornecer fontes, ajudou-me muito a esclarecer diversas divergências e incongruências com seu vasto conhecimento tão generosamente posto ao meu dispor.

Agradeço, por fim, à minha mãe, Sílvia, minha esposa, Kelly, e meus filhos, Pedro Paulo e Ana Clara, por todo o suporte e paciência nesse processo, em que me ausentei, me omitti, me estressei e, de certa forma, transferi para eles todo o desgaste que algo dessa envergadura traz, mormente em alguém com uma rotina já tão atribulada quanto à minha, com meus três empregos. A todos, o meu muito obrigado.

À minha mãe, Sílvia, por ter sonhado esse sonho comigo e me apoiado incondicionalmente em alguns dos momentos mais angustiantes da minha vida.

Aos meus amados filhos, Pedro e Ana, razão pela qual empreendo todos os esforços para que possa me qualificar de forma tal, que isso resulte na possibilidade de oferta-los todas as oportunidades que me foram negadas. Que não seja necessário passarem por tudo que passei e que o meu esforço e dedicação sirvam para inspirá-los, para que tenham uma vida melhor que minha e se tornem pessoas melhores que eu.

À minha esposa Kelly, por me dar o apoio, a tranquilidade e a segurança necessários à realização do presente, garantindo e cuidando para que tudo continuasse funcionando nos longos períodos de ausência, inclusive física.

“Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes, mas não esqueço de que minha vida é a maior empresa do mundo... E que posso evitar que ela vá à falência.

Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise. Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar um autor da própria história... É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da sua alma... É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida.

Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos. É saber falar de si mesmo. É ter coragem para ouvir um “Não”!!! É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta...

Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo...”

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Entrada de Formosa.....	26
Figura 2 – Cachoeira do Bisnau.....	26
Figura 3 – Cachoeiras do Indaiá.....	26
Figura 4 – Lagoa Feia.....	26
Figura 5 – Cachoeiras do Indaiá.....	26
Figura 6 – Poço Azul.....	26
Figura 7 – Buraco das Araras.....	26
Figura 8 – Buraco das Araras.....	27
Figura 9 – Salto do Itiquira.....	27
Figura 10 – Poço Azul.....	27
Figura 11 – Cachoeira da Água Fria.....	27
Figura 12 – Praça da Matriz.....	27
Figura 13 – Laguinho do Vovô.....	27
Figura 14 – Lagoa Feia.....	27
Figura 15 – Coreto da Praça Rui Barbosa.....	27
Figuras 16 a 21 – . Sítio Arqueológico Toca da Onça.....	45
Figuras 22 a 25 – . Sítio Arqueológico do Bisnau.....	46
Figura 26 – Estátua do Anhanguera em Goiânia.....	50
Figura 27 – Carta Corográfica Plana da Província de Goiaz.....	56
Figura 28 – Mapa das Picadas de Minas e da Bahia.....	58
Figura 29 – Foto de Francisco Adolfo de Varnhagen.....	77
Figuras 30 e 31 – HQ da Revista Epopéia sobre Varnhagen.....	84
Figuras 32 a 35 – Barômetro doado por Varnhagen a Formosa.....	87
Figura 36 – Foto de Luís Cruls.....	90
Figura 37 – Cachoeira do Itiquira, em 1892.....	90
Figura 38 – Lagoa Feia, em 1892.....	90
Figura 39 – Entrada de Formosa, em 1892.....	90
Figura 40 – Membros da Missão Cruls, em 1892.....	90
Figuras 41 a 44 – HQ da Revista Epopéia narrando a história da Missão Cruls.....	92
Figura 45 – Mapa dos levantamentos da Missão Cruls, constante na Revista Epopéia..	93
Figura 46 – Mapa dos Itinerários da Missão Cruls.....	93

LISTA DE SIGLAS

AP – Antes do Presente

AUDIFIS – Auditoria Fiscal de Atividades Urbanas

CELG – Centrais Elétricas de Goiás

CIF – Campo de Instrução de Formosa

DINAUTO – Distribuidora Nacional de Automóveis. (Antiga concessionária da Volkswagen)

EMFOL – Empresa de Mineração Formosa Ltda.

GDF – Governo do Distrito Federal

GLMF – Grupo de Lançadores Múltiplos de Foguetes

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFG – Instituto Federal de Goiás

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

ITEGO – Instituto Técnológico de Goiás

JK – Juscelino Kubitschek

PIB – Produto Interno Bruto

PMF – Prefeitura Municipal de Formosa

ProfHistória – Mestrado Profissional em Ensino de História

RIDE – Região Integrada de Desenvolvimento Econômico

SEEDF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

UEG – Universidade Estadual de Goiás

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFMT – Universidade Federal De Mato Grosso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I – O ESTADO DA ARTE	31
CAPÍTULO II – A HISTÓRIA	43
Pré-história	43
Colônia.....	47
Na rota dos bandeirantes.....	47
Os Registros da Lagoa Feia e Arrepentidos.....	59
Povoado de Santo Antonio do Itiquira.....	62
Arraial dos Couros.....	66
Império.....	76
Vila Formosa da Imperatriz.....	76
Visconde de Porto Seguro.....	77
República.....	88
Missão Cruls: Comissão Exploradora do Planalto Central.....	88
Território: Formosa perde distritos ao longo da República.....	94
Período entre a Missão Cruls e a Revolução de 1930.....	94
A Revolução de 1930.....	98
A construção de Goiânia.....	99
A construção de Brasília.....	100
O Golpe Militar de 1964.....	108
Redemocratização.....	114
CAPÍTULO III -A MEMÓRIA.....	117
As Histórias das Memórias.....	118
O primeiro contato, as primeiras impressões.....	120
As memórias da história.....	130
Lendas, “causos” e outros traços culturais.....	144
A memória seletiva.....	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS.....	166

INTRODUÇÃO

Sendo professor da rede pública do Distrito Federal, mas residindo em Formosa-GO, região do entorno, onde cursei a Licenciatura em História, percebi, desde a graduação, enorme dificuldade em encontrar obras que abordassem a história de Formosa, à época resumindo-se, basicamente, a um livro de 1930.

Mesmo entre professores, havia desencontro de informações, refletindo no desconhecimento da população acerca, inclusive, de personagens históricas que nomeavam espaços públicos - tentativa de criar lugares de memória que, diante do exposto, quedou-se infrutífera. Mesmo a Visconde de Porto Seguro, principal rua – homenagem à figura importante na história formosense e brasileira-, tem sua história desconhecida pela maioria da população, conforme demonstrado em pesquisa realizada.

Dentre os objetivos do ProfHistória, explícitos em seu regimento, estão “contribuir para o incremento da produção didática e historiográfica nos temas de destaque das linhas de pesquisas e produzir conhecimento histórico e didático original na forma de dissertações”. Assim, a presente pesquisa vem ao encontro de tais objetivos. Por ser um Mestrado Profissional, foca o aperfeiçoamento pedagógico, a instrumentalização das práticas docentes do professor de História

Diante disso, resolvi, então, valer-me da pesquisa que haveria de desenvolver para a dissertação do mestrado, para privilegiar tal enfoque, na tentativa de contribuir com a historiografia local, sobretudo a de cunho didático, voltada para o Ensino de História, tendo por objeto a história de Formosa, de forma tal que, como produto desse estudo, resulte um “Guia Didático da História de Formosa”, colaborando de forma prática, creio, com o Ensino de História - regional, cultural e patrimonial - na região, fortalecendo, também, sua identidade.

Foi feita uma análise e compilação de dados de obras preexistentes que, no entanto, dispunham o tema de forma fragmentada e sem um caráter didático que contribuísse para a instrumentalização do ensino. Não há, aqui, muitas revelações ou descobertas – ao que rendo tributos aos trabalhos dos verdadeiros historiadores que me precederam; fui mero historiador da historiografia e um esforçado intérprete daquilo que eles, sim, descobriram – e sim uma coleta e uma disposição das informações ali colhidas, visando sua aplicação ao Ensino de História no Ensino Médio e à Graduação, além de oferecer uma fonte confiável e inteligível também aos leigos interessados no assunto. A proposta é uma abordagem que atenda aos critérios da ciência histórica, contemplando o

essencial à introdução na história local, uma porta de entrada, referenciando, entretanto, cada tema ou subtema, guiando, direcionando o leitor para obras onde possa aprofundar-se em aspectos específicos segundo seu interesse.

Foi empreendido um esforço em relacionar e interpretar alguns eventos ali narrados, resumindo-os e dispondo-os de forma mais simples e prática aos iniciantes, partindo, contudo, de critérios acadêmicos, para que possa ser considerada uma fonte segura de consulta e em sintonia com as diretrizes do ProfHistória, atendendo às finalidades do programa de qualificar, habilitar e fomentar os profissionais da área, objetivando um Ensino de História mais crítico e eficiente. Assim, parte dessa pesquisa e dessa produção integram a presente dissertação, que, esperamos, venha a compor, após concluídas pesquisas suplementares aqui não contempladas, o referido “Guia Didático da História de Formosa”, que, anseio, possa agregar algo positivo ao ensino de história regional em Formosa-GO. Isto posto, prossigamos com a introdução, trazendo à baila a pertinência do presente trabalho e seu aporte teórico.

Referencial Teórico

É possível que ainda não tenha sido encontrada forma melhor de esclarecer a finalidade da disciplina História que a usada por Marc Bloch em sua obra-prima “Apologia da história, ou, O ofício de historiador”:

‘Papai, então me explica para que serve a história.’ Assim um garoto, de quem gosto muito, interrogava há poucos anos um pai historiador. Sobre o livro que se vai ler, gostaria de poder dizer que é minha resposta. Pois não imagino, para um escritor, elogio mais belo do que saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares. Mas simplicidade tão apurada é privilégio de alguns raros eleitos. Pelo menos conservarei aqui de bom grado essa pergunta como epígrafe, pergunta de uma criança cuja sede de saber eu talvez não tenha, naquele momento, conseguido satisfazer muito bem.

Alguns, provavelmente, julgarão sua formulação ingênuas. Parece-me, ao contrário, mais que pertinente. O problema que ela

coloca, com a incisiva objetividade dessa idade implacável, não é nada menos do que o da legitimidade da história.¹

Há muito se discute não só a qualidade do ensino no Brasil, como sua matriz curricular, carga ideológica, finalidade política, eficiência, etc. Ultimamente, temos testemunhado diversas discussões no judiciário acerca do tema, como a que versa sobre o ensino religioso; projetos que tramitam ou tramitaram no legislativo, como o “Escola sem partido” e a Reforma do Ensino Médio - que afetam diretamente a docência em História. Parece que, em momentos como esse, de cisão político-ideológica, o controle – ou pelo menos o interesse - sobre a educação e, sobretudo, do ensino de História, ressurgem com maior envergadura. Como nos lembra Fonseca:

A afirmação das identidades nacionais e a legitimação dos poderes políticos fizeram com que a História ocupasse posição central no conjunto de disciplinas escolares, pois lhe cabia apresentar às crianças e aos jovens o passado glorioso da nação e os feitos dos grandes vultos da pátria. Esses eram os objetivos da historiografia comprometida com o Estado e sua produção alcançava os bancos das escolas por meio dos programas oficiais e dos livros didáticos, elaborados sob estreito controle dos detentores do poder. Isso ocorreu na Europa e também na América, onde os países recém-emancipados necessitavam da construção de um passado comum e onde os grupos que encabeçaram os processos de independência lutavam por sua legitimação.²

Já há algum tempo, também, que a historiografia vem se debruçando sobre agumas ferramentas educacionais, como os currículos e livros didáticos. Há, também, algumas iniciativas historiográficas de análise do próprio ensino de História, investigando sua gênese, dinâmica, interferências político-ideológicas sobre o ofício e as dificuldades por que passa, a cada dia mais, o professor da disciplina. Jacques Le Goff, diz que:

No domínio da história, sob a influência das novas concepções do tempo histórico, desenvolve-se uma nova forma de historiografia – a "história da história" – que, de fato, é na maioria das vezes o estudo

¹ BLOCH: 2001, p. 41

² FONSECA: 2011, p. 24

da manipulação pela memória coletiva de um fenômeno histórico que só a história tradicional tinha até então estudado.³

A História do Ensino de História tem aprofundado a pesquisa sobre a evolução da História enquanto disciplina escolar, ao longo dos tempos. Quanto mais se aprofunda, mais clara é percebida a sua apropriação por parte do Estado e das instituições que o sustentam, que nela – a disciplina História – percebem o potencial que possui para, conforme o uso que dela se faça, influenciar a população, inspirar modelos e comportamentos, no intuito de tentar homogeneizar artificialmente aquilo que não se deu espontaneamente. Como pontua mais uma vez Fonseca:

A História como disciplina escolar se constituiu fortemente marcada por uma perspectiva nacionalista, servindo aos interesses políticos do Estado, mas carregando também elementos culturais essenciais que, incorporados, garantiam a consolidação dos laços entre parcelas significativas das populações, no processo de construção das identidades nacionais coletivas.⁴

Na mesma linha, segue Dosse:

Durante muito tempo, a história foi identificada à memória. Em primeiro lugar, os mosteiros muniram-se de dispositivos necessários para traçar os fundamentos de sua história. Depois, ligação com esses polos mais avançados da cultura ocidental, o poder político construiu sua própria história/memória.⁵

Pode-se deduzir também que, fruto talvez de uma tradição, um tempo em que o Estado ainda não era totalmente laico e que o ensino era, não raramente, ministrado pela igreja, houvesse uma inibição à contestação do conteúdo ali apresentado, como se tal questionamento afrontasse não apenas aquele que o lecionava, mas aos poderes estabelecidos, às autoridades civis, militares e eclesiásticas que o endossavam. Poderia

³ LE GOFF: 2013, p. 434

⁴ FONSECA: 2011. p. 25

⁵ DOSSE: 2003, p. 261

representar uma conduta subversiva contra o Estado e a própria Igreja Católica, hegemônica durante tanto tempo. Como escreveu, novamente, Dosse:

O contexto da construção do Estado monárquico vai influenciar muito a produção histórica. Toda uma memória coletiva constrói-se, então, em torno de uma vontade política dos reformadores do Estado. A função do historiador oficializa-se, a memória faz-se história, um processo de recuperação em torno do esquema nacional.⁶

Tal mecanismo talvez transformasse verdades “artificiais” em naturais, versões em fatos. A igreja contribuía para o fortalecimento do Estado e vice-versa. Ambos valiam-se do positivismo, que muito servia aos propósitos daqueles na manutenção do *status quo*, na construção de uma identidade e uma unidade nacional, religiosa e filosófica. Mais uma vez, Le Goff pontua:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.⁷

O ensino de história tem sido, como visto, portanto, objeto de estudo dentro da própria história, que tenta romper barreiras e fazer um exercício de autoconhecimento que possibilite alguma evolução, conduzido de dentro pra fora, visando conhecer para compreender como aprimorar a prática docente que o afeta, ao ponto de, no Brasil, conceber um Mestrado Profissional em Ensino de História, numa feliz tentativa de fazer com que a academia possa romper o tradicional abismo existente entre o que lá é produzido e a sala de aula, a escola. Selva Guimarães afirma que:

⁶ DOSSE: 2003, p. 265

⁷ LE GOFF: 2013, p. 435

Sobretudo após 1968, o ensino de História tem afirmado sua importância como estratégia política, como instrumento de dominação, porque capaz de manipular dados que são variáveis importantes na correlação de forças e capaz de uma intervenção direta no social, por meio do trabalho com a memória coletiva. Nesse sentido, esteve submetido à lógica política do governo.⁸

Considerando a citação acima, tal vertente de mestrado geraria a possibilidade de o professor se desgarrar das práticas, conteúdos e meios engessados que o Estado lhe entrega, para desenvolver ferramentas que o auxiliem na oferta de um ensino de História mais autônomo e menos autômato, que realmente auxilie o aluno a desenvolver um pensamento mais crítico sobre a realidade que permeia e o circunda, a perceber diferentes aspectos históricos, significar ou ressignificar sua memória, da sua comunidade - Maurice Halbwachs nos diz que “a memória pode ser socialmente construída”⁹ - e do seu meio, a desenvolver uma identidade espontânea e genuína, não influenciada ou moldada pelos mecanismos dos quais os Estado muitas vezes se vale para enquadrar no modelo desejado o sujeito que não compõe as elites que o controlam. Como assevera Dosse:

A memória plural, fragmentada, hoje ultrapassa de todos os lados o ‘território do historiador’. Instrumento maior do vínculo social, da identidade individual e coletiva, ela se encontra no centro de um verdadeiro jogo e espera do historiador que ele lhe devolva, tarde demais, o sentido, à maneira da psicanálise.

Durante muito tempo instrumento de manipulação, ela pode ser reinvestida numa perspectiva aberta para o futuro, fonte de reapropriação coletiva e não simples museografia amputada do presente. A memória, pressupondo a presença da ausência, permanece a ligação essencial entre o passado e o presente, desse difícil diálogo entre o mundo dos mortos e dos vivos.

Ciência da mudança, como dizia Marc Bloch, a história elimina, pouco a pouco, os caminhos obscuros e complexos da memória até em seus modos de cristalização extremos, tanto ideais quanto materiais

⁸ GUIMARÃES: 2012, p. 45

⁹ HALBWACHS: 1990, p. 31

para melhor compreender os processos de transformação, os ressurgimentos e rupturas instauradas do passado.¹⁰

E complementa Halbwachs:

“... se conclui que a memória coletiva não se confunde com a história, e que a expressão ‘memória histórica’ não foi escolhida com muita felicidade, pois associa dois termos que se opõem em mais um ponto. A história, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam maior espaço na memória dos homens. Mas lidos em livros, ensaiados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados que ocuparam o maior espaço na memória dos homens”.¹¹

História, memória, identidade, consciência e liberdade, são todos conceitos caros à democracia, que não é conquistada ou mantida senão à custa de autonomia intelectual, a qual só será alcançada através de uma constante busca por aprimoramento dos meios e métodos de ensino da História, que é o que propõe o ProfHistória, que é, guardadas as proporções e abrangência, a ideia da presente pesquisa e do produto que dela resultará. Não atoa, o programa prevê, também, a produção de material didático. Sobre a pertinência do assunto, mais uma vez pontua Guimarães:

A produção historiográfica acadêmica como mercadoria aumenta sua presença na esfera dos interesses da indústria editorial cada vez mais participante da definição do ensino, através da venda em massa do material didático aos consumidores das escolas. Além do mercado editorial, a grande imprensa faz-se presente na discussão das propostas de ensino de História dos anos 80, procurando formar a opinião quanto ao que deva ou não ser ensinado.¹²

Isso, por seu turno, leva a história a refletir, inclusive, os meios, as mídias em que se difunde, posto que, contemporaneamente, temos percebido os meios de comunicação em massa fazendo o que a disciplina histórica costumava fazer: informar para auxiliar na formação da opinião, no desenvolvimento da consciência. No entanto, é

¹⁰ DOSSE: 2003, p. 290

¹¹ HALBWACHS, 1990, p. 80

¹² GUIMARÃES: 2012, p. 14

possível ser otimista, mesmo nesse cenário. Uma adversidade pode ensejar uma oportunidade: a História pode se apropriar dessas mídias em seu proveito, inclusive dedicando-se um pouco mais à história do tempo presente, trazendo uma leitura dos acontecimentos atuais à luz da história - já que a tecnologia atual permite essa interpretação instantânea do fato -, auxiliando na construção da memória, até que esta se converta em história. A disciplina histórica precisa ter voz, meios e métodos de fazer frente ao jornalismo e à propaganda e seus meios na formação da compreensão histórica da realidade, sob o risco de, ela própria, ser contestada, como tem sido ultimamente, por seus concorrentes e detratores, que dela querem fazer mal uso e, até, desqualificá-la para deslegitimá-la.

A História precisa se reformular, atualizar, analisar as razões dos casos de sucesso e fracasso, tentando compreender o que é aplicável para o seu desenvolvimento e difusão. É preciso, talvez, até rever sua linguagem, a forma de acessar e ampliar seu público. É possível, até, enxergar o que se pode aprender com o mercado editorial, a televisão, o YouTube e seus fenômenos, os aplicativos de celulares, se livrar das grades do conservadorismo da academia e do Estado e acompanhar a evolução e a modernidade que avançam ao seu redor... São todas mídias, que levam algum tipo de mensagem, que servem de comunicação, de informação e entretenimento, e que tem sido, para grande parcela das novas gerações, bem mais sedutoras que o bom e velho livro de história, que tem perdido terreno, inclusive, para as *fake News*...

É preciso, ainda, fazer isso partindo de dentro para fora, de baixo para cima, do menor para o maior, do micro para o macro, do eu para o nós, da região para o Estado, do Estado para o País, do País para o continente e o resto do mundo. Se o indivíduo não conhece ou comprehende sequer a própria genealogia, é grande a chance de que não se interesse e não entenda o restante da história. Daí a importância, também, da micro história, da história oral, da história regional e das demais vertentes da ciência histórica no empenho em dar vez e voz aqueles tradicionalmente marginalizados da historiografia majoritariamente produzida... A história precisa perceber que, talvez, não seja suficiente ser culta, erudita ou, simplesmente, honesta: precisa ser atraente para ser eficiente e sobreviver nesse cenário atual aqui descrito.

O Mestrado Profissional em Ensino de História, ProfHistória, tem foco na qualificação do docente da escola pública, com ênfase na sala de aula, na docência dos Ensinos Fundamental e Médio, especificamente. Por sua utilidade prática no trabalho desenvolvido em sala de aula, tem atraído um grande número de interessados, que buscam

alternativas e métodos que possam auxiliá-los nessa árdua tarefa que é lecionar História nos dias atuais. Dentre os objetivos do programa, explícitos em seu regimento, estão “contribuir para o incremento da produção didática e historiográfica nos temas de destaque das linhas de pesquisas e produzir conhecimento histórico e didático original na forma de dissertações”.

Considero ser um direito inalienável de qualquer povo conhecer a própria história, sem a qual, tanto a memória quanto a identidade podem sofrer interferências nem sempre tão isentas. A própria academia tem se voltado, como visto acima, para uma produção historiográfica e didática que englobem os aspectos regionais das comunidades em que vivem os docentes e/ou seus alunos, inclusive com recente valorização de políticas que incentivam a Educação Patrimonial. Guimarães observa que até pouco tempo atrás

Os problemas do ensino de história no 1º e 2º graus eram também problemas das universidades. [...] Uma vez que nelas se formaram os professores, delas saíram os “os melhores livros didáticos”, os guias curriculares e os cursos de atualização. Entretanto, a academia não assume estes problemas e, pretendendo-se separada do social, culpa os outros pela “feiura”, pela “ideologização” e pelo baixo nível do ensino de 1º grau. A função básica de ensino-pesquisa e de extensão permanecia circunscrita nos próprios limites da universidade.¹³

É justamente tentar ajudar a combater o quadro acima descrito a que se dedica o presente trabalho. Embora não seja tarefa das mais fáceis, pelo cenário encontrado de uma considerável carência bibliográfica, constituindo quase que uma lacuna, a proposta que resultará da presente dissertação é uma tarefa possível, em que pese a escassez de tempo, recursos e bibliografia específica. Há uma série de outras fontes que esperam ser lidas, sofrer as perguntas corretas, para oferecer as repostas necessárias. Por outro lado, é um trabalho que carrega uma carga elevada de responsabilidade, de originalidade e ineditismo, posto que, nesse molde didático, com uma abrangência dos tempos mais remotos aos mais recentes, abordando aspectos normalmente negligenciados pela historiografia tradicional, traduzir-se-á, se obtiver o êxito esperado, em um conteúdo não só pouco ofertado e conhecido, como extremamente útil à docência de História no município de Formosa.

¹³ GUIMARÃES: 2012, p. 125

Ademais, quanto mim, possuo pelo tema um interesse não só profissional e acadêmico, mas também social e ideológico, por abarcar a história do local em que vivo, rompendo, inclusive, com um velho dito popular da região, segundo o qual “casa de ferreiro, espeto de pau”, ou, como disse Certeau:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que é circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letreados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.¹⁴

Dentro desse contexto, convém reiterar, mais uma vez, que a descoberta da eficiência da História na construção da identidade, na interferência na memória, na formação do cidadão ideal, por seu turno, despertou o interesse do Estado no controle da produção didática, o que é corroborado pela liderança absoluta dos livros didáticos no mercado editorial brasileiro, em virtude da fortuna ali despejada anualmente. Apesar de aparentemente parecer salutar e democrático que o Estado patrocine tal produção, outra hipótese é que se busca, de fato, trazer para quem o controla a ordem do discurso, massificar aquele conteúdo e aquelas versõesmeticulosamente selecionados e ali inseridos, privilegiando dados, datas, fatos e personalidades que legitimam ou legitimarão uma série de situações. Vide os livros didáticos que versam sobre a História do Brasil, onde o sudeste brasileiro, região historicamente mais rica do país, monopoliza o protagonismo.

Se um catalão ou um basco não são espanhóis, um irlandês e um escocês não são britânicos, um goiano, um mato-grossense ou um roraimense certamente não são, também, o mesmo que um carioca, um paulista, um mineiro ou um gaúcho. São culturas e identidades diferentes, que coabitam um espaço artificial e politicamente delimitado denominado país.

Cada um desses povos carrega sua história, sua memória, sua identidade, seus

¹⁴ CERTEAU: 2015, p. 56

costumes, seu modo de falar, sua cultura. Decididamente, a história do café-com-leite, por exemplo, não afeta e não identifica um morador do Acre como a um paulista, como nos lembra Circe Bittencourt:

A historiadora Maria de Lourdes Janotti afirmou, no artigo ‘Historiografia: uma questão regional?’, que a história nacional tem sido apreendida pelo olhar da região mais hegemônica. Dessa forma, a história da economia agroexportadora cafeeira e da industrialização passou a constituir temática privilegiada para explicar a história do Brasil a partir de 1850, mas o que acabou sendo entendido como história nacional é efetivamente a história de São Paulo e do domínio econômico de sua burguesia. Se a compreensão da história do capitalismo do Brasil não pode prescindir da compreensão da história de São Paulo, não é cabível, por outro lado, entender as demais regiões como parte menor da configuração histórica nacional.¹⁵

Tal prática é quase uma aculturação, assim como ocorreu com a cultura “cerratense”, jogada ao esquecimento por esse projeto de unidade nacional que privilegiou territórios, povos e culturas específicos em detrimento de outras, na historiografia tradicional. Num país com dimensões continentais e tão diverso quanto o Brasil, tal prática configura, pelo menos, uma negligência a ser refletida mais profundamente. Le Goff acrescenta que:

Os trabalhos de sociólogos, filósofos, artistas e críticos literários tiveram, no século XX, um considerável impacto sobre novas concepções do tempo que a ciência histórica acolheu. Assim, a ideia da multiplicidade dos tempos sociais, elaborada por Maurice Halbwachs [1925; 1950], foi o ponto de partida da reflexão de Fernand Braudel [1958], concretizada num artigo fundamental sobre a "longa duração", que propõe ao historiador a distinção de três velocidades históricas, as do "tempo individual", do "tempo social" e do "tempo geográfico" – tempo rápido e agitado do *événementiel* e do político, tempo intermediário dos ciclos econômicos ritmando a evolução das sociedades, tempo muito lento, "quase imóvel", das estruturas.¹⁶

¹⁵ BITTENCOURT: 2003, p. 161

¹⁶ LE GOFF: 2013, p. 58

É preciso redescobrir, resgatar, contar essas histórias, dialogar com esses sujeitos, tirar da periferia da história nacional não só essas regiões, mas esses povos e essas culturas, para que muitos desses suburbanos dos grandes acontecimentos políticos do país percebam-se, também, brasileiros, a partir do conhecimento e da inserção da história de sua região num contexto mais amplo da História do Brasil. Como nos diz Bittencourt:

A história regional passou a ser valorizada em virtude da possibilidade de fornecimento de explicações na configuração, transformação e representação social do espaço nacional, uma vez que a historiografia nacional ressalta as semelhanças, enquanto a regional trata das diferenças e da multiplicidade. A história regional proporciona, na dimensão do estudo do singular, um aprofundamento do conhecimento sobre a história nacional, ao estabelecer relações entre as situações históricas diversas que constituem a nação.¹⁷

Contextualizando a análise

Formosa, Goiás, é um município integrante da chamada RIDE – Região Integrada de Desenvolvimento Econômico - no entorno de Brasília-DF. Cidade com destacada e histórica atividade agropecuária, tem fortes laços com Brasília, onde muitos de seus habitantes trabalham, atraídos por melhores salários, e onde mais habitantes ainda consomem e buscam modalidades de diversão e entretenimento que uma cidade do interior nem sempre oferece. A proximidade com Brasília tem trazido a Formosa, cada dia mais, características de cidade-dormitório.

A cidade conta com pouco mais de 115.000 habitantes, sendo a 9^a mais populosa do Estado de Goiás, a 10^a em extensão territorial e a 14^a em PIB, ocupando, no entanto, apenas o 138º em PIB *per capita*, o que dá para ilustrar bem a concentração de renda e desigualdade social que caracterizam o município.

¹⁷ BITTENCOURT: 2008, p. 161

Figura 1: entrada de Formosa



Fonte: <http://www.viagenspelobrasil.net>

Figura 2: Cachoeira do Bisnau (ver mais: p. 44)



Fonte: <http://www.curtamais.com.br>

Figura 4: Lagoa Feia (ver mais: p. 60, 132 e 146)



Fonte: <https://www.youtube.com>

Figura 6: Poço Azul



<https://www.flickr.com>

Figura 3: Cachoeiras do Indaiá



Fonte: <https://www.flickr.com>

Figura 5: Cachoeiras do Indaiá



Fonte: <https://www.flickr.com>

Figura 7: Buraco das araras



<https://www.visitobrasil.com.br>

Figura 8: Vista áerea do Buraco das araras



<https://www.visitobrasil.com.br>

Figura 10: Poço Azul



Fonte: <https://www.flickr.com>

Figura 12: Vista aérea da Praça da Matriz



Fonte: <https://viagemeturismo.abril.com.br>

Figura 14: Vista aérea da Lagoa Feia



Fonte: <https://www.youtube.com>

Figura 9: Vista aérea do Salto do Itiquira



<https://www.soubrasilia.com>

Figura 11: Cachoeira da Água Fria



Fonte: <http://www.curtamais.com.br>

Figura 13: Laguinho do vovô



Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br>

Figura 15: Coreto da praça Rui Barbosa



Fonte: <http://g1.globo.com/goias>

O descaso com a história e o patrimônio da cidade, por sucessivas gestões de prefeitos oriundos das famílias mais tradicionais da cidade, impressiona. Praticamente inexiste qualquer política de produção historiográfica regional, de proteção e divulgação dos patrimônios municipais, das tradições e da cultura da região. Nem mesmo muitos dos prédios tombados se mantiveram de pé. Nem mesmo o único livro, durante mais de 70 anos sobre a história da cidade, teve, sequer, uma reedição nos últimos 40 anos – ou mesmo uma versão digital disponibilizada para a população. Até a página da prefeitura municipal não conta mais sua história. Parece uma cidade sem passado, embora o tenha, e muito rico.

Não só é desconhecida, por exemplo, a história do já referido Visconde de Porto Seguro, como da maioria dos demais personagens da cidade, grosso modo. Talvez o primeiro a registrar imagens de Formosa, a mapear e detalhar seu território, hidrografia, fauna, flores, hábitos, origens, tenha sido Luis Cruls - por ocasião da Comissão Exploradora do Planalto Central, aqui enviada para demarcar a área do futuro Distrito Federal, em 1892 -, o qual a maioria da população e, inclusive, dos integrantes dos poderes municipais desconhece. Há riquíssimos sítios arqueológicos (como a Toca da Onça e do Bisnau, p. 44) em que poucos vêm ou conhecem a história; alguns, sequer, sabem que existem.

Como observam Cristina Reis Figueira e Lílian Lisboa Miranda, “é preciso estimular o aluno a identificar e a compreender as possíveis relações entre os lugares de memória examinados e os segmentos sociais aos quais estão relacionados”¹⁸. Embora seja tradição explicar a história do Estado, não o é da região, como aponta, com propriedade, Circe Bittencourt:

A identidade resultante desse sentimento de pertença à terra natal, à província (depois Estado) ou região antecipou a constituição de uma identidade nacional e justificava (ou justifica) plenamente a inserção das histórias do Estados ou regionais como conteúdo histórico escolar.

Em propostas curriculares atuais para as séries iniciais do ensino fundamental e em produções didáticas, as histórias dos Estados são mantidas, mas não exatamente uma história regional.¹⁹

¹⁸ FIGUEIRA: 2012, p. 75

¹⁹ BITTENCOURT: 2008, p. 162

Mesmo nas histórias dos Estados, o discurso, de certa forma, tem sido de legitimação das classes dominantes:

O conceito de cidadania, criado com o auxílio dos estudos de História, serviria para situar cada indivíduo em seu lugar na sociedade: cabia ao político cuidar da política e ao trabalhador comum restava o direito de votar e de trabalhar dentro da ordem institucional. Os efeitos dos “grandes homens”, de seres predestinados, haviam criado a nação e representantes destas mesmas elites cuidariam de levar a nação ao seu destino. O fortalecimento do espírito nacionalista proporcionou as “invenções de tradições”, de maneira semelhante ao que acontecia em outros países europeus, conforme analisa o historiador inglês Eric Hobsbawm. No Brasil, as “tradições inventadas” deveriam ser compartilhadas por todos os brasileiros e delas deveria emergir o sentimento patriótico. A História tinha como missão ensinar as “tradições nacionais” e “despertar o patriotismo”.²⁰

Seria interessante, portanto, que o aluno se se sentisse protagonista, não um mero espectador da política e da história nacionais. E isso passa por histórias localizadas, para que perceba que seu estado, sua cidade e sua comunidade também fazem parte das transformações históricas e políticas do país. Assim, pode ser que seja extremamente pertinente a produção do referido “Guia Didático da História de Formosa”, para que o professor possa inseri-lo no ensino de história convencional, acrescentando o ali exposto às épocas em que estiver trabalhando; suprindo, como nos diz Selva Guimarães, “...a lacuna existente entre a história que se discutia e se produzia na academia e aquela destinada ao ensino nas escolas de 1º e 2º graus”, mostrando, ainda segundo Guimarães, que “...a “história oficial” consegue excluir, silenciar, ocultar os outros projetos e ações, mas não consegue eliminá-los da memória coletiva”.²¹

Creio, portanto, na pertinência e relevância da edição do “Guia Didático” aqui proposto. Inclusive, os capítulos II e III da presente dissertação o integrarão como capítulos I e II. Virá ao encontro das diretrizes do ProfHistória a produção de um Guia Didático da História de Formosa, que sirva de instrumento aos professores, alunos e

²⁰ BITTENCOURT: 2008, p. 64

²¹ GUIMARÃES: 2012, p. 70

munícipes de uma maneira geral. Apresentado inicialmente em formato físico, um livro, será oferecido às autoridades de ensino da região para que seja utilizado pela rede e, com o tempo, disponibilizado também em formatos digitais para que possa ser acessado da forma mais democrática possível: nas plataformas de que atualmente a internet dispõe.

Fruto da releitura conjugada da história local já escrita, com a memória colhida por amostragem de alguns moradores, o “Guia Didático da História de Formosa”, doravante apresentado – seus capítulos I e II são, respectivamente, os capítulos II e III da presente dissertação – é uma - senão competente, ao menos sincera - tentativa de instrumentalizar os docentes, os discentes e os interessados na história local, de uma maneira geral, com uma fonte, um material, um meio resumido, porém confiável, a partir do qual possa introduzir-se e, com as fartas referências aqui presentes, aprofundar-se no universo da história da região, se não desconhecido, ao menos pouco explorado, em grande medida, exatamente pela falta de meios adequados. Voltado para o Ensino de História, adota uma metodologia permeada pela didática historiográfica. É, pois, não um livro de história, mas de Ensino de História. É, sobretudo, não um livro de história, mas um guia, que orientará o leitor no sentido em que desejar se aprofundar, sendo, antes de tudo, um portal para o estudo da história de Formosa-GO.

CAPÍTULO I - O ESTADO DA ARTE

Ao decidir-me por produzir um estudo e uma obra sobre a história de Formosa, ainda mais com o cunho didático, voltado ao ensino da disciplina, já sabia por experiência própria, da época da graduação e, posteriormente, também da docência, da carência de fontes bibliográficas temáticas. Sabia, sobretudo, da carência não só de obras que abordassem a história do município, mas, também, que o fizessem de maneira didática. Ainda assim, por tratar-se de um trabalho acadêmico, científico, uma dissertação de Mestrado, fui compelido a levantar o Estado da Arte para justificar a pertinência da pesquisa que converter-se-á em obra.

A dificuldade da empreitada foi imensa. Primeiramente, pelo motivo que ensejou e legitimou a escolha do tema: carência de obras. Há uma produção realmente escassa sobre o assunto, dado o tamanho e a idade da cidade. Segundo, além da escassez de obras, os exemplares das existentes são raros, difíceis de encontrar, tiveram tiragens diminutas. Para que se possa ter uma ideia, a obra mais referenciada, tida pela maioria como a principal, por pioneira, o “Esboço histórico de Formosa”, de Olympio Jacintho, só teve duas edições: uma em 1930 e outra em 1979. Após muita pesquisa, consegui achar um único exemplar, em péssimo estado, na Biblioteca Municipal, que mandei digitalizar. Os demais exemplares, se ainda existirem, compõem acervos particulares.

A quantidade de obras sobre a história de Formosa chega a ser irrisória. Pesquisei junto a professores, escritores, historiadores e, realmente, a impressão que tive antes de iniciar a pesquisa confirmou-se. Embora tenha constatado haver bastante pesquisa, haviam poucas obras, apesar de um pouco mais que as aqui analisadas. No entanto, a maioria das demais trata apenas de fragmentos, personagens ou episódios históricos isolados, assemelhando-se mais à linha da micro história que da história total da História Nova, cujo caráter de abranger, tradicionalmente, períodos de longa duração, aproxima-se mais da história didática, da história enquanto disciplina.

No intuito de descobrir novos fatos, novas fontes, continuei a pesquisa junto universidades e estudiosos deste ou daquele período, no intuito de coletar as fontes em que beberam. Nesse ínterim, percebi o crescente interesse da comunidade acadêmica e do mercado editorial especializado na história de Brasília, sobretudo no período anterior à sua inauguração, e percebi ali uma oportunidade de, na busca por Brasília, acabar encontrando Formosa. De fato, descobri muito da história de Formosa, em termos de fatos novos - não narrados nas obras dedicadas à cidade -, em estudos da UFG e da UnB, em

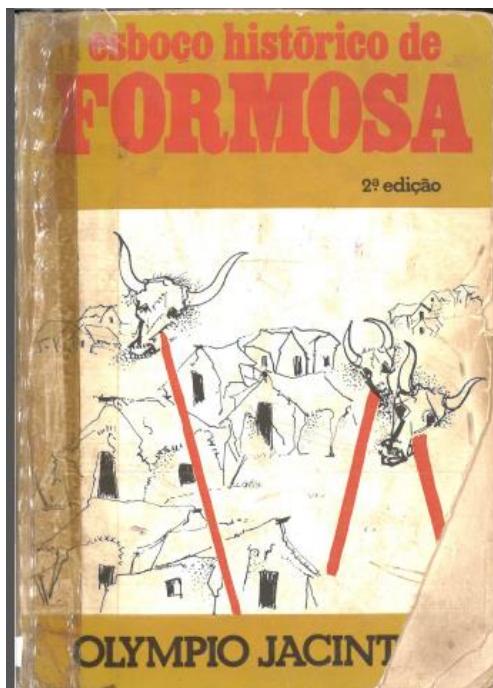
livros sobre a história de Brasília. No que tange aos sítios arqueológicos e aos primeiros habitantes da região, então, praticamente tudo que consta da dissertação foi descoberto nessas fontes e não constava das obras aqui analisadas.

Enfim, após intensa pesquisa e seleção de obras que pudessem ser usadas, após apresentação do Projeto de Qualificação, em consenso com a minha orientadora, chegamos à decisão de filtrar todo esse material, selecionando apenas 5 obras que, ao nosso ver, representavam o Estado da Arte nesse campo de pesquisa, qual seja, a história de Formosa:

- Esboço Histórico de Formosa, de Olympio Jacintho, edição de 1979;
- Brasília e Formosa: 4.500 anos de história, de Gustavo Chauvet, edição de 2005;
- Formosa em retinas idosas, de Jucelina de Moura Lôbo e Marco Aurélio Bernardes, edição de 2005;
- Formosa: Cidade e Povo, de Gilvan José Teixeira, edição de 2010; e
- Álbum de Formosa: um ensaio de história de mentalidades, de Alfredo Saad, edição de 2013.

A primeira obra, de Olympio Jacintho, foi usada por todos os outros 4 autores, é a referência, o ponto de partida de qualquer obra que trate sobre Formosa. Olympio Jacintho era um militar, fazendeiro e político muito influente na região. Sua obra foi lançada em 1930, foi a primeira e, por mais de 70 anos, a única sobre a história de Formosa. Ele relata ter ouvido contemporâneos seus que teriam sido contemporâneos dos primeiros habitantes do Arraial dos Couros, que deu origem a Formosa. Talvez por isso tudo sua obra seja a referência, até nos equívocos, para as demais e, em grande parcela, para a representação que muitos na sociedade formosense têm sobre os períodos ali narrados.

Seu texto é recoberto de referências patrióticas e feitos de formosenses ilustres, demonstrando um certo – talvez, até, exacerbado - elitismo nas escolhas dos fatos ali narrados e das personagens ali inseridas. Tal observação, entretanto, está longe de significar a condenação de tal postura, posto que há que se supor e considerar ser fruto de sua época, de sua ocupação, de seu lugar na sociedade. É uma simples constatação, de uma prática que, atualmente, não é tal usual no ofício do historiador, considerando sua filosofia, sua epistemologia, sua práxis, ao menos fora da dita historiografia oficial ou panfletária.



Há na obra, aparentemente, ainda que não deliberadamente, um impulso de se escrever a história sob um determinado prisma, uma determinada ênfase, que viria, como o tempo mostrou, a legitimar algumas situações e relações de poder e influência durante muito tempo estabelecidas na cidade:

“Esboço histórico dos primórdios e da evolução da cidade de Formosa, até o fim do ano de 1930, com referência a feitos de varões esforçados, que se empenharam na luta patriótica de fazer com que seja ela, um dia, uma cidade digna do nome que tem”.²²

Jacinto relata, também, o uso de uma incipiente e ainda despercebida história oral, presente nos relatos de quem ouviu as histórias de alguns dos primeiros habitantes do então Arraial dos Couros. Muitas dessas histórias chegaram aos dias de hoje e compõem, na tradição oral, o mito fundador da cidade:

Em nossa juventude, nos entretínhamos com as palestras instrutivas do Capitão João Moreira Ribeiro, que, discorrendo sobre diversos assuntos, nos contava o que ouvira, senão dos primeiros habitantes de Couros, ao menos dos descendentes daqueles que

²² JACINTHO: 1979, p. 11

levantaram suas tendas no local, ainda desabitado, que hoje é a cidade de Formosa.²³

Assim como boa parte dos demais historiadores locais, assenta o início da história da cidade a partir do Ciclo do Ouro, da passagem dos Bandeirantes, negligenciando povos nativos que por aqui passaram, conforme denunciam antiquíssimos e numerosos sítios arqueológicos presentes no município. Apesar da boa vontade e da imensurável contribuição de seu inaugural estudo que resultou na pioneira obra historiográfica formosense, carece de uma estrutura mais didática, embora em momento nenhum o autor declare a pretensão de ter a obra essa natureza. A narrativa e muito do que ali é apresentado, inclusive, acredito que até prejudicariam seu uso didático, pois em determinados momentos parece mais um relatório, um inventário, um balancete com dados e atas expostos de forma cronológica, deixando transparecer, talvez, o edil que tenta prestar contas, antes do historiador e sua narrativa. São muitas informações técnico-administrativas, burocráticas, aparentemente desnecessárias, que tiram um pouco da atratividade da obra, pois em muitos momentos temos que percorrer várias páginas apenas correndo os olhos, fugindo desses relatórios técnicos e buscando a narrativa histórica propriamente dita.

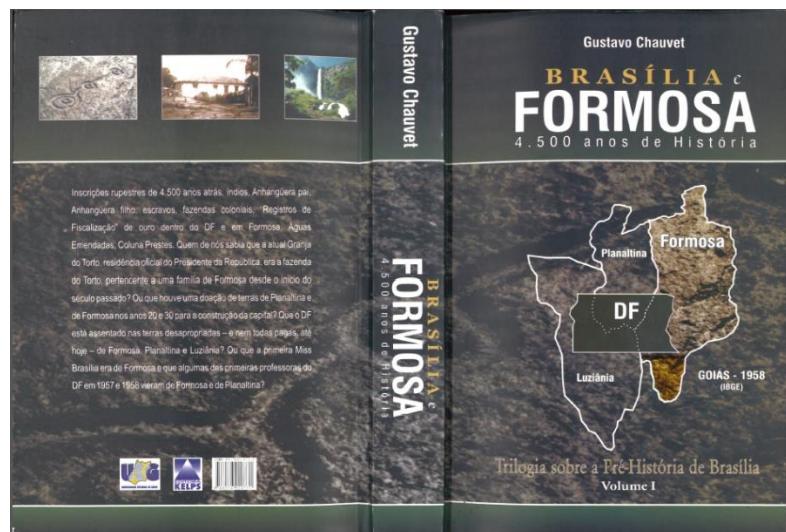
Ademais, percebo um protagonismo um tanto quanto fora dos padrões atuais de personagens em detrimento da interpretação e da contextualização dos eventos em que se inserem. Em alguns momentos chega a ser engraçado o quanto forçoso isso se dá, convertendo vários trechos de uma obra tão rica e singular em espécie de “Livro dos Ilustres” ou “Anais da Aristocracia Formosense”. Apesar de tudo, é, certamente, senão a mais atraente, de leitura mais agradável – embora proporcione boas risadas em alguns eventos ali narrados -, a obra mais importante da historiografia local, mesmo cessando sua narrativa em 1930. Traz dados e informações extremamente valiosos e contribui sobremaneira para a pesquisa.

Além dos relatos de personagens que conviveram com os primeiros moradores, muitas das opiniões ali expressas, revelam muito sobre a composição e a mentalidade da sociedade formosense da época, ou de parte dela. Dados e documentos oficiais, uma série de citações e referências bastante primárias ajudaram no cumprimento das exigências científicas do fazer historiográfico aqui proposto. No entanto, por todo o exposto, pela metodologia, pela narrativa, pelo volume, a subjetividade e imprecisão, poucos, mas

²³ JACINTHO: 1979, p. 11

importantes, ali detectados, não há que se conceber que a obra sequer se confunda com um guia didático da história local.

A segunda obra analisada foi “Brasília e Formosa: 4.500 anos de história”, de Gustavo Chauvet. Confesso que foi a obra que mais gerou expectativa e, no entanto, talvez a que tenha causado mais deceção. Lançado com toda a pompa, o livro, do ponto de vista da apresentação, é fantástico: lançado pela maior editora goiana, com diversos subsídios públicos, possui uma bela capa, é colorido, repleto de mapas, fotos e documentos em quase 500 páginas; apesar do volume assustar, parecia, enfim, ser um trabalho de envergadura, à altura dos anseios daqueles tantos formosenses interessados em saber mais sobre a história do local onde vivem.



Não que o livro não seja bom, mas a expectativa por ele ensejada foi alta demais e o resultado do conteúdo inserido naquela capa tão bela não atende aos requisitos mínimos dos padrões exigidos pela escrita da História e, em muitos casos, sequer dos meios acadêmicos, independentemente da área. Causou espanto, vindo de um professor que, embora não seja da área, é universitário. Mais que tudo, deixou uma sensação de lamento, por uma oportunidade perdida, que apesar de tantos recursos, meios e tempo, não resultou em algo mais elaborado.

O autor, como dito, é professor universitário da Licenciatura em Letras, em uma instituição privada local, e, durante algum tempo, o foi também na UEG. O próprio assume em seu livro que parte do conteúdo ali apresentado é fruto da pesquisa realizada por seus alunos da graduação em Letras, o que, de certa forma, justifica os deslizes identificados por mim e todos os colegas da área de História, sem exceção, que também analisaram a obra.

Há erros crassos. Por exemplo: um dos maiores esforços que empreendi foi em detectar um aspecto que julgo de extrema importância para a história da cidade e que, não sei por que razão, foi simplesmente omitido ou tratado de forma bastante superficial nas obras aqui analisadas, que é a questão dos negros fundadores da cidade. Me propus a tentar entender, primeiro, de onde saíram, em que condições e como chegaram ao povoado de Santo Antonio, de onde partiram para fundar o Arraial dos Couros, sendo a primeira rua do local denominada “Rua dos Crioulos”, conforme afirmam todas as obras. Queria encontrar respostas, saber quem veio na sequência desses negros, para batizar aquela rua de “Rua dos Crioulos”, visto que, parece óbvio, não seriam os próprios negros quem daria tal nomenclatura ao logradouro, pois imagino que viam-se como humanos, e não classificados por cores. A questão das mais importantes que surgia, por fim: onde foram parar esses negros pioneiros, já que a cidade não possuía, ao contrário de alguns municípios vizinhos - também fundados por negros a partir de quilombos e cujas populações foram, até recentemente, majoritariamente negra - como Flores de Goiás, Cavalcante-GO e Paracatu-MG, tantos negros na sua composição? Ao analisar as obras buscando indícios, cruzando informações, identifiquei no livro de Chauvet diversos descuidos no tratamento das fontes e, sobretudo, das informações. Até das citações. Em determinado trecho, ele afirma que:

1757 - Os primeiros negros formosenses

A primeira moradora negra do Arraial dos Couros é dona Bibiana Maria da Conceição em 1757. O segundo é o "Sr: Manoel Thomaz, em 1776 (JACINTHO, 1979). Jacintho (1979, p. 20) comenta sobre a tradição vigente em Formosa que diz "quando os crioulos do Paraná se mudaram para o lugar que se denominou - Couros, já existia, de anos, o registro da Lagoa Feia".²⁴

Aparentemente ele traz uma revelação histórica das mais importantes de toda a pesquisa: a primeira negra da cidade que foi fundada por negros, que, aparentemente, sumiram sem deixar maiores vestígios (nem no nome da rua, que veio a se tornar área nobre e teve seu nome mudado). Só que não... Abaixo segue a transcrição integral do tópico em que Jacintho menciona os negros mais antigos da cidade e que, em nenhum momento, sequer, dá a entender aquilo que Chauvet afirma:

²⁴ CHAUVENT: 2005, p. 126

Pessoas que conviveram, senão com os primeiros, com os descendentes mais próximos dos primeiros habitantes de Couros.

Bibiana Maria da Conceição, segundo consta do seu registro de óbito, era natural da vila de Flôres; filha de Antonia Maria da Conceição e viúva de Manoel Joaquim. Deixou diversos descendentes e dentre eles um tataraneto de mais de 20 anos - João Evangelista de Albernaz. Faleceu, a 26 de dezembro de 1887, com 130 anos de idade.

Manoel Thomaz faleceu em 1876, com 100 anos, mais ou menos. Foi suplente do Fiscal do julgado dos Couros, em 1837.

Bernardino de Carvalho Maya faleceu com 86 anos a 9 de janeiro de 1885, conforme o seu registro de óbito. Foi suplente do Fiscal de Couros, em 1841. Era natural de Santa Luzia, de onde mudou-se para Couros, em 1830, mais ou menos, como ele mesmo contava. Deixou muitos descendentes em Formosa.

Justina Pereira Pinto, pelo seu registro de óbito, faleceu, com 80 anos, a 22 de junho de 1885, e era natural de Santa Luzia.

Romana Nunes de Araujo (Romana Prêta) faleceu, com 70 anos, a 7 de setembro de 1887. Era natural de Santa Rosa, como consta do seu registro de óbito.

Violante da Costa (Tia Viola) faleceu, com mais de 80 anos, a 21 de maio de 1885. Era descendente dos primeiros habitantes de Couros e residia no local das primeiras habitações.

Maria Rodrigues de Oliveira (Maria Ferreira) faleceu em 1915, com mais de 100 anos. Era de robustez admirável e de memória prodigiosa. Natural de Santa Luzia, veio para Couros, ainda criança, e assistiu a sua evolução, passando à vila e à cidade Formosa da Imperatriz. Deixou muitos descendentes.

Simão Rodrigues Pombo (Simão Pombo), ferreiro, veio para Formosa, quando moço. Era natural de Traíras. Morreu octogenário, a 18 de dezembro de 1880.

Manoel Aventino da Silva, natural de Santa Rita do Sabará, **Minas**. Residiu, por muitos anos, em Mestre d'Armas (Planaltina), passando, depois, a sua residência para Formosa, onde faleceu a 5 de dezembro de 1900, com 97 anos de idade.

Nota. Conhecemos todos esses velhos; com alguns deles entretivemos palestras sobre os primórdios de Formosa. Maria Ferreira se expandia com prazer, relatando o passado. Dizia: Eu sou muito velha, meu filho; quando vim para aqui, havia ainda poucas casas; e continuava, fazendo referências minuciosas, quanto ao que encontrou e ao que se passou, em Couros, que assistiu ser elevado à vila e à cidade, com o nome de Formosa da Imperatriz.²⁵

Esse é apenas um dos diversos erros encontrados na obra de Chauvet. Há, ainda, citações sem constar a página, diversos erros de português, fatos enumerados conjuntamente, sem a menor conexão um com o outro, entre tantas falhas, infelizmente, identificadas na obra.

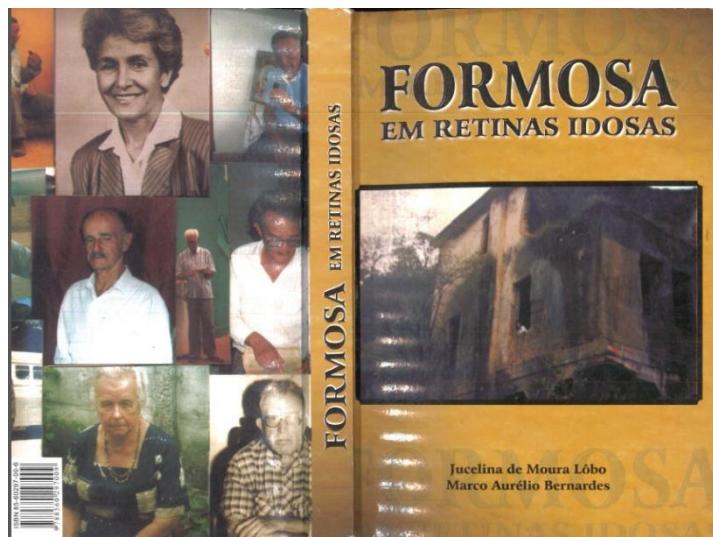
Apesar de tudo, há muita coisa boa e útil ali também. A iconografia do livro é fantástica. As referências bibliográficas e muitas documentações citadas, idem. Há, também, diversos trechos em que há análises e conexões bastante relevantes e pertinentes, com elevada propriedade, em alguns casos. Tanto que, desses destaques positivos ali garimpados, vários são citados na escrita da história constante no capítulo II da presente dissertação. Apesar de todos os problemas detectados, ainda assim, referencia a obra, pois há muito de valor ali, sim. Contudo, por todos esses e mais outros tantos motivos, não pode ser considerado um livro didático sobre a história de Formosa. O olhar do historiador de formação é, evidentemente, mais crítico e perspicaz quanto às nuances aqui realçadas. No entanto, ao leitor menos precavido, o próprio guia didático já servirá de peneira, que municiá-lo-á das informações necessárias para detectar eventuais incoerências nas obras para as quais, a partir dali, venha a ser guiado.

A terceira obra analisada é de um professor de História de Goiás que foi contratado pela UEG durante o período em que eu cursava a Licenciatura em História e, consequentemente, tive a honra de ser aluno para, posteriormente, nos tornarmos colegas na SEEDF: “Formosa em retinas idosas”, de Marco Aurélio Bernardes e sua esposa, Jucelina de Moura Lôbo.

Fruto de anos e anos de coleta de entrevistas com algumas das pessoas mais antigas na cidade, é um trabalho quase que exclusivamente de História Oral. Um livro cuja leitura é agradável, com uma narrativa um tanto quanto brejeira, carregada de

²⁵ JACINTHO: 1979, p. 206

“causos”, de visões e representações bem *sui generis* de acontecimentos históricos; é uma leitura que vale muito a pena, tanto como entretenimento, quanto como história.

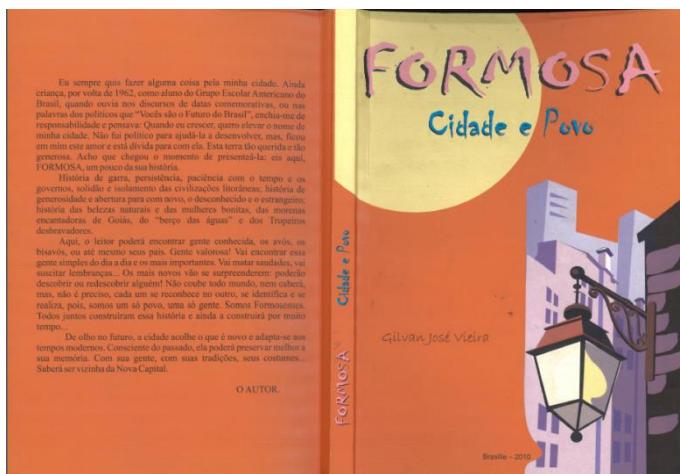


O livro parte, basicamente, de onde Olympio Jacintho parou: 1930. O faz, por considerar que o período anterior já houvera sido eficiente e suficientemente abordado pelo pioneiro historiador, mas também pela idade dos entrevistados, todos idosos, cujo início das vidas coincidia com o período final da narrativa de Jacintho. É um livro de memórias, sim, porém bem específicas: as memórias dos idosos, cuja maioria é oriunda de famílias tradicionais da cidade (discurso com o qual o presente guia tenta dialogar apresentando outros atores), o que transparece claramente em algumas opiniões ali contidas. É, entretanto, também um livro de história, pois os autores se esforçam em relacionar a história escrita com a história lembrada, mantendo, inclusive e na medida do possível, uma sequência cronológica.

Como é preciso analisar a obra em todos os seus aspectos, não posso me furtar a apontar algumas características que, embora não diminuam a beleza do trabalho, o definem e distinguem da proposta aqui apresentada. A narrativa em alguns momentos, sobretudo quando traz referências históricas para situar o contexto daquilo que o depoente rememora, carece, em diversos momentos, de embasamento; em outras passagens, fica difícil estabelecer as conexões feitas, como se fossem dados soltos no tempo, para tentar achar um discurso historiográfico que os legitime ou remeta à fala do entrevistado. Muitas citações não são referenciadas, o que pode comprometer a credibilidade do dado apresentado. A escrita é eivada de erros ou carregada de uma informalidade, imprecisão ou subjetividade em diversos momentos, o que também não é muito aconselhável. Ademais, não adota – até por que não tem essa pretensão, essa proposta – uma metodologia ou uma disposição que favoreça à didática, ao ensino. Talvez esteja situada,

a obra, no campo da literatura histórica. Tem, contudo, muito mais qualidades – sendo algumas delas singulares – que deslizes, motivo pelo qual também a referenciai com citações em diversos momentos da dissertação, para que o eventual leitor, que se interesse por esse aspecto, esse enfoque da história local, possa recorrer a essa interessantíssima obra com abordagem oral.

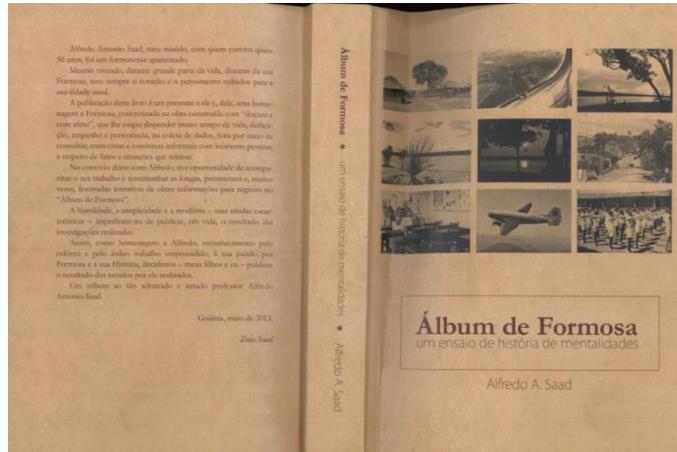
A quarta obra analisada é historiográfica sim, mas, talvez, pertencente a uma história mais quantitativa. “Formosa: cidade e povo”, de Gilvan José Teixeira. É quase um livro de curiosidades históricas, de estatísticas, um inventário acrítico, literalmente, como indica o título, do povo e da cidade. Traz uma relação de pessoas ilustres, mas também de profissionais de diversas áreas – cujo critério não consegui assimilar -, aleatoriamente, fazendo um esboço bem sucinto de quem foram tais personagens. Traz também dados e indicativos socioeconômicos, geográficos, etc.



É um livro interessante, tanto que um dos capítulos do Guia Didático da História de Formosa terá como tema, parte do que trata a referida obra; porém, com um enfoque e uma abordagem ligeiramente diferentes: quem são as pessoas que nomeiam os espaços públicos, os lugares de memória? Quais suas relações com a história da cidade, quais os seus respectivos papéis na história, a relevância, para fazerem jus à inserção de seus nomes na posteridade com tais homenagens?

É um livro em cuja fonte, certamente, beberei muito na composição do capítulo citado no parágrafo anterior, mas que, no entanto, foi pouco referenciado nos capítulos aqui constantes, pois, dada a natureza do livro, pouco teve a contribuir com os demais aspectos abordados e inseridos na presente dissertação. Não tem, assim como os outros, natureza didática. Contudo, é um livro honesto, coerente e competente, dentro daquilo a que se propôs.

O último livro analisado, “Álbum de Formosa: um ensaio de história de mentalidades”, de Alfredo Saad, foi a obra que mais apreciei. Adianto, já de início, não ser, também, uma obra de cunho didático. Mas é uma obra fenomenal. Fruto de quase uma vida toda de coleta de dados, fotos, mapas, entrevistas, estudos, é extremamente bem escrita, com uma narrativa maravilhosa, apesar de ser um livro bem volumoso, também.



Muito bem dividido, com uma sequência muito lógica, conexões precisas entre citações, opiniões e iconografia perfeitos, é, não enquanto obra didática, evidentemente, mas como um livro sobre a história da cidade, o que alcançou o verdadeiro Estado da Arte, o que de mais bem feito foi produzido sobre o tema. Alfredo Saad era professor, irmão de professor, membro de uma tradicional e imensa família de imigrantes árabes, que dedicou todo seu tempo livre, ao longo de décadas, à escrita do livro. Não teve, infelizmente, a oportunidade de lança-lo, pois veio a falecer antes, porém com a obra já concluída – ao menos para quem lê, pois ele, pelo que me informei, já que não o conhecia, era muito perfeccionista, e se não lançou o livro em vida, é por que julgou que ainda faltava pesquisar ou decifrar algo que sentia a necessidade de ali incluir, antes de mandar para a editora. Felizmente, a família teve a iniciativa de realizar um lançamento póstumo e presentear a cidade com tão maravilhosa obra. Infelizmente, a tiragem parece ter sido pequena e não foi disponibilizada em versão digital. Vim a descobrir a obra a partir da leitura de um trecho da mesma publicado em uma revista online. Encantando, de fato, depois de tanta procura, por achar algo tão bem feito, procurei a proprietária da revista que, gentilmente, me emprestou seu livro para que eu pudesse digitalizar. Assim como todas as obras raras aqui analisadas, disponibilizei as versões digitais na principal copiadora da cidade para que tantos quantos queiram tenham acesso.

A obra é de tal forma bem sucedida, na minha opinião, que fico, sinceramente, constrangido de ter que avaliar qualquer aspecto que um olhar mais crítico possa apontar.

Não me sinto digno nem competente o suficiente para ousar fazê-lo, mas sou obrigado. No entanto, tenho pouquíssimas observações a fazer: a questão já referida dos negros ainda permanece, mesmo ali, também negligenciada, assim como o período pré-histórico, embora - depois da obra de Paulo Bertran - dentre as aqui utilizadas, tenha sido a que mais se esforçou em compreender o período e retratá-lo.

Descendente árabe que era, Saad, nos traz um visão única e reveladora da saga dessa gente que dominou o comércio em geral e o mercado imobiliário em Formosa durante tanto tempo – tendo papel ainda muito relevante até os dias atuais. No entanto, assim como as outras quatro obras selecionadas como o Estado da Arte no tema, Saad também se rende a uma narrativa que privilegia o protagonismo de famílias tradicionais da cidade, embora numa proporção bem menor que as outras e com uma diferença fundamental: elege as famílias de ascendência árabe.

No mais, é uma obra que, em diversos aspectos, confesso, até invejo. Uma inveja boa: gostaria de tê-la escrito, de ter a competência, habilidade e, ao mesmo tempo, elegância, simplicidade e autoridade narrativa de Alfredo Saad, que me forçou uma autoanálise sobre o quanto preciso evoluir. Por todo exposto, restará claro ao longo da dissertação, sobretudo o capítulo II, por que é a obra, talvez, mais citada e referenciada ao longo do texto. Se o meu enfoque não fosse um formato “Guia” com uma finalidade “Didática”, provavelmente não ousaria tentar acrescentar algo ao que já havia sido escrito por Alfredo Saad, embora me atreva, em alguns raros momentos da dissertação, a tentar contribuir, arriscando-me em algumas interpretações alternativas e buscando suprir algumas poucas lacunas dentro da própria história.

Na análise de todas essas obras para a composição do trabalho, foi imprescindível um cruzamento de dados, tanto das obras em si, quanto das obras e documentos nelas citados, para identificar em cada um dos livros aqui analisados, tidos por Estado da Arte do tema, a convergência entre as informações e, até mesmo, elucidar questões controversas ou omissas. As referências bibliográficas e documentações ali lançadas - até então, muitas delas desconhecidas para mim -, lançariam uma luz por meio também da consulta direta às próprias, dirimir diversas dúvidas e encontrar um caminho mais próximo do esperado para um livro didático sobre a história local.

CAPÍTULO II – A HISTÓRIA

PRÉ-HISTÓRIA

Bisnau e Toca da Onça

A história de Formosa remete, ao contrário do que o senso comum possa fazer crer, a mais de 4.500 anos, pelo menos. Vestígios encontrados em sítios arqueológicos demonstram que havia no município, muito antes da chegada dos primeiros bandeirantes, civilizações indígenas habitando o Planalto Central do Brasil, a região onde foi instalada Brasília e, consequentemente, se encontra Formosa-GO.

Os vestígios arqueológicos mais importantes encontrados no Vale do Paraná são do período arcaico, no final do Paleoíndio, no qual populações utilizavam os abrigos naturais de maneira instável e tinham uma alimentação baseada na coleta. Na região do Paraná, a ocorrência do relevo cárstico, com suas grutas e lajados, deve ter sido propícia a essas populações; existem alguns vestígios, como pegadas de animais e pinturas rupestres com motivos geométricos.²⁶

Das cinco obras selecionadas para a confecção da presente obra, as duas principais – Esboço Histórico de Formosa e Álbum de Formosa - não fazem qualquer menção aos sítios arqueológicos do município, aos vestígios deixados por aqueles que foram, provavelmente, os primeiros grupos humanos daquele território, denotando, certamente, o despertar um tanto quanto recente do interesse dos historiadores locais pelo tema.

Há, nos limites do território do município, pelo menos, dois importantes sítios arqueológicos que remontam a história do município à Pré-História: os sítios arqueológicos da Toca da Onça e o do Bisnau. Há outros, evidentemente, mas nenhum, ao menos até o momento, tão significativo e rico em informações que dali possam ser extraídas, quanto os dois primeiros citados no presente parágrafo.

Localizado a cerca de 8 quilômetros do perímetro urbano de Formosa, o Sítio Arqueológico Toca da Onça é, na verdade, um complexo composto de diversos sítios com inscrições rupestres em grutas e lapas que, apesar da imprecisão, datam de, pelo menos, 4.500 anos atrás, embora hajam divergências. A região encontra-se no vôlei do Rio Paraná, um dos principais afluentes do Tocantins.

²⁶ BARREIRA: 2002, p. 102

Gravadas nas rochas calcárias comuns na região, as pinturas estão presentes em numerosas lapas e tetos de grutas; vestígios daqueles que provavelmente foram os primeiros habitantes daquela região. Pintadas em tons de vermelho e preto, com material que não se pode afirmar com exatidão qual seja, as pinturas rupestres da Toca do Onça trazem figuras de animais, pegadas, cenas muito provavelmente do cotidiano daquele povo. Há, ainda, algumas pinturas de formas geométricas, às quais ainda não foi possível atribuir um significado ou motivo, mas que, de toda forma, demonstram uma coordenação motora e um conhecimento relativamente desenvolvidos daquela população.

Segundo Gustavo Chauvet, em seu livro “Brasília e Formosa: 4.500 anos de história”, o Sítio Arqueológico Toca da onça consta no Mapa de Inscrições Rupestres de Angyone Costa, de 1934. O local teria, ainda - juntamente com o Sítio Arqueológico do Bisnau -, sido visitado, em 1977, por pesquisadores do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, que participaram do Projeto Bacia do Paraná, os quais investigaram a região e cuja pesquisa resultou em um livro - muito raro, por sinal. No trecho abaixo, temos algumas informações trazidas por Chauvet em sua obra, extraídas do livro do Projeto Paraná, como ficou conhecida a pesquisa da UFG:

O livro relata a única datação oficial que tivemos acesso: em 1972, o pesquisador Pedro Agostinho, da UnB, coletou amostras de carvão datadas em 4.500 AP. Foram constatados 887 pictóglifos, sendo 593 os que estavam em melhores condições para o estudo. Foram encontrados vestígios de fogueiras, restos de alimentação e material cerâmico, além de 157 peças ósseas e odontológicas. Apesar da diversidade de abordagens metodológicas, realizadas na região por diferentes grupos de pesquisadores pode-se concluir, ainda que sempre provisoriamente, que um grupo ou grupos de caçadores e coletores viveram na região, tendo as cavernas como abrigo e a fauna e a flora do cerrado e do planalto como fonte de subsistência.²⁷

Pesquisas alternativas não só apontam que há semelhanças entre as figuras encontradas na Toca da Onça com as encontradas na região de Sete Cidades, no Piauí, como com as encontradas em diversos outros sítios arqueológicos, num clara sinalização de que esses povos não vieram de Formosa e nem lá permaneceram, estando em

²⁷ CHAUDET: 2005, p. 90

movimento, sendo provavelmente povos nômades coletores e caçadores, não havendo muito na literatura especializada que possa dar maiores pistas sobre esses indígenas especificamente.

Nas seis fotos abaixo, é possível observar algumas das inscrições rupestres encontradas no Sítio Arqueológico Toca da onça:



Figura 16

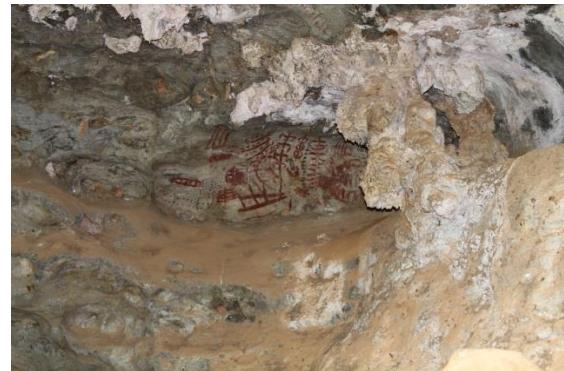


Figura 17



Figura 18

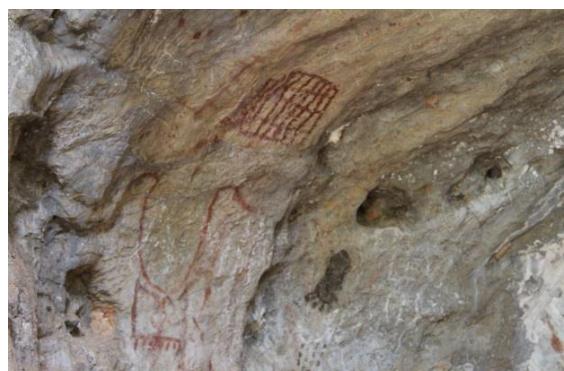


Figura 19

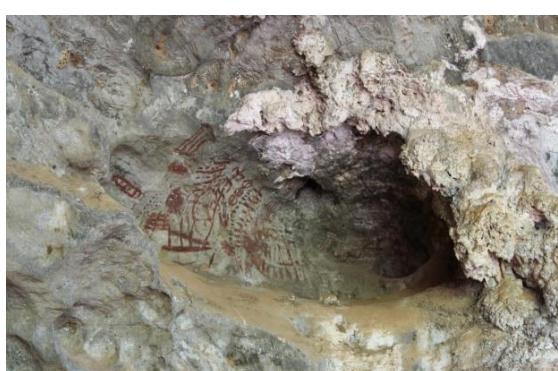


Figura 20



Figura 21

Crédito: Francisco Paulo Falbo Gontijo

Já o Sítio Arqueológico do Bisnau, encontra-se a pouco mais de 40 quilômetros do centro de Formosa. Lá, além de diversas inscrições rupestres, há um enorme lajedo de

mais de 2.000 metros quadrados com diversos petróglifos, escavações em baixo relevo na rocha, formando, em sua maioria, figuras geométricas. Diferem dos achados da Toca da onça em diversos aspectos. Primeiro, quanto à técnica empregada na confecção, já que não é uma pintura rupestre, mas um petróglifo. Segundo, quanto à representação, pois não há, ali, indicações de rotinas de caça, representação de animais, nem nada daquilo comumente encontrado no gênero, mas figuras geométricas muito bem feitas, alinhadas, assemelhando-se mais, em sua maioria, à uma tentativa de representação de alinhamento dos astros, como podemos observar nas fotos abaixo:



Figura 22



Figura 23



Figura 24



Figura 25

Crédito: Francisco Paulo Falbo Gontijo

Não houve, até o momento, um estudo efetivo acerca da idade dos petróglifos do Bisnau, restando, portanto, controvérsias quanto à sua real datação, variando entre 4.500

e 18.000 AP o período aceito por especialistas. Parece também, efetivamente, não ter sido o mesmo povo que deixou seus vestígios na Toca da onça, dada a técnica empregada, as representações e a época. A esse respeito, Chauvet afirma que

Não foi feita nenhuma medição, ou se foi feita, nenhuma das pessoas consultadas tiveram acesso a ela. Alguns estudiosos, como o professor Gabriel Saad, acreditam que os registros do Bisnau sejam muito mais antigos do que os da Laje da Pedra. Segundo os guias, alguns cientistas que estiveram e conviveram com eles comentaram sobre a possibilidade do Bisnau ter 10.000 anos e estar relacionada com o sítio arqueológico da Serra da Capivara, no Piauí.²⁸

Tanto a Toca da onça quanto o Bisnau situam-se em fazendas, propriedades privadas na Zona Rural de Formosa, não tendo havido, até então, notícia de qualquer esforço do poder público para o tombamento, a proteção e a divulgação dos referidos sítios, estando os mesmos, ainda hoje, sujeitos ao uso que julgarem pertinente os proprietários. Estão, ainda hoje, expostos ao vandalismo ou, como no caso do Bisnau, também sofrendo os desgastes da passagem do gado que ali é criado, pisoteando sem óbices as inscrições, destruindo, pouco a pouco, os vestígios da pré-história de Formosa.

Portanto, mais surpreendente do que o que essas fontes revelam, é o fato de terem resistido às ações do tempo e da natureza, às omissões do homem, ao abandono.

COLÔNIA

Na rota dos Bandeirantes

Há, como em quase toda a história do Brasil, um hiato entre a pré-história, desvendada através dos achados arqueológicos, sobretudo, e a chegada dos europeus, no Século XVI. Os nativos desse chão não eram, primeiramente, homogêneos. Embora muitas etnias compartilhassem alguns dos mesmos troncos linguísticos e pertencessem, em alguns casos, às mesmas nações, em sua maioria não possuíam nem meios e nem formas de repassar sua história nos moldes dos europeus, o que dificultou muito a compreensão de como vivia cada um desses povos que habitavam o território onde hoje é o Brasil. Pesa ainda, em nosso desfavor, o fato de a maioria dos nativos que habitavam a América portuguesa ter sido dizimada pela fome, por doenças trazidas pelo colonizador

²⁸ CHAUDET: 2005, p. 91

ou simplesmente por genocídios. Restou muito pouco na tradição oral dos povos remanescentes – ou sobreviventes – que nos ajude a descobrir mais sobre como viviam. Assim, somos, os historiadores, tributários dos trabalhos de arqueólogos e antropólogos, principalmente, que com suas descobertas nos ajudaram e ainda ajudam a elucidar um pouco do que era o Brasil antes de se tornar Brasil.

No que se refere ao Planalto Central do Brasil e, mais especificamente, a Formosa, sabemos menos ainda. Assim, entre a pré-história revelada pelos sítios arqueológicos e a chegada dos colonizadores europeus à época do Ciclo do Ouro, por absoluta falta de meios, permanece um período envolto em dúvidas, o que faz com que, mesmo a contragosto, seja necessário saltar direto à chegada dos bandeirantes à região.

O Planalto Central do Brasil é uma região com uma cultura *sui generis*. Ao contrário do litoral, que concentrava os esforços, atenções e riquezas da metrópole e, posteriormente, do império, a região central do Brasil, grosso modo, foi durante muito tempo uma espécie de terra de ninguém - local no campo de batalha, situado entre as linhas inimigas. Explico: a colonização portuguesa concentrou-se às margens do Atlântico, no litoral brasileiro; a espanhola, às margens do Pacífico, a oeste do continente sul-americano, que estava dividido entre os países ibéricos por uma linha imaginária - que passava a pouco mais de 70 quilômetros a oeste de onde hoje é Congresso Nacional, de acordo com Paulo Bertran²⁹ - estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas, de 1494.

Como as riquezas encontradas nos extremos leste e oeste do continente duraram algum tempo, além das dificuldades encontradas para adentrá-lo, sobretudo com a cordilheira do Andes e a selva Amazônica para quem vinha do sentido oeste-leste, a região central ficou, durante muito tempo, sem ser explorada, abrigando, tão somente, seus próprios nativos.

Sendo o primeiro ciclo econômico do Brasil Colônia o da cana-de-açúcar, cujos canaviais se estendiam de norte a sul do litoral brasileiro, as demais atividades econômicas, ainda que de subsistência, num primeiro momento acabaram sendo empurradas para o interior, como foi o caso da pecuária; os criadores de gado, tendo que se afastar dos canaviais, acabaram chegando ao Planalto Central do Brasil.

Além das motivações acima descritas, outro propulsor da marcha para o oeste, da interiorização para além dos limites do Tratado de Tordesilhas, foram as missões jesuíticas. Tendo perdido um grande número de fiéis e uma boa parte de sua influência

²⁹ BERTRAN: 2011, p. 304

em virtude da Reforma Protestante, a Igreja Católica via no Novo Mundo a oportunidade de ratificar seu domínio em escala global, avançando sobre a população do recém-descoberto novo continente.

Reconhecendo o senso de oportunidade encontrado no fato de as duas grandes potências à frente das grandes navegações serem países extremamente católicos, Espanha e Portugal, a Igreja enviou junto às expedições um grande número de missionários da Companhia de Jesus, os Jesuítas. Esses religiosos adentraram, antes mesmo do colonizador, do criador de gado ou dos bandeirantes, o interior do Brasil, fundando missões em que catequizavam, escolarizavam e, em certa medida, até protegiam os índios, que também foram vítimas da tentativa de escravidão por parte dos bandeirantes. Muitas dessas missões, com seus colégios e igrejas, deram origem a diversas cidades brasileiras, tendo São Paulo como seu maior exemplo. Algumas missões converteram-se, também, em verdadeiros latifúndios, extremamente produtivos e rentáveis, e os jesuítas, alheios à observância do recolhimento do quinto real, passaram a ser enxergados como uma real ameaça ao poder da metrópole, o que, posteriormente, viria a ensejar sua expulsão por um dos símbolos do chamado despotismo esclarecido, o Marquês de Pombal.

A última - e não menos importante - contribuição para a interiorização do Brasil foi dada pelos bandeirantes. Como dito anteriormente, os canaviais tomaram conta do litoral brasileiro. O estado de São Paulo, no entanto, tinha um grande entrave à expansão da lavoura canavieira: a Serra do Mar, verdadeira muralha natural que impedia o avanço dos canaviais para o interior. Sendo uma barreira a muito custo transponível e em muitos pontos intransponível, sobretudo com os meios da época, a Serra do Mar acabou fazendo, grosso modo, com que quem a atravessasse, por lá ficasse. E, assim, começou a se desenvolver uma outra cultura e um outro tipo de comércio no lado oeste da “muralha”.

Encontrando dificuldades em fazer negócios com os portos e os portugueses, os habitantes distantes do litoral começaram a buscar outros meios de sobrevivência, para além da cana-de-açúcar. Passaram também a prospectar, a plantar, a criar. Como não podiam contar com a mão-de-obra escrava africana vendida por Portugal, trazidas de suas colônias do outro lado do Atlântico - como tão bem tratou o professor Luiz Felipe de Alencastro -, os habitantes começaram uma verdadeira corrida para o oeste, as chamadas “bandeiras”, expedições em princípio particulares, a princípio buscando escravizar índios – os “negros da terra” – e, posteriormente, visando a mineração e o comércio em geral.

Os Bandeirantes abriram caminhos, fundaram cidades, destruíram outras tantas, juntamente com diversas etnias indígenas, não medindo os meios para alcançar seus fins,

tendo, no entanto, contribuído decisivamente para interiorização do Brasil e a posse do território que hoje o compõe.

Foi essa mistura que, juntamente com os índios que aqui estavam e os negros que aqui chegaram, deu origem ao *homo cerratensis*, nomenclatura cunhada pelo historiador Paulo Bertran³⁰ para designar o homem do cerrado e, logo, do Brasil Central, da região onde estava Formosa-GO e onde se instalou Brasília-DF. Cultura cerratense, sertaneja, de forte influência indígena, pecuarista, tropeira, católica e bandeirante. Cultura essa que, teria dito Bertran em outras palavras, certamente, foi o verdadeiro e único ouro duradouro encontrado na região.

Quanto a Formosa, sua história passa pela de Goiás, obviamente, por dele fazer parte, mas com ela não se confunde. Embora hajam diversas referências na cidade ao explorador bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhaguera (em tupi, diabo velho), “descobridor” de Goiás, não se tem notícia de que ele sequer tenha passado por seu território. Já o filho – homônimo do pai até na alcunha, embora seja questionável se seus feitos são dignos de alguma homenagem - teria passado pelo território da cidade em busca dos *Guayazes* sem, contudo, nele permanecer. No entanto, as consequências de sua estadia em território formosense podem ter, como veremos adiante, estreita relação com o surgimento da cidade.

Figura 26: Estátua do Anhanguera, em Goiânia



Fonte: <https://alunosonline.uol.com.br>

Dos relatos da passagem da bandeira do Anhanguera filho – que partiu de São Paulo a 3 de julho de 1722³¹ - pela região, extraímos a informação de que há 300 anos os

³⁰ O ouro e os diamantes duram um escasso século. Furaram-se as montanhas, entraram-se os aluviões e, passada a febre, permaneceram plantadas as cidades coloniais, as roças e as fazendas de gado. Com o passar do tempo sem tempo dos sertões centrais, formulava-se o *Homo cerratensis* moderno. (BERTRAN: 2011, p. 60)

³¹ BERTRAN: 2011, p. 153

habitantes do território hoje pertencente a Formosa eram os índios Crixás, cujas terras foram invadidas e as plantações saqueadas pela referida bandeira, já combalida pela fome e também pelos conflitos com emboabas e indígenas, o que causou consideráveis baixas em seu efetivo, seja por morte, seja por deserção e fuga de membros que se desgarraram do grupo em busca de sobrevivência. Os confrontos com os bandeirantes fizeram com que os Crixás que não foram mortos ou feitos cativos abandonassem a região.

Paulo Bertran traz em sua obra a narrativa do Alferes José Peixoto da Silva Braga, anhanguerino que teria testemunhado o encontro desses bandeirantes com os índios Crixás:

Chama-se esse gentio Quirixá, vive aldeado, usa arco e flexa e porretes; é muito claro e bem feito; anda todo nú, assim homens como mulheres. Tinham 19 ranchos, todos redondos, bastante altos e cobertos de palmito, com uns buracos juntos ao chão em lugar de portas; em cada um destes viviam 20 a 30 casais juntos, as camas eram uns cestos de buritis que lhes serviam de colchão e cobertas; eram pouco mais de 600 almas; estava situada toda esta aldeia junto dum grande córrego com bastante peixe e bom; no segundo dia que marchamos a buscá-la, encontramos um rio caudaloso em que havia muitos peixes, cajus, palmitos e muita caça, que nos serviu de muito. Nesta aldeia achamos 200 mãos de milho, 25 batatais, muitas araras e também alguns periquitos, que nos serviam de sustento e de regalo; tinham também bastante copias de cabaça e panelas e uma grande multidão de cães, que mataram quando fugiram e retiraram de todo, só afim de não serem sentidos das nossas armas, como experimentamos depois nas bandeiras que se lançaram a espiá-los.³²

Como será mostrado adiante, Formosa surgiu a partir da fundação do Arraial dos Couros que, por sua vez, teria surgido da transferência do povoado de Santo Antônio, surgido na junção do Itiquira com o Paraná, área, segundo relatos, muito insalubre, que dizimava, ano a ano, a população local, mormente pela febre. Ainda no relato do Alferes Silva Braga, integrante da bandeira do Anhangüera filho, incluída na obra de Paulo Bertran, há as seguintes referências:

Desenganado o Anhangüera, marchou com a mais tropa e julgando que indo sempre ao norte, como até ali já tinha feito, lhe ficára

³² BERTRAN: 2011, p. 160

já atrás os Guayazes que ele procurava, mudou de rumo e seguiu o nordeste quarta de norte.

Passaram de cento e tantas léguas as que andamos a este rumo, nem mais sustento nos dava o mato. Neste dia lhe fugiram ao cabo 8 índios dos seus, publicando primeiro a todos que íamos errados, porque os Guayazes nos ficavam já para atrás. Destes índios foram apanhados depois de alguns dias só 3, que trouxe presos João Leite, que se expediu a buscá-los com dois negros e 4 brancos; trouxe também nesta volta consigo Frei Antônio, que nos ficará distante perto de oitenta léguas; mas que ainda veio Frei Antônio, nem por isso desamparou a sua roça, porque deixou nela o sobrinho e quase todos os negros. Nesta ocasião demos em umas grandes chapadas com falta de todo o necessário, sem matos nem mantimentos, só sim com bastantes córregos, em que havia algum peixe; dourados, traíras, e piabas, que foram todo o nosso remédio; achamos também alguns palmitos que chamam jaguaróba, que comíamos assados e ainda que é amargo, sustenta mais do que os mais. Aqui nos começou a gente a desfalecer de todo; morreram-nos quarenta e tantas pessoas entre brancos e negros, ao desamparo, e se pude ficar com vida eu a devo ao meu cavalo que para me montar nele pela nímia fraqueza em que me achava me era preciso o lançar-me primeiro nele de braços levantados sobre o primeiro cupim que encontrava.

Vendo-se o cabo nesta miséria e temendo a falta e a mortandade de gente e muito mais considerando o erro que tinha dado no rumo que então seguia, se valeu do Céu e foi a primeira vez que o vi lembrar-se de Deus, prometendo e fazendo várias novenas a Santo Antônio para que nos deparasse algum gentio que conquistado nos valêssemos dos mantimentos que lhe achássemos, para remédio da fome que padecíamos! Passamos 15 dias com bastantes moléstia e trabalhos, demos em uma picada nos mesmos campos, seguimos-la nove dias, achando nela alguns ranchos feitos de pau e ramos com alguns grãos de milho, já nascidos: no fim destes nove dias chegamos a uma serra cujas vertentes deságuam para o norte, e lançando adiante 4 índios a farejar o gentio, os seguimos 3 dias de viagem. Éramos só 16 com o cabo, porque a mais tropa e bagagem a deixamos atrás com os doentes. Na noite do terceiro dia avistamos as rancharias do gentio e seus fogos: emboscamo-nos no mato para lhe darmos na madrugada; mas sendo

sentidos dos cachorros, que tinham muitos e bons, quando os avançamos, nos receberam com os seus arcos e flexas.

Não demos um só tiro por ordem do cabo, do que resultou o fugir-nos quase todo o gentio, o investir um deles ao sobrinho do cabo com tal animo, que lançando-lhe a mão à rédea do cavalo, lhe tomou a espingarda da mão e da cinta o traçado e dando-lhe com ele um famoso golpe em um dos ombros e outro no braço esquerdo fugiu levando consigo as armas. Desembaraçado do Tapuia, o paulista correu sobre ele sem mais efeito de recuperar a espingarda que lhe largou o tapuia, retirando-se com o terçado. Nesta mesma ocasião outro tapuia em uma das suas portas feriu levemente no peito com uma flexa a Francisco de Carvalho Lordelo e lhe deu na cabeça com um porrete, de que caiu logo; caído lhe deu outra porretada outro tapuia que apareceu de novo, deixando-o já por morto. É para admirar que em todo este conflito não fizesse mais ação o nosso cabo que o andar sempre ao longe gritando e requerendo-nos que atirassem só ao vento para não atemorizar o gentio. Foi Deus servido levarmos os ranchos, chovendo sobre nós as flexas e os porretes.

Em todo este tempo não nos deixou o gentio, perseguindo nossos negros, que nos iam conduzir algumas batatas de 25 batatais que eram grandes e excelentes no gosto; destes negros nos mataram um e um cavalo; o que visto pelo cabo se fez forte em um dos ranchos que lhe pareceu melhor, mandando recolher todo o milho que se achou no paiol, a que poz guardas, como o fez também a sete índios que cativamos, mandando-lhes lançar a todos suas correntes, excetuando um índio torto, também cativo a que ao depois se deu liberdade. Recolhido em seu rancho, o Anhangüera mandou logo buscar os doentes e mais bagagens. Neste tempo se tinha humanizado mais o gentio, buscando-nos e servindo-nos sem arco e flexas e admirando muito as nossas armas. Ofereceu-nos paus, trazendo-nos em um destes dias, dezesseis índias, ainda moças, muito claras e bem-feitas, não éramos maus os brancos, em sinal de amizade. Repugnou o cabo aceita-las, contradizendo todos os mais companheiros, e eu foi o que mais o persuadi em aceita-las dizendo-lhes que na consideração de sermos tão poucos, e estes fracos e mortos de fome, e muito o gentio, não escandalizássemos e que postas em guarda as ditas índias com os mais que se achavam presos, podíamos facilmente catequizar a todo o mais

gentio, não só o ajuste dos pais, mas a darem-nos alguns que nos ensinassem o verdadeiro caminho dos Guayazes. Mas a nada disto se moveu o Anhangüera com a ambição de querer para si todo o gentio, motivo porque escusou sempre a resenha, e porque desconfiado o gentio desapareceu no outro dia, temeroso que ao entrar nova gente nas rancharias, (eram os doentes) e queríamos mata-los para comer, assim no-lo certificaram as índias que se achavam entre nós. Desesperado o cabo com a ausência do gentio, largou o tôrto com algumas facas, tesouras e outras galantearias, para que os persuadisse a voltarem mas nunca mais o vimos.³³

Diante do exposto, considerando, ainda, a localização e a proximidade das terras Crixás com o local onde se ergueu o povoado de Santo Antônio, comparando a cronologia dos eventos, a promessa à Santo Antonio e demais relatos acima revelados, não seria fantasioso, portanto, supor que da bandeira do Anhaguera filho surgiu o povoado de Santo Antonio, que, por sua vez, transferiu-se para o local onde hoje é Formosa, sob o nome de Arraial dos Couros, que tornar-se-ia Vila Formosa da Imperatriz para, após o advento da República, finalmente chamar-se Formosa. É uma hipótese plausível, a ser considerada no intuito de esclarecer o surgimento do povoado de Santo Antonio.

Formosa localiza-se no nordeste goiano, relativamente próxima à Bahia e, quando de sua fundação, pertencia à Capitania de São Paulo, integrando, porém, o bispado de Pernambuco, conforme nos conta Alfredo Saad: “Até o ano de 1834, a paróquia estava subordinada ao bispado de Pernambuco e deste se desvencilhou, a pedido da população, passando a pertencer ao bispado de Goiás, desde então.”³⁴

Em que pese a possível influência do Anhanguera filho no que viria a se tornar Formosa, não foi ele o primeiro bandeirante a descrever a região. Foi, na verdade, um membro de sua bandeira, cujo nome é bem pouco lembrado em Formosa: Urbano do Couto. Alfredo Saad nos traz em sua obra, um trecho de documento produzido pelo referido bandeirante em 1750, sobre uma viagem que teria feito à região em 1722, período anterior à fundação do Arraial dos Couros, povoamento que deu origem à cidade de Formosa:

O Roteiro de Urbano do Couto pode ajudar a esclarecer como ocorreu o desbravamento da região:

³³ BERTRAN: 2011, p. 157

³⁴ SAAD: 2013, p. 419

No ano de 1722, sendo eu em idade de 20 anos, sentei praça de soldado aventureiro para ir a esta conquista de Goiás. (...) Irão os meus novos bandeirantes dessas minas americanas pela picada da Bahia que vai para Goiás ao lugar mais alto da terra, de onde emanam quatro ribeirões, dos quais ficarão intitulados as suas cabeceiras, estas as principais do rio Preto, no arraial dos Couros, São Bartolomeu, Paranã e Maranhão: nesta altura vão três lagoas em carreira, em campininha clara; verão um poço sem praias e nem alcance de fundo, verde cor de mar, que não seca nem vaza, quer no inverno quer na calma: desta altura verão um morro de feitio de uma canastra, em mês de agosto da parte que entra o sol.

Palácio da Ajuda, 30 de julho de 1750.³⁵

A verdade é que embora Formosa, no início, pertencesse à Santa Luzia – atual Luziânia-GO – e estivesse relativamente próxima, também, a Paracatu-MG e Pirenópolis-GO, todas regiões em que foi encontrado ouro, no município jamais houve vestígio do valioso minério. Sua maior riqueza, entretanto, talvez seu maior atrativo, parece realmente ter sido suas águas e sua localização geográfica. Contudo, apesar de ali não haver sido encontrado ouro, muitos dos que o procuravam teriam que passar, também, pelas rotas que cruzavam o seu território. Até o início do século XVIII, o território onde hoje é Formosa era uma espécie de encruzilhada de caminhos abertos no cerrado, as chamadas picadas, caminhos precários, abertos em meio à vegetação, tendo sido a maioria delas, possivelmente, aberta pelos próprios indígenas que ali já habitavam - pois conheciam a hidrografia e topografia dos terrenos – e, posteriormente, adotadas e aprimoradas pelos bandeirantes, como corrobora Chauvet, citando Zoroastro Artiaga – em afirmação encontrada em sua obra “História de Goiás”, de 1959:

A cultura dos tupis, guaranis e aruaques [...] conheceram perfeitamente a sua área de deslocação, os seus trilheiros, os seus rios, acidentes geográficos recortados pela rede de caminhos estreitos e sem fim [...] tais trilhos muito ajudaram as bandeiras paulistas [...] são fatos comprovados e documentados, e não simples hipótese, pois as

³⁵ SAAD: 2013, p. 78

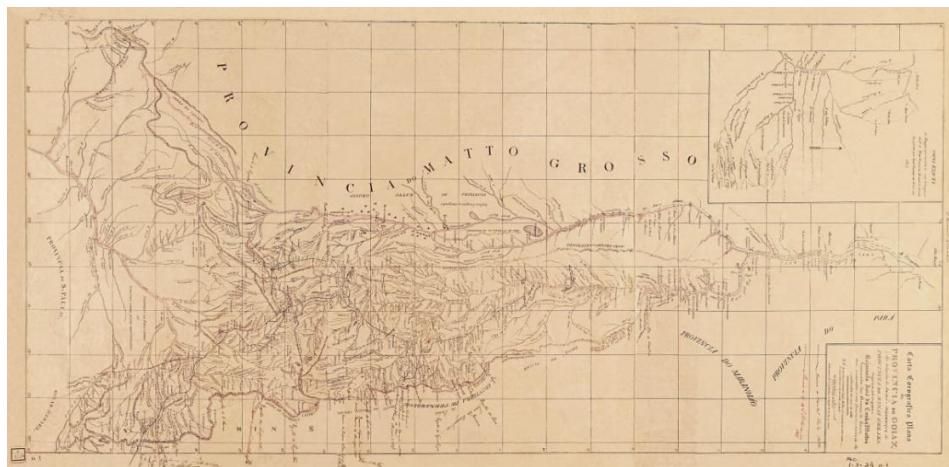
bandeiras vararam esse mesmo anfiteatro, sobre que estendiam-se os trilheiros das tribos pré-históricas.³⁶

As duas principais – e é interessante notar que, atualmente, as rodovias que cortam região foram edificadas praticamente por sobre as antigas picadas - que por ali passavam eram conhecidas como picada da Bahia e picada de Minas.

Nos conta Olympio Jacintho que:

Quando, no terceiro decênio do século XVIII, estava ainda despovoado e, portanto, inculto o vasto e maravilhoso território goiano, já duas picadas, - da Bahia e de Minas Gerais, - davam nele entradas francas, através do atual município de Formosa, aos aventureiros, que buscavam o ouro, até então existente entre os silvícolas, que eram os legítimos senhores das riquezas naturais do continente, primitivamente habitado por eles. Práticos, destemidos e bem municiados, arrostando as peripécias dos terrenos ínvios e as emboscadas dos naturais das selvas, em breve tempo, os aventureiros descobriram as minas de ouro do Maranhão, em 1730; as do Cocal, em 1732; as de Traíras, em 1735; as de Cachoeira e de São Félix, em 1736; etc, etc.³⁷

Figura 27: Carta Corográfica Plana da Província de Goiaz



Fonte: Cunha Mattos em ‘História da Terra e do Homem no Planalto Central’, de Paulo Bertran

Ambas as picadas eram rota de tropeiros criadores de gado e comerciantes ambulantes, que dali faziam uma espécie de entreposto comercial, bem como serviam-se

³⁶ CHAUVET: 2005, p. 172

³⁷ JACINTHO: 1979, p. 15

das águas – sobretudo da Lagoa Feia – e do clima para acamparem durante a viagem de travessia entre o nordeste e o sudeste do país, independentemente do sentido, pois era praticamente o meio do caminho:

Os tocadores de gado que buscavam as terras do Norte, vindos do Sul, pela estrada de Paracatu, preferencialmente, transitavam pela trilha "por dentro", viajando entre Arrepentidos e a picada da Bahia.

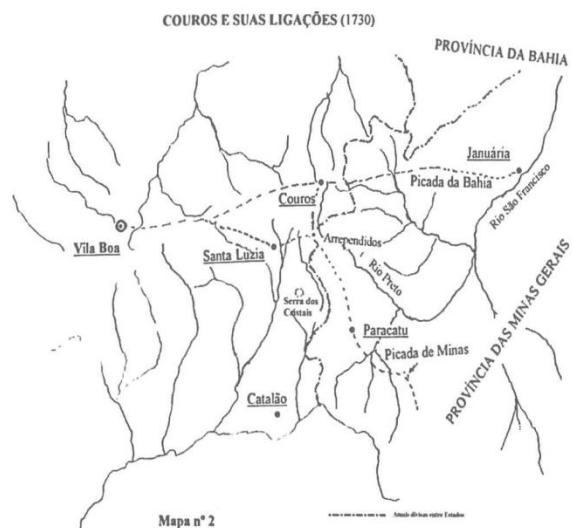
(...)

A Lagoa Feia era já conhecida, desde os primórdios da exploração do Brasil Central, pelo menos no início do século 17, A planura que a circunda, no lado leste e norte, naturalmente, era o caminho que se abria para quem vinha das Minas Gerais, ou dos sertões da Bahia, para o oeste. Ali a "Picada da Bahia" se unia à "Picada de Minas", por uma variante da estrada que ligava Paracatu a Santa Luzia, um desvio para o norte, desde a passagem de Arrepentidos.³⁸

Havia, ainda, grupos e indivíduos desgarrados de suas bandeiras e negros de toda sorte – escravos fugitivos, abandonados ou livres. Essas picadas que se encontravam em Formosa eram rotas, inclusive, talvez até em larga medida, de descaminho e contrabando, por não contarem em seu percurso, até certa época, com qualquer espécie de aparelho do estado português, convertendo-se, consequentemente, em uma alternativa bem viável para aqueles que não se dispunham a enfrentar o controle da metrópole e, por conseguinte, recolher o quinto real. No mapa abaixo, é possível se ter uma ideia de como convergiam essas picadas no território de Formosa.

³⁸ SAAD: 2013, p. 49

Figura 28: Mapa das Picadas de Minas e da Bahia



Fonte: Alfredo Saad em ‘Álbum histórico de Formosa’

A picada da Bahia – segundo Bertran, aberta desde 1732³⁹ – era o caminho mais usado pelas propriedades criadoras de gado estabelecidos às margens do rio São Francisco, conhecidos como Currais do São Francisco, situadas predominantemente no interior da Bahia, mas não apenas, estendendo-se ao longo do curso do rio até Pernambuco. Tudo leva a crer que passou a ter maior relevância a partir da descoberta e exploração das minas de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais, principalmente, já que os exploradores que para lá se deslocavam estavam sedentos por ouro, estando pouco dispostos a dedicarem-se a outras atividades, inclusive àquelas que garantiriam a sua subsistência, como a produção de alimentos, principalmente gado. Assim, os Currais do São Francisco passaram a usar a picada da Bahia para abastecer de carne bovina e produtos derivados da produção pecuária a região mineradora. Quase que concomitantemente, comerciantes dos mais diversos artigos, também percebendo a oportunidade de lucrar com o abastecimento das minas que não produziam o suficiente para suprir suas necessidades, também passaram a trafegar intensamente pela referida picada. Além deles, por ela também passavam aventureiros, escravos fugidos, negros livres e toda gama de homens, atraída pelo sonho de riqueza que o ouro e as pedras preciosas das minas inspiravam.

A picada de Minas – aberta desde 1733, também segundo Bertran⁴⁰ – era menor, uma espécie de atalho, de desvio, para aqueles que, indo ou vindo das regiões das minas, sobretudo Paracatu-MG, não queriam se arriscar a passar por Vila Boa, antiga capital de

³⁹ BERTRAN: 2011, p. 193

⁴⁰ BERTRAN: 2011, p. 173

Goiás, dada a presença dos mecanismos de controle e arrecadação da coroa portuguesa ali existentes. Essa picada passava por Arrepentidos, à época, pertencente ao território do que viria a ser Formosa – distando 90 quilômetros do Arraial dos Couros - e, atualmente, é Palmital, distrito do município mineiro de Cabeceira Grande.

Em virtude do grande fluxo dessas duas picadas é que a região de Formosa começou a receber os primeiros homens brancos que ali estacionaram ou se fixaram, longe, contudo, de ser considerado um povoamento. O contrabando e o descaminho ali praticados logo chegaram ao conhecimento do Governador da Capitania de São Paulo, o Conde de Sarzedas.

Os Registros da Lagoa Feia e Arrepentidos

Como observaram Jucelina de Moura Lôbo e Marco Aurélio Bernardes:

A cidade de Formosa se firmou em prol de dois sistemas: da criação de gado e graças ao seu sistema hidráulico – porta aos bandeirantes e escravos fugitivos que entravam seguindo as águas. Quem vinha margeando o rio Araguaia, chegava a essa região. Quem margeava o rio Tocantins, também chegava ao local. E quem viesse margeando o rio São Francisco, acabaria chegando nessas paragens, através dos rios Urucuia, Preto e da Lagoa Feia. Por esse motivo, Formosa é reconhecida como “Berço das águas do Brasil”. O ouro também foi o responsável pela fundação do Povoado dos Couros e pela fixação dos seus habitantes, devido à proximidade da produção de ouro da freguesia de Santa Luzia. Diante desse fato, mesmo não tendo sido encontrado ouro em seus domínios, foi privilegiada com o registro da Lagoa Feia, por estar situada entre as rotas de ouro de alguns municípios baianos e goianos. O ouro foi o responsável pelo primeiro impulso de desenvolvimento de Couros. (LÔBO: 2006, p. 21)

Para evitar o descaminho, o contrabando e toda forma de sonegação, o Conde Sarzedas reporta ao Rei de Portugal a existência das referidas picadas e das práticas lesivas ao erário português, como conta Olympio Jacintho:

Por esse tempo, pertencia o território goiano à capitania de São Paulo, cujo Governador, Conde de Sarzedas, Dom Antonio Luiz de

Távora, para evitar o prejuízo da extração do ouro e a perda dos quintos reais, escreveu uma carta, dando a Dom João V conta das picadas, que se haviam aberto aos currais da Bahia, do São Francisco e das Minas Gerais, para as minas dos Guaiazes. Essa carta, que tinha a data de 29 de dezembro de 1733, foi respondida a 18 de novembro de 1734, declarando-lhe Dom João que a lei de 27 de outubro de 1733 deu a providência necessária quanto às entradas para as Minas dos Guaiazes.

Logo depois, veio a carta régia de 9 de dezembro de 1734, determinando que o Governador de São Paulo convocasse uma junta, a fim de estudar este assunto e mais medidas tendentes a aumentarem as rendas reais em o novo descoberto. Efetivamente, reuniu-se a projetada assembléia, em 25 de abril de 1735. Do parágrafo 7º das resoluções tomadas consta esta: "Dar os caminhos nos currais fracos e lhes assentar casas de registros, criando-se para guarnição destes uma ou duas tropas de cavalaria, paga pela forma que adiante se dirá".

Para executar as providências da junta, o aviso de 12 de março de 1736 ordenou ao Governador que seguisse para Goiás. O Conde de Sarzedas veio realmente a Goiás, mas, antes de partir, começou a executar a incumbência que recebeu do Reino. Assim é que declarou abertos para as minas de Goiás os caminhos dos currais da Bahia, do São Francisco e de Minas Gerais, pondo em hasta pública os direitos de cobrança, que foram arrematados por Bernardo Fernandes Guimarães em princípios de 1736.

A 6 de fevereiro, o Conde de Sarzedas deu ao arrematante um Regimento, em que estipulou ficar o arrematante e seus sócios com o dever de porem os registros necessários nos caminhos que iam para as ditas minas e, para arrecadação das entradas, deviam nomear as pessoas que lhes parecessem necessárias, etc., etc.

Partira, então, para Goiás a tropa de dragões, sob o comando do Capitão José de Moraes Cabral (assassinado em Catalão por Domingos do Prado, quando regressava a São Paulo) e dela se retiraram os primeiros guardas para o registro da Lagoa Feia. Arrematado o contrato das entradas para Goiás, em 1736, por Bernardo Fernandes Guimarães, foi ele confirmado nesse emprego, pela carta régia de 3 de junho de 1738, sendo que, desde princípios de 1736, já distribuía fiscais para Santa Marina e Lagoa Feia. Custaram-lhe as três entradas seis arrobas e vinte e uma libras de ouro em pó, em cada ano.

Um dos caminhos mais trilhados era o que vinha dos currais de São Francisco, passando pela cabeceira da Lagoa Feia, caminho conservado pela tradição com o nome de Picada da Bahia. Por isso, foi ali, na cabeceira da Lagoa Feia, estabelecido o registro, com essa denominação.

Para essa estação fiscal, foi construída uma casa coberta de telhas, espaçosa, porém baixa, como ainda atestam os esteios dela, carcomidos pelo tempo. Foi a casa edificada na parte setentrional da Lagoa Feia, de onde dista uns 200 metros. Dali, a vista do observador alcança todas as extremidades do pitoresco lago, formado entre espesso matagal, de onde sobressaem frondosas árvores, dando às águas uma perspectiva bela, com as sombras que emprestam às suas margens, parecendo um rio de 500 metros de largura, que verte do norte para o sul, a fim de, após o percurso de seis quilômetros, canalizar-se ao encontro das águas do ribeirão Santa Rita, formando o Rio Preto, afluente do Rio São Francisco.

Foi o registro da Lagoa Feia colocado no melhor ponto fiscal da Picada da Bahia, por onde entravam para Goiás aqueles que vinham dos currais da Manga, porque ali passava a Picada, numa faixa de terra estreita e sem acidentes, entre a Lagoa Feia e a serra que teve o nome de - Serra do General e hoje tem o de - São Pedro, distando uma légua de Formosa.⁴¹

Como será visto adiante, a transferência do povoado de Santo Antônio, da barra do Paraná para o local onde hoje é Formosa, dando origem ao Arraial dos Couros, que é tido como o marco inaugural da cidade, por povoar aquele território, é, muito provavelmente, segundo indícios analisados por diversos historiadores aqui citados, posterior à implantação do Registro da Lagoa Feia, que ocorreu, efetivamente em 1736. Assim, não só as primeiras habitações na região, ainda que parcas e restringindo-se ao efetivo real destacado para o registro da Lagoa Feia, muito provavelmente não só precedem à fundação de Couros, como podem tê-la influenciado.

O registro de Arrependidos, 90 quilômetros de onde viria a erguer-se o Arraial dos Couros, em território que também pertenceu a Formosa – atualmente, como já dito, é onde localiza-se o distrito de Palmital, pertencente a Cabeceira Grande-MG – e por onde

⁴¹ JACINTHO: 1979, p. 15

passava a Picada de Minas, foi instalado apenas em 1750, cercando, assim, os dois caminhos que permitiam chegar ou sair de Couros:

Álvares (1979) confirma a viagem do Governador e capitão general da capitania de Goiás, Dom Marcos Noronha, para estabelecer o Registro de Arrependidos em 1750, no limite entre Goiás e Minas Gerais. Existe a tradição em Formosa de um certo "ufanismo" ao descobrir que o Registro de Arrependidos também estava localizado em Formosa. Novamente, há que se ter um certo cuidado com as interpretações. Este Registro ficaria aproximadamente noventa quilômetros distante do Arraial dos Couros. Isto é, apesar de estar dentro do município de Formosa, estava muito longe do Arraial dos Couros, pois noventa quilômetros em 1750 é uma distância muito maior do que hoje, se estamos pensando em estradas asfaltadas e carros modernos, que fariam a viagem em uma hora. Pelo mesmo motivo apontado acima já ouvimos alguns Formosenses dizendo que "duas picadas cruzavam Formosa". Não é bem assim. A picada da Bahia era interceptada pelo registro da Lagoa Feia. A picada de Minas Gerais era vigiada pelo registro de Arrependidos. As duas picadas "cortavam" o município de Formosa, não o Arraial do Couros, e iam se encontrar em Meia Ponte, Pirenópolis, segundo os mapas apresentados por Salles (1992).⁴²

Convém atentar para o fato que, ao instalar tais registros fiscais naquelas localidades, Portugal agiu no limiar da legalidade e da legitimidade, haja vista que os efeitos do Tratado de Tordesilhas, que dividia as terras americanas entre Espanha e Portugal, cuja linha imaginária passava poucos quilômetros a oeste do registro da Lagoa Feia (instalado em 1736), na vizinha Meia-Ponte, atual Pirenópolis-GO (numa alusão, de influência espanhola, ao Pirineus, entre a Espanha e a França) – para a qual, inclusive, as picadas davam passagem -, perduraria até a assinatura do Tratado de Madri, em 1750.

Povoado de Santo Antonio do Itiquira

Como dito anteriormente, atribui-se a origem de Formosa à fundação do Arraial dos Couros e a fundação do Arraial dos Couros à transferência do povoado de Santo

⁴² CHAUVET: 2005, p. 122

Antonio – ou Santo Antonio do Itiquira – para a região onde hoje está a área urbana da cidade.

Como já mencionado, o local onde surgiu o povoado de Santo Antonio, entre os rios Paranã e Itiquira, possivelmente era inabitado quando lá se instalaram os primeiros moradores daquele povoado. É possível que dentre eles estivessem alguns membros da bandeira de Anhaguera filho que se desgarraram do grupo antes, durante e após a invasão das terras dos Crixás, em virtude das pesadas baixas sofridas pela expedição em decorrência da dificuldade de subsistência naquela região, para eles, muitas vezes inóspita. Além disso, havia também negros livres e fugidos, inclusive da referida bandeira, mas não apenas, como atestam quilombos como os dos Calungas, surgidos em regiões próximas, como Flores de Goiás (também no vão do Paranã) e na Chapada dos Veadeiros. Havia, ainda, criadores de gado e negociantes de pele, tanto oriundos da bandeira quanto externos a ela, que possivelmente seguiam no rastro da mesma, uma vez que a picada da Bahia ligava a região, exatamente, aos currais do São Francisco.

Na obra “O vão do Paranã – a estruturação de uma região”, Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira traz um citação de Mafalda P. Zemella bem elucidativa, que corrobora com essa tese:

A vida nas minas, nos primeiros anos que sucederam à descoberta seria praticamente impossível sem os fornecimentos partidos do Recôncavo e das zonas marginais do São Francisco, os quais ofereciam as carnes e as farinhas necessárias ao sustento dos mineradores, assegurando assim a continuidade da indústria extractiva do ouro.

Cada uma das rotas de ligação com as Gerais apresentou prolongamento, pois que o abastecimento das minas exigiu um formidável esforço de produção do qual participaram regiões remotas do país.⁴³

Barreira prossegue, concluindo que

Portanto, o Nordeste Goiano, já na primeira metade do século XVIII, foi acossado pelas penetrações de vaqueiros. Em 1732 surgiram notícias da presença de contrabandistas baianos trazendo tropas de

⁴³ BARREIRA: 2002, p. 93

animais carregados de mercadorias e gado. Surgiram os arraiais de Flores, como local de pouso, e Couros, como centro de comercialização de carnes.⁴⁴

Na mesma linha, afirma Alfredo Saad:

Na época de Cunha Matos, Couros possuía 39 fazendas de gado e 6 engenhos de açúcar. Esses fatos observados conduzem à conclusão de que foram pessoas livres que procuraram o sertão para criar gado, e não ricos, com seus escravos, em busca de ouro. Por outro lado, na região, não há sinais de quilombos organizados por escravos fugitivos. O único lugar, onde, depois de certa época, sempre predominou a população negra, foi em Flores, ao norte de Formosa. Essa população negra, contudo, não criou o povoado, mas passou a habitá-lo depois que os brancos que o fundaram se afastaram, desiludidos com a incidência de doenças e com os parcós resultados comerciais obtidos ali.⁴⁵

Tomando-se por plausível a tese sobre como se formou o povoado de Santo Antonio e considerando que sua economia, quando não de subsistência, resumia-se à criação de gado, a partir da qual comercializava-se a carne e o couro, é preciso levar em consideração outro aspecto crucial no destino daquela população: a insalubridade do local.

Próximo alguns poucos quilômetros de onde seria instalado o registro da Lagoa Feia, estava o local em que viria a ser fundado o Arraial dos Couros, após a transferência do povoado de Santo Antonio. Ali, desembocavam as picadas da Bahia e de Minas e, devido também ao clima agradável e saudável, bem como às águas, puras e abundantes, era um bom local para os viajantes acamparem e procederem as suas trocas, já que na época o comércio limitava-se quase que unicamente ao escambo, por não contar com ouro a região. Santo Antonio e, posteriormente, Couros, dedicados à pecuária, forneciam carne e pele, o couro de gado, muito apreciado pelos viajantes. Em troca, recebiam tecidos, sal e outros produtos raros na região.

Assim, antes mesmo de Couros, os habitantes do antigo povoado de Santo Antonio eram obrigados a se deslocar para as proximidades da Lagoa Feia se quisessem negociar

⁴⁴ BARREIRA: 2002, p. 93

⁴⁵ SAAD: 2013, p. 59

seus produtos, uma vez que os viajantes e negociantes ambulantes se negavam a se aproximar do povoado, por medo do risco de contraírem doenças, uma vez que o local era mal afamado, por ser uma área alagadiça e insalubre, na qual proliferavam doenças de todas sorte, sobretudo, as temidas malária e febre amarela.

O temor não era descabido: de fato, alguns anos depois a febre dizimou boa parte do povoado de Santo Antonio, obrigando os sobreviventes a se transferirem gradativa, mas definitivamente, para a região onde fundariam o Arraial dos Couros. Segundo Olympio Jacintho

Os habitantes desse povoado, vendo-se dizimados, todos os anos, pelas febres intermitentes, transferiram-se para a localidade, onde se acha a cidade de Formosa, distante oito léguas dali, por ser salubre e porque nela se estacionavam os negociantes ambulantes de fazendas, ferragens, sal e café, que vinham sobretudo de Minas Gerais, e, receosos das febres do Paraná, ali esperavam que os paranistas viessem trazer-lhes gado, couros, sola e salitre, para permutarem por suas mercadorias.⁴⁶

Contudo, como dito no parágrafo anterior, há evidências de que essa transferência, embora definitiva, foi gradativa, chegando a coexistir o povoado de Santo Antonio - com alguns remanescentes que não vieram de imediato para Couros - e o recém-criado Arraial, como sugere Bertran:

O major Olympio Jacintho (1868-1938), foi o maior estudioso que até o presente tivemos sobre o antigo arraial de Couros, depois Formosa da Imperatriz e hoje Formosa. Dizia Olympio Jacintho que a origem do arraial de Couros deu-se pela mudança da população de crioulos de um arraial mais antigo, Santo Antônio, às margens do rio Paraná – abaixo da barra do rio Itiquira, local terrivelmente paludososo e doentio – para o salubre sítio de Formosa, coisa de 30 quilômetros a Sudeste.

O geômetra italiano Tossi Colombina registra, com efeito, tanto no mapa-esboço de 1749 quanto no “oficial” de 1751, enterrado no vale do Paraná, um “Ityquira”, nome com o qual devia ser também

⁴⁶ JACINTHO: 1979, p. 19

conhecido o arraial: Santo Antônio do Itiquira. Olympio Jacintho, de seu tempo, dava notícia de restos de casas e de uma capela na região.

Nos documentos de que dispomos, o nome Itiquira aparece apenas duas vezes: na sesmaria de João da Rocha Couto, de 1754, “*no sítio Santa Rita, no Distrito de Itiquira*” e em uma inesperada sesmaria passada ao padre Manoel da Maya – a respeito de terras em Corumbá de Goiás –, datada do “*Sítio de Itiquira*”, aos 2 de novembro de 1756. Nas sesmarias fundadoras da região, de Manoel de Almeida (1739) e de Manoel Azevedo Pinto (1741) – onde pela primeira vez aparece o nome de Lagoa Feia –, o Itiquira é referido apenas como “fazenda do Buraco” ou “sítio do Buraco”. Temos certa base, portanto, para supor que esse arraial não apareceu antes de 1741 e nem foi extinto antes de 1756. Ramir Curado registra batizados ali em 1750, como vimos alhures.

Itiquira, para Teodoro Sampaio, vem do tupi-guarani “água vertente, minadouro”; para Caldas Tibiriçá é “água que destila, respinga”. Algo a ver com os magníficos 120 metros da cachoeira do Itiquira? Assim sendo, sem conseguir avançar muito por esse manancial de informações, a primeira vez que nos surge menção à atual Formosa ou arraial dos Couros é no famoso “Roteiro de Urbano”: ... “*dos quais ficarão intituladas suas cabeceiras, estas as principais do rio Preto, no arraial de Couros, São Bartholomeu, Paranam e Maranhão...*”.

Ora, tendo dado entrada o roteiro no Palácio da Ajuda em 30 de julho de 1750, a notícia sobre o arraial devia vir pelo menos de 1749. A ser isso verdade, o arraial dos Couros conviveu com o de Itiquira alguns anos, sem comprometimento grave, porém, da tradição coletada por Olympio Jacintho: a mudança da população de um para outro pode ter sido gradual ou parcial. Há indícios de que o povoado de Santo Antônio ainda existisse no Século XIX.⁴⁷

Arraial dos Couros

Como já visto anteriormente, a transferência do povoado de Santo Antonio para o local onde hoje é Formosa, em virtude da insalubridade do local aliada, em contraponto, a melhores perspectivas, também de negócios, ocasionou o surgimento do Arraial dos

⁴⁷ BERTRAN: 2011, p. 242

Couros, o embrião que se transformaria em Vila Formosa da Imperatriz que, por sua vez, finalmente converter-se-ia, simplesmente, em Formosa.

Olympio Jacintho, o primeiro a escrever a história de Formosa, relata que:

Em nossa – juventude, nos entretínhamos com as palestras instrutivas do Capitão João Moreira Ribeiro, que, discorrendo sobre diversos assuntos, nos contava o que ouvira, senão dos primeiros habitantes de Couros, ao menos dos descendentes daqueles que levantaram suas tendas no local, ainda desabitado, que hoje é a cidade de Formosa.⁴⁸

Não se sabe ao certo, entretanto, quando se iniciou essa transferência, tampouco quando foi concluída. No entanto, com base nos relatos é certo que se iniciou após a instalação do registro da Lagoa Feia, em 1736, considerando tudo o que foi escrito sobre o referido registro, em que não há qualquer menção a Couros. É consenso, também, entre os historiadores locais, que o Arraial teria sido fundado por Crioulos, assim como sua primeira rua, que, por esse motivo, foi denominada Rua dos Crioulos, como se pode extrair, mais uma vez, além de outras aqui referenciadas, da obra de Olympio Jacintho:

A tradição confirma essa transferência do povoado, porque diz: "A povoação de Couros foi criada por crioulos, que vieram do Paraná, acossados pelas febres".

[...]

A transferência do arraial de Santo Antonio para o local que tomou a denominação de Couros, no meado do **século XVIII**, está de acordo com a tradição, que diz: "Quando os crioulos do Paraná se mudaram para o lugar que se denominou Couros, já existia, de anos, o registro da Lagoa Feia".⁴⁹

Alfredo Saad confirma tal tese em sua obra:

Segundo a lenda, os primeiros moradores da Rua dos Crioulos provinham do arraial de Santo Antônio, de onde fugiram por causa das doenças que ali grassavam. Daquela rua primitiva originou-se o Arraial

⁴⁸ JACINTHO: 1979, p. 11

⁴⁹ JACINTHO: 1979, p. 19

de Couros e, depois, a cidade de Formosa. Esse núcleo foi criado, exatamente, onde hoje se situa a Rua Jesulino Malheiros, a antiga Rua do Norte - a despeito da Enciclopédia Brasileira dos Municípios, editada pelo IBGE, apontar uma suposta Rua Sérgio Teixeira como sendo a primeira em Couros.⁵⁰

Na verdade, embora os historiadores aqui citados não tenham feito tal relação, é possível, sim - a partir das informações de que a transferência do povoado de Santo Antonio para Couros não se deu de uma vez e de que os primeiros que chegaram ao local seriam negros, inclusive tendo sido a primeira rua chamada de Rua dos Crioulos – que esses primeiros habitantes, muito provavelmente, não se transferiram para a região tão somente em virtude das epidemias e da insalubridade geral que assolavam a região do antigo povoado. Possivelmente, faltava-lhes ocupação que lhes garantisse o sustento, já que não possuíam gado – os relatos são de que se transferiram para moradias eminentemente urbanas, ainda que para os padrões da época – e as atividades econômicas em Santo Antonio eram, ainda, muito precárias, baseadas no escambo, ao passo que Couros, além de ser pouso de comerciantes, entreposto comercial, possuía, ainda, boas águas, inclusive a da própria Lagoa Feia, em cujas margens estabeleceram-se diversos pescadores.

Couros era atrativa para esses negros oriundos do povoado de Santo Antonio, portanto, não só pelos seus atrativos naturais, mas por que possuía também uma rotina economicamente ativa - tanto que a coroa teve de instalar um registro fiscal - que poderia gerar, ao menos, uma expectativa de oportunidades de trabalho para aqueles primeiros migrantes, desprovidos de propriedade, portando apenas sua força de trabalho para permutar em itens de primeira necessidade, além de cultivarem suas pequenas hortas e pomares residenciais, muito característicos na região antigamente, garantindo, assim, o seu sustento.

A Rua dos Crioulos contava, em seu início, com não mais que 20 casas, e ficava onde hoje são as ruas Jesulino Malheiros e Alves de Castro (antigamente ambas as ruas eram apenas uma, que fazia uma curva, chamando-se apenas Jesulino Malheiros), área, há muito tempo, nobre do centro da cidade.

Evidentemente, os negros ali instalados e, tampouco, os vindouros, chamaram a si próprios de crioulos. Muito provavelmente os migrantes que os sucederam,

⁵⁰ SAAD: 2013, p. 24

descendentes de portugueses, espanhóis e comerciantes de origem árabe, sobretudo sírios e libaneses – embora genericamente chamados de turcos, pelos locais -, foram quem denominou aquela de Rua dos Crioulos. Fato, é que já há muito tempo, pouquíssimos descendentes daqueles primeiros habitantes, daquela primeira rua, restaram no local. Levantamento feito pelo professor Samuel Lucas aponta que, na verdade, apenas uma dessas famílias – ainda assim miscigenada, no decorrer de anos – restou no local. De acordo com as informações das obras aqui analisadas, observa-se que a Rua dos Crioulos, que depois viria a se chamar Rua do Norte, até transformar-se em Jesulino Malheiros e desmembrar-se em Alves de Castro, passou a receber, sobretudo, contínuas instalações de comércios de imigrantes de origem árabe que passaram a residir em Formosa, bem como casarões de pessoas ilustres na sociedade formosense, o que nos leva a deduzir que houve, talvez, como que um processo de gentrificação, em que os negros que fundaram Couros e, consequentemente, Formosa, acabaram tendo de vender suas propriedades naquela primeira rua, convertida gradativamente em nobre área comercial, não se tendo mais notícia da maioria deles desde então.

Uma lenda que, conforme as entrevistas no próximo capítulo comprovarão, há muito está instalada no imaginário do formosense, é de que a origem do nome Arraial dos Couros se deve ao fato de que os primeiros moradores e viajantes que para o local vieram se valiam de barracas cobertas com couro de boi. Tal engano se deve, em larga medida, a um dos poucos equívocos encontrados na obra pioneira da historiografia local, qual seja, a de Olympio Jacintho:

De 1774 a 1830, o povoado de Couros esteve estacionário. Havia nele poucas casas, habitadas por crioulos, na atual Rua do Norte, de Formosa; sendo, entretanto, de ano em ano, visitado por boiadeiros e negociantes de fazendas, etc., que aqui permaneciam por algum tempo, em barracas cobertas com os couros das cargas que conduziam.⁵¹

Até para atenuar tal equívoco, é importante salientar que muito do que Olympio Jacintho conta é apenas uma reprodução do que ele próprio ouviu dos antigos moradores que teriam travado contato com alguns dos moradores originários de Couros, como ele próprio relata, em trecho anteriormente citado de palestras por ele assistidas e proferidas pelo Capitão João Moreira. Um fato curioso trazido à baila por Alfredo Saad pode ajudar a elucidar a questão:

⁵¹ JACINTHO: 1979, p. 21

Talvez por preconceito, em 1877, tendo a vila Formosa da Imperatriz sido elevada à categoria de cidade - cidade Formosa da Imperatriz - apressou-se a Câmara dos Vereadores em apagar a menção aos primeiros habitantes, lembrados no nome da rua. Onde era rua dos Crioulos, nomeou-se rua do Norte, por ação de um edil chamado João Moreira Ribeiro, mais tarde, por sua vez, também homenageado com o nome de urna rua: a da antiga rua de Goyaz, tornada rua João Moreira. É fácil compreender, hoje, o principal motivo da mudança: corno urna rua, na qual já habitavam os brancos ricos e poderosos da cidade, poderia continuar a chamar-se rua dos Crioulos?⁵²

É perfeitamente aceitável a tese, portanto, de que o mesmo motivo que se tinha para querer omitir a origem nada aristocrática da cidade, poderia ter sido o que ensejou uma representação forjada de sua origem não com residências, habitações, mas com barracas cobertas de couro, dando a impressão de que aqueles negros – ou crioulos – não eram moradores e tampouco fundaram aquele Arraial, mas eram meros viajantes, em estadia transitória, como tantos outros que por ali passaram e dali partiram sem deixar rastro. Seria uma narrativa que deslegitimaria os feitos e direitos na história da cidade daqueles que foram seus verdadeiros fundadores, em detrimento de uma elite branca que entrou, sobretudo pelas mãos de Olympio Jacintho, para os anais da história do município.

Corrobora com tal tese, ainda, o fato de que a mesma pessoa que contou a história para o pioneiro historiador, tenha sido o edil responsável pela mudança do nome daquela primeira rua: João Moreira. Juntando-se a história contada, com a mudança de nomenclatura da rua, imaginava-se, possivelmente, que as indagações sobre o destino daqueles se perderiam com tempo, até entrar no esquecimento, apagando os vestígios da possível gentrificação promovida contra aqueles negros, verdadeiros fundadores do povoado de Santo Antonio, do Arraial dos Couros e, consequentemente, de Formosa.

No entanto, tal versão, por tantos e por tanto tempo repetida sem ser questionada, não resistiria à primeira martelada filosófica, para parafrasear Nietzsche. O couro era, talvez, o principal produto negociado naquela região, sendo, portanto, valioso demais para ser usado como cobertura. Ademais, a região era rica em barro, coqueiros,

⁵² SAAD: 2013, p. 102

buritizeiros, aroeira e outro materiais que, de fato, eram usados para construir as habitações, conforme corrobora Alfredo Saad:

As casas eram de taipa grosseira, sem reboco, cobertas de capim, ou, preferencialmente, de folhas de coqueiro. Às vezes, de simples pau a pique. Se o morador criava animais, como porcos ou os raros carneiros (chegados, depois, no rastro do gado) e pretendia controlá-los e evitar que se perdessem no mato, buscando alimento, ou se ele pretendia proteger alguma planta, em particular, então, construía cercas em paliçada...⁵³

[...]

Contrariando a lenda, não havia casas cobertas de couro. Os couros e as peles dos animais eram muito valiosos e, portanto, utilizados para comerciar. Em situações excepcionais, o comerciante os utilizava para dormir. Neste caso, eles eram colocados diretamente no chão, ou sobre as varas de um rústico catre, feito sob o modelo dos jiraus.⁵⁴

Outro mistério que ronda o imaginário local é o porquê de o principal ponto turístico urbano de Formosa, a Lagoa Feia, embora linda, ter sido assim batizada. Levando em consideração a conhecida supersticiosidade da cidade, que é repleta de lendas e causos, podemos achar o Fio de Ariadne. Mais uma vez encontramos uma hipótese bem plausível na explicação de Alfredo Saad:

Os nomes utilizados pelos desbravadores para batizar os acidentes geográficos que descobriam em tudo traduzem a esperança, mas, também, o temor do desconhecido, a angústia ante o misterioso, a reverência frente ao maravilhoso. São comuns, em todo o Brasil, os designativos que nos levam a essas ansiedades e a esses medos: são inúmeros os "sumidouros", os "rios pretos", os "riachos fundos"; no sudoeste de Goiás há um rio Turvo, assim como há um rio das Mortes, em Minas Gerais; o riacho Arrependidos situa-se no limite sudeste do Município de Formosa, e a serra Negra situa-se no município de Caiapônia. Assim, o nome Lagoa Feia pode simplesmente traduzir o receio do descobridor, ao se deparar com aquelas águas de aparência

⁵³ SAAD, 2013, p. 24

⁵⁴ SAAD: 2013, p. 26

tão desagradável. Pois o tirirical realmente pode parecer lúgubre e atemorizante para quem não o conhece.⁵⁵

[...]

Diziam os antigos habitantes que, em 1767, quando foi celebrada a primeira missa na velha igrejinha de Couros, na Rua dos Crioulos, o padre Antônio Francisco de Melo, designado para esse trabalho, abençoou a Lagoa para que ninguém ali morresse afogado. Não se sabe se a suposta bênção do padre era para perdurar tanto e com tal eficiência, mas é certo que, até os anos setenta do século passado, duzentos anos depois da passagem do padre por Couros, nunca ocorreu uma morte naquelas águas, embora, depois disso, elas tenham acontecido.⁵⁶

Voltando a Couros, sabe-se que de sua origem até bastante tempo depois, foi distrito do Julgado de Santa Luzia, atual Luziânia-GO, e sua paróquia – cuja primeira missa ocorreu em 1767, ano provável, também, em que foi edificada sua primeira igreja – subordinava-se ao Bispado de Pernambuco. Após constantes apelos da população, conseguiu deixar sua paróquia de subordinar-se ao bispado de Pernambuco para fazê-lo ao bispado de Goiás, em 1834. A esse respeito, há, também, algumas controvérsias. Por que Couros era subordinado ao bispado de Pernambuco? Segundo Chauvet, recorrendo a achado de Paulo Bertran, que contraria todo o restante da historiografia,

No dia 12 de janeiro de 1848, o presidente da Câmara Municipal da Vila Formosa da Imperatriz enviou um relatório para o presidente da Província de Goiás, o Barão de Ramalho. E diz esse relatório que: [...] depois de consultar os homens mais antigos e conhecedores do povoado: [...] foi descoberta esta vila por um clérigo vindo da cidade de Pernambuco, que também foi o primeiro descobridor de Paracatu [...] aqui celebrou missa e levantou um Cruzeiro e por isso ficou pertencendo àquele bispado[...] pelo andar do tempo foi-se povoando porém o local sem um só edifício que merecesse consideração, com pequenas casas cobertas de palhas, e apenas tinha três ou quatro pequenas casas de telha[...] nesse mesmo

⁵⁵ SAAD: 2013, p. 75

⁵⁶ SAAD: 2013, p. 76

estado foi criado julgado, a mais de cento e quarenta anos [1708], sendo a sua descoberta a mais de cento e sessenta anos [1688].⁵⁷

Não é possível dizer se trata-se do mesmo cruzeiro, mas, de fato, há alguns anos atrás foi descoberto na mata da Lagoa Feia um antiquíssimo cruzeiro, recente e, aparentemente, criminosamente destruído. De toda forma, tal como se pode deduzir de Bertran, após ler a íntegra do texto acima resumido, por garantia, que o referido padre pernambucano, de fato, realmente passou por Formosa antes dos bandeirantes e da transferência do povoado de Santo Antonio para o local, e rezado sua missa solitária, tomando posse dali para o bispado de Pernambuco sem, com isso, implicar qualquer início de povoamento anterior àquele que a historiografia e a tradição concordaram, há muito, em pacificar.

Couros, retornando ao penúltimo parágrafo, tornou-se independente, em 1838, da paróquia de Santa Luzia. Quanto à sua condição político-administrativa, como dito anteriormente, Couros foi distrito de Santa Luzia, de sua fundação até o ano de 1772, quando também foi elevado à condição de julgado. Porém, tal condição, motivo de regozijo para os seus habitantes, teve, nos dizeres de Dr. Americano do Brasil, citado por Olympio Jacintho, “...a duração das flores do poeta”⁵⁸, e o motivo é controverso.

Apenas dois anos após sua elevação, em 1774, Couros foi destituído de tal honraria pelo Governador D. José de Almeida de Vasconcelos Soveral de Carvalho, após visita ao Arraial, mandando transferir o Julgado para Cavalcante-GO, que seria mais importante, retornando Couros à condição de distrito de Santa Luzia.

A alegação oficial era de que, ao contrário do que se supunha e à revelia do que determinava, à época, a lei, Couros não possuía os requisitos necessários para ser elevado a tal condição, o distrito haveria de ter de 100 a 200 fogos, ou seja, ao menos 100 residências, o que teria sido constatado não possuir. No entanto, Paulo Bertran apresenta outra versão:

Lembravam-se porém perfeitamente das razões da extinção do julgado: “...A estupidez dos homens que serviam os Empregos Públícos fez com que vindo em correção o ouvidor Cabral, vendo o lugar e os absurdos praticados, removesse o Cartório para o então julgado de Cavalcante, ficando assim suprimido este, tornando-se sujeito às

⁵⁷ CHAUVET: 2005, p. 174

⁵⁸ JACINTHO: 1979, p. 21

Justiças Ordinárias do então Arraial do Julgado de Santa Luzia durando isto para mais de sessenta anos, em que para lá se prestava toda obediência, tanto civil como militar... ”.

Dura lição aprendida – em que até os sessenta anos estão corretos – como a tudo veremos no capítulo das viagens do governador José de Almeida Vasconcelos pelo Planalto.⁵⁹

[...]

Para José de Almeida, que fazia concorridas e solenes sessões de beija-mão em Vila Boa, a displicência dos formosenses deve ter parecido uma afronta. Continua Tomás de Souza: ... “*O Dr. ouvidor, quando chegou deste arraial em Correição no mês de novembro, conheceu daquela parecida desatenção ao lugar de S. Ex^a, inabilitou os juízes de Couros para servirem mais cargos da República e os fez transportar a Vila Boa como presos por desatentos. S. Ex^a os mandou repreender publicamente pelo Ajudante de ordens... Eles se desculparam muito, humildemente, do que atendeu S. Ex^a em sua suma bondade, e os fez novamente habilitar para os lugares e cargos que tinham servido, e lhes falou advertindo-os de suas ignorâncias com muita brandura e amor”...* E arremata o sabujo cronista do general: “*Esta ação de bondade de S. Ex^a deu nesta Capitania um grande brado e fez capacitar este povo muito mais nas virtudes de S. Ex^a 5...*” Era o estrelismo exacerbado da autoridade, derivado do clima vigente de absolutismo monárquico: o governador, afinal, era o representante d’El Rei nos ocos do sertão. E o Rei era um déspota esclarecido, capaz do perdão. E, bem assim, o governador.

O incidente de Formosa talvez tenha contribuído para a destituição da jurisdição de Couros do rico Vale do Paranã, anexado ao julgado de Cavalcante.

[...]

Couros, erigido em julgado em 1772, foi destituído desta autonomia municipal no ano seguinte ao incidente com D. José de Almeida (1744). Se não por ação direta, pelo menos com sua aquiescência. Por mais outro meio século Couros foi um simples distrito de Santa Luzia, só voltando a erigir-se em julgado independente

⁵⁹ BERTRAN: 2011, p. 246

em 1830. Pesado tributo pago ao absolutismo por pobres e desavisados sertanejos.⁶⁰

Assim, com esse desprestígio e vergonha, os habitantes de Couros saíram do período colonial e chegaram ao imperial. Sobre o período, não poderia narrar melhor que Olympio Jacintho:

De 1774 a 1830, o povoado de Couros esteve estacionário. Havia nele poucas casas, habitadas por crioulos, na atual Rua do Norte, de Formosa; sendo, entretanto, de ano em ano, visitado por boiadeiros e negociantes de fazendas, etc., que aqui permaneciam por algum tempo, em barracas cobertas com os couros das cargas que conduziam.

Aqui abro um parêntese para transcrever o que escreveu o autorizado historiador e festejado literato goiano, Dr. A. Americano do Brasil, numa de suas "Folhas Luzianas", publicada no periódico "Araguary", de 15 de maio de 1930, sobre o passado estacionário de Couros e o seu desenvolvimento posterior. Disse ele: "desprovido das honras oficiais de julgado, Couros continuou a ser um importante núcleo comercial, um notável centro de criação de gado, e cujos habitantes até se habituaram a viver sem auxílios do poder central, de mais a mais preocupados com seus interesses constituindo a base da sólida caracterização que hoje possui, que lhe é própria, não custou trabalho de ninguém, fêz-se nas dores másculas do abandono.

Quando o sonho do ouro passou, como um fantasma aterrador e Goiás entrou na realidade da vida dos campos e da pastorícia, então chegou a vez de Couros, que tinha vivido mais de oitenta anos de ostracismo na carta de Goiás.

Não foi a localidade de Couros dotada de veios de ouro, mas teve a vantagem de armazenar em seu perímetro as mais férteis e armentosas devesas, que têm feito a enorme prosperidade de tantas gerações.

Não foi célebre pelos filões do louro metal, mas teve o seu panorama pitoresco enriquecido com a maravilhosa Lagoa Feia, a Aspasia das congêneres nacionais".⁶¹

⁶⁰ BERTRAN: 2011, p. 287

⁶¹ JACINTHO: 1979, p. 22

IMPÉRIO

Vila Formosa da Imperatriz

Em 1º de agosto de 1843 - já no Império, portanto -, data considerada o aniversário de Formosa, o Arraial dos Couros foi elevado, por lei, à condição de vila, tendo os mesmos limites da paróquia. Conta-nos Alfredo Saad:

No dia 1º de agosto de 1843, o arraial de Couros foi elevado à condição de vila. E os grandes do lugar, insatisfeitos com o nome da *vila*, preferiram aproveitar a oportunidade e homenagear Dona Teresa Cristina Maria, Princesa das Duas Sicílias, Bourbon por parte de 3 avós, e Habsburgo por parte da outra avó, livrando-se de vez do belo nome original. Naquele dia, o nome da povoação foi mudado para vila Formosa da Imperatriz.⁶²

No período imperial, a Vila Formosa da Imperatriz não possuía prefeito, sendo a Câmara de vereadores, em decisões colegiadas, quem determinava os rumos da gestão local. Durante esse período, além da elevação à condição de vila, talvez o principal acontecimento tenha sido a visita de Francisco Adolfo de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro. No entanto, embora a principal rua da cidade ainda hoje carregue não o seu nome, mas o seu título, o Visconde de Porto Seguro de alguma forma foi, senão negligenciado, pelo menos pouco lembrado nos raros livros de história da cidade, nos quais se deu pouquíssima ênfase a sua presença e às consequências dela na cidade, fato corroborado pelo quase que total desconhecimento da população – conforme pesquisa - sobre quem foi aquele nobre cuja rua principal homenageia.

Formosa, como dito pelo Dr. Americano do Brasil em citação de Olympio Jacintho aqui replicada anteriormente, “...fez-se nas dores másculas do abandono”. Sem nunca ter contado com ouro ou qualquer outra riqueza econômica digna de nota ou interesse, situa-se, ainda hoje, numa posição desprivilegiada no estado, geograficamente falando. Longe dos grandes centros, já quase às portas do sertão da Bahia, era longe da antiga capital do estado, Vila Boa de Goiás (que já foi, também, Goiás Velho e atualmente chama-se Cidade de Goiás) e permanece longe da atual capital, Goiânia, fundada há pouco mais de 80 anos atrás. Esquecida em algum canto do nordeste goiano, veio a

⁶² SAAD: 2013, p. 413

conhecer vestígios de civilização e lampejos de modernidade a partir, senão somente, principalmente a partir da construção de Brasília em parte do seu território, de onde hoje está a 70 km de distância (mas tendo por divisa com o Distrito Federal, tão somente, o Ribeirão Santa Rita, no trevo sul da cidade). É aí que entra em cena a figura do Visconde de Porto Seguro.

Visconde de Porto Seguro

Nascido a 17 de fevereiro de 1816 em São João de Ipanema, atual Iperó, nos arredores de Sorocaba, estado de São Paulo, era filho de mãe portuguesa e pai alemão – um engenheiro militar convidado pela coroa portuguesa para ajudar no desenvolvimento da indústria de fundição de ferro -, Varnhagen seguiu o caminho do pai e formou-se, também, engenheiro militar. Enquanto estudava em Portugal, no entanto, já começara a demonstrar o gosto e o talento também pela história – é considerado o primeiro historiador brasileiro – ao escrever publicações do gênero, além de promover pesquisas que levaram, por exemplo, à descoberta do túmulo de Pedro Álvares Cabral, em Santarém.

Figura 29: Foto de Francisco Adolfo de Varnhagen



Fonte: portalcerratense.com.br

Já tomado pela história, Varnhagen ingressou no prestigioso IHGB – Instituto Histórico e Geográfico do Brasil:

Fundado por um grupo de intelectuais e políticos, às 11 horas da manhã do dia 21 de outubro de 1838, na capital imperial, sob patrocínio da Sociedade da Indústria Nacional (SAIN), o IHGB, conhecido como a casa da memória nacional, tinha a missão “de colligir e methodisar,

publicar ou archivar” os documentos necessários para a escrita da história do Brasil-nação.⁶³

Segundo o historiador Renilson Rosa Ribeiro, da UFMG, autor do livro “O Brasil inventado pelo Visconde de Porto Seguro”:

Escrever história, para esses homens da boa sociedade, constituía uma atividade de garimpagem, de quem recolhia documentos assim como se achavam preciosidades. Para Lilian Moritz Schwarcz, “o ato de selecionar fatos supunha a mesma isenção encontrada naquele especialista que, ciente do seu ofício, separa as boas pedras das más”, ou mesmo daquelas que lhe ofereciam pouco brilho ao olhar. Nas mãos dos senhores da memória, no IHGB começou a se conformar uma história que se pretendia única, apesar de marcadamente regional – uma história com as marcas do tempo saquarema (elite fluminense), pautada pela utilização parcial e seletiva de fatos e documentos a despeito de sua ilusória neutralidade na seleção.

Em meio a esta operação historiográfica, apareceu a figura do historiador paulista Francisco Adolfo de Varnhagen, conhecido como Visconde de Porto Seguro (1816-1878), posteriormente denominado por certa tradição historiográfica como o “Pai da História do Brasil”. A partir de profunda e exaustiva pesquisa documental, em arquivos no Brasil e na Europa, ele iria escrever a sua “História geral do Brazil”, publicada em dois tomos, respectivamente nos anos de 1854 e 1857.⁶⁴

Varnhagen passou a integrar, também, o corpo diplomático brasileiro, sendo destacado para diversos países, sem, no entanto, jamais abandonar suas pesquisas e seus escritos históricos, antes, ao contrário, aproveitando as viagens para aprofundá-los. Sendo militar, diplomata e historiador, Varnhagen travou contato com as mais diversas vertentes de pensamento, que convergiam para a necessidade de interiorização da capital do Brasil.

Assim, em 1877, aos 61 anos, licencia-se do cargo de embaixador do Brasil em Viena e consegue autorização imperial para, basicamente às suas expensas, organizar uma viagem ao interior de Goiás, no local exato onde havia, em 1849, em seu “Memorial

⁶³ RIBEIRO: 2015, p. 37

⁶⁴ RIBEIRO: 2015, p. 39

Orgânico”, apontado como sendo o ideal para a instalação da nova capital, na confluência das bacias Amazônica, do Prata e do São Francisco, latitude 15°, região de Formosa-GO. A viagem era, oficialmente, para viabilizar estudos que apontassem novas regiões em que pudessem ser instalados colonos europeus que não paravam de chegar ao país e dirigiam-se, majoritariamente, para o sul do Brasil.⁶⁵ No entanto, Varnhagen tinha a intenção de, na verdade, verificar se seus estudos e apontamentos, de fato, correspondiam à realidade, para que sua tese pudesse ser aceita e, a partir daí, fosse levada a efeito, finalmente, a mudança da capital. É o que nos conta o próprio Varnhagen:

Resolvemos pois pedir do Governo uma licença afim de nos ausentarmos por seis mezes do posto honroso que occupâmos, e emprehendermos (levando comnosco os competentes instrumentos, incluindo nada menos que tres barometros) á custa de quaequer trabalhos e sacrificios, em quanto para elles nos sentiamos com fôrças, uma penosa viagem a cavalo, nada menos que até á cidade de Goyas, por nossas primitivas estradas, para de visu, e como antigo engenheiro, reconhecer essa notavel paragem que a contemplação e estudo dos melhores mappas nos havia revelado; e ver se ella correspondia perfeitamente ás condições de bondade de clima e outras essenciaes ao nosso propósito, ou se, bonafide, nos cumpria a tempo regeita-la e buscar outra n'um dos dois mencionados chapadões.

[...]

Foi em conformidade desta resolução que, na qualidade de chefe de uma legação que tantos soffrimentos passou com um certo ensaio de colonias no littoral, em que o Governo Imperial teve até que pagar o transporte dos colonos de regresso à Europa, em grande detimento da marcha progressiva da mesma colonização, me apresentei ao illustrado ministro da Agricultura, expondo-lhe minhas intenções de emprehender a viagem da qual deveriam, em todo caso, resultar algumas informações que podessem vir a ser aproveitadas no futuro em favor da colonização em geral, e pedindo-lhe, conseguintemente, suas ordens e algumas recomendações, que me foram desde logo por S. Ex.^a patrioticamente dadas.⁶⁶

⁶⁵ http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4311/2/2012_JulianaRodriguesFreitas.pdf. Acesso em 07 dez. 2016.

⁶⁶ VARNHAGEN: 1877, p. 25

Sexagenário, Varnhagen segue de trem até Uberaba, de onde segue em direção a Formosa em lombo de mulas, carregando seus instrumentos, passando por picadas abertas por tropeiros, bandeirantes e, por vezes, por ele próprio e sua equipe.

O visconde não perde tempo e, tão logo chega a Formosa-GO, inicia suas análises e observações. Nesses estudos de campo, Varnhagen confirma o que havia escrito já em 1849, registrando, ainda, a fauna, a flora, o relevo e a hidrografia locais, recomendando o local como adequado para a migração alemã – pretexto da viagem – e apontando o triângulo formado pelas lagoas Feia, Formosa e Mestre D’armas (local conhecido durante muito tempo como chapadão do Visconde e, atualmente, como chapadão do Pipiripau), onde se encontram vertentes das 3 das principais bacias hidrográficas do continente sul-americano, como o ideal para a edificação da nova capital do país, como é possível verificar neste trecho de sua obra “A questão da capital: marítima ou interior?”:

Qual o local mais conveniente para fixar a sede do Governo Imperial? Cremos haver deixado demonstrada a conveniência da exclusão de todos os portos de mar. E agora acrescentaremos: a capital do Império deve estar em alguma paragem bastante no interior, que reúna mais circunstâncias favoráveis. (...) É a em que se encontram as cabeceiras dos afluentes Tocantins e Paraná — dois dos grandes rios que abraçam o Império; isto é, o Amazonas e o Prata, com as do São Francisco que, depois de o atravessar pelo meio, desemboca a meia distância da cidade da Baía à de Pernambuco. É nessa paragem bastante central e elevada, donde partem tantas veias e artérias que vão circular por todo o corpo do Estado, que imaginamos estar o seu verdadeiro coração, é aí que julgamos deve fixar-se a sede do governo. (...) Refiro-me à bela região situada no triângulo formado pelas três lagoas Formosa, Feia e Mestre d’Armas, com chapadões elevados a mais de mil metros, como nessa paragem requer, para melhoria do clima, a menor latitude, favorecidas com algumas serras mais altas da banda do norte, que não só protegem de alguns ventos menos frescos desse lado, como lhes fornecerão, mediante a conveniente despesa, os necessários mananciais.⁶⁷

⁶⁷ <https://chiquinhodornas.blogspot.com.br/2016/02/historia-os-200-anos-de-um-pioneiro.html>
Acessado em 13 jun. 2018

Em 28 de julho de 1877, Varnhagen escreve de Formosa-GO, então Vila Formosa da Imperatriz, carta “dirigida ao ministro da Agricultura, Tomaz Coêlho, exaltando a região e recomendando-a como lugar perfeito para a construção da nova capital do Império”⁶⁸:

Villa Formosa da Imperatriz, em Goyaz, 28 de Julho de 1877.

Illmº Exmº Sr.

Para melhor cumprir as ordens que V. E. se dignou dar-me em Aviso desse ministerio de 14 de Junho último, começarei por consignar por escripto algumas idéas que, acerca da colonização europea no Brazil, tive a honra de emitir verbalmente na audiencia que V. E. se dignou conceder-me poucos dias antes da data do mencionado Aviso.

Varios resultados menos favoraveis a esse respeito, nos climas tropicaes do nosso littoral, fizeram que hoje tenha quasi unanimemente triunfado na Europa a idéa de que, para o primeiro estabelecimento dos colonos do norte no nosso paiz, só são apropriados os climas do Rio Grande do Sul, e quando muito os de algumas paragens das de Santa Catharina e Paraná; de modo que é quasi exclusivamente para estas provincias que a mesma colonização ja segue expontanea, dispensando a estipendiada; com a qual, não só por espirito de equidade e justiça, como por outras muitas considerações, bem conhecidas de V. Ex., conviria que fossemos presenteando as demais provincias.

[...]

Na vasta extensão que acabo de percorrer, ha porém outra região não menos apropriada a offerecer localidades favoraveis ao primeiro estabelecimento de colonos europeos, e a respeito da qual julgo que deveríamos desde ja dar algumas providencias, afim de a ir preparando para a missão que a Providencia parece ter-lhe reservado, fazendo a um tempo della partir aguas para os tres rios maiores do Brazil e da America do Sul, Amazonas, Prata e S. Francisco, e constituindo-a, por assim dizer, o nucleo que reune entre si as tres grandes concas ou bacias fluviaes do Imperio. Refiro-me á bella região situada no triangulo formado pelas tres lagoas Formosa, Feia e Mestre d'Armas, com chapadões elevados mais de mil e cem metros, sobre o mar, como nella requer para a melhoria do clima a menor latitude, com algumas terras

⁶⁸ LÔBO: 2006, p. 35

mais altas do lado do norte, que não só a protegem dos ventos menos frescos desse lado, como lhe offerecerão os indispensaveis mananciaes.

Não entrarei aqui, Exm. Sr., na questão da alta conveniencia para o Imperio e até para o Rio de Janeiro, da mudança da capital, questão que me reservo discutir de novo extensamente em uma publicação não official. Mas não posso deixar de aproveitar esta occasião para recommendar a importancia, em todo o sentido, da mencionada paragem, como solo fecundo em que tem de vingar e prosperar muito quaequer sementes que nelle se lançarem. Nestes terrenos de campos elevados, de bellas pastagens, onde se criam perfeitamente os cavallos companheiros da civilizaçāo do homem (e que se pagam hoje apenas a trinta e quarenta mil reis cada um), onde os cafezeiros, ao cabo do primeiro anno da planta da muda, já produzem prodigiosamente, promettendo para quando houver daqui communicações ser este um novo distrito deste genero, nestes terrenos, digo, com bosques nos valles e margens dos ribeirões, se encontram para as construções de edificios, muito bons grés brancos e vermelhos e até marmores de côres, os quaeis hoje apenas se destinam para cal, e se encontra tambem, como por todo o sertāo, bastante minerio de ferro; existindo até bem perto em actividade uma fabrica pertencente ao major José Rodrigues Chaves, a qual, por meio do modesto processo dos fornos catalães, o funde, fornecendo para todas as emmediações muito bom ferro. Para rebentar a pedra facil seria fazer-se até polvora, com o muito salitre que fornece a visinha serra das Araras.

Entre outras localidades apropriadas ao estabelecimento de povoações que ainda se poderão encontrar nesta região, unica em relação ao Brazil todo, eu cheguei a reconhecer pessoalmente duas, bastante elevadas, de facil accesso, bem ventiladas, suaves, escoantes, bellos horizontes e com capacidade sufficiente para estender-se e chegar a receber até mais de um milhão de almas.

É uma delas a chapada, por alguns denominada serra da Gordura, perto de quatro leguas a O. N. O. desta villa, na paragem onde, a menos de um tiro de fuzil umas das outras, se veem as cabeceiras dos ribeirões Santa Rita, vertente ao rio de S. Francisco pelo Preto; Bandeirinhas, vertente ao Amazonas, pelo Paranan e Tocantins; e Sitio-Novo, vertente ao Prata, pelo S. Bartholomeu e grande Paraná.

A outra fica apenas legua e meia a N. O. desta ultima, e lhe é, no meu entender, mui superior; tanto por ser ainda mais alta, e ventilada e de mais bellos horizontes, como pela facilidade de conduzir a ella as aguas potaveis, apanhando logo acima as varias aguas verentes á Lagoa Formosa e ribeirão do Bahú. Refiro-me a uma localidade no dorso do espigão que forma o paredão da Lagoa Formosa ao lado de leste, na subida que conduz á chamada serra do Cocal; em um sitio abundante de planta aqui denominada com o nome de yucas. A diferença de nível para menos do alto da serra do Cocal, não só permittiria o apanhamento e a facil conduçâo de aguas das ditas vertentes, com as quaes se poderia desde logo encher a primeira caixa ou māe d'agua, em quanto a povoação se não estendesse muito e fosse necessario ir buscar mais ás serras mais distantes, como tambem a abrigaria completamente dos nortes, que, como disse, sâo os ventos menos frescos e menos sadios da America do Sul; e desse modo soprariam mui por cima das casas.

[...]

Em todo caso, Exmº Sr., uma paragem, da importancia desta, que, pela bondade de seu clima e sua fertilidade, recommendaria no estrangeiro o Brazil todo, que pela sua posição favoreceria notavelmente o desenvolvimento do commercio interno de todas as provincias, e que (quando viesse a ser a séde do governo) afiançaria nos seculos futuros a segurança e unidade do Imperio, parece-me que é digna de merecer desde já a devida attenção dos poderes publicos do Estado, fazendo convergir para ella todas as communicações, começando pela continuaçâo da estrada de Pedro 2º, levando-a talvez de preferencia pelo Paraopeba, rio S. Francisco e Urucuya, cujas cabeceiras se acham mui perto desta villa. Tambem a linha de Casa Branca se poderia desde já para esta paragem encaminhar, seguindo algumas vertentes, a buscar, pelo caminho mais facil, a foz do Corumbá no Par[a]nahiba, para subir depos aquelle rio e o S. Bartholomeu, até as cabeceiras deste. Eu julgo, Exmº Sr. que, se fosse necessario, até por uma lei applicavel ás proprias estradas de ferro provincias, deviamos de todo abandonar o systema de as decretar e conceder para unir entre si povoações ainda de insignificante commercio e trafico, com grandes gastos de aterros e desaterros, aplanando montes e valles, e que nos conviria adoptar de preferencia o principio de ir beirando os rios, sem nenhuns gastos de nivellamento, e com muito maior proveito da

agricultura em geral, como succede á que segue o valle do Parahiba. E creio firmemente que nesta quasi preferencia das margens dos rios, ajudando assim a natureza, que se limitou a abrir os leitos, mais ou menos nivellados, deixando caxoeiras, que mais custaria a quebrar do que a vencer lateralmente pelas estradas de ferro, está o grande segredo do desenvolvimento das mesmas estradas de ferro no Brazil; pois novas cidades, muito mais importantes que as actuaes, poderão vir a surgir ao lado dellas como por encanto. Isto não obstaria a que a dessas grandes arterias se fizessem divergir ramaes para as cidades vizinhas, mais ou menos importantes. Deus guarde" etc.⁶⁹

Como homenagem a Varnhagen, por crer que a vinda da capital para o seu “quintal” poderia respingar a prosperidade e o desenvolvimento por tanto tempo esperados em seus domínios, a principal rua de Formosa-GO recebeu o seu nome – ou melhor, seu título: Rua Visconde de Porto Seguro (anteriormente, já era conhecida como “Rua do Visconde”, por ter sido nela onde Varnhagen se hospedou).

Figuras 30 e 31: Figuras 30 e 31: HQ da revista epopéia sobre Varnhagen



Fonte: <http://www.jobim.org/lucio/handle/2010.3/4581>

⁶⁹ VARNHAGEN: 1877, p. 26.

Como bem observou a jornalista Zezé Weiss em artigo publicado no sítio da ONG Xapuri Ambiental,

Não há em Formosa quem não passe em um momento ou outro pela Rua Visconde de Porto Seguro, que antes se chamou rua das Flores. Embora seja um espaço extremamente importante para a economia e a vida social do município, são raros os registros sobre a história da “rua Visconde.”

Um das raras exceções encontra-se no livro “Álbum de Formosa”, obra póstuma do escritor formosense Alfredo A. Saad, falecido em 2011, publicado pela família em 2013.

E assim nos conta, a esse respeito, mais uma vez, Alfredo Saad:

Embora aberta e possivelmente habitada desde o século 18, a rua Visconde de Porto Seguro, oficialmente, recebeu esse nome somente em 1877.

Era apenas um caminho direto, mais tarde denominado rua das Flores, entre o largo da Bica e a rua dos Crioulos(primeira rua de Formosa).Naquele ano, durante os meses em que visitou a cidade, o Visconde morou em um casarão existente naquela rua, na esquina da atual rua Hugo Lobo. A nova denominação foi criada, imediatamente, depois da visita: a rua passou a ser conhecida por “rua do Visconde.” O Visconde se encantou com a cidade, com a calorosa recepção, com o clima e com a paisagem, e deixou como recordação um barômetro aneroide, conservado por quase um século na Prefeitura da Cidade. Naquele mesmo ano, quando a Vila Formosa da Imperatriz foi elevada à condição de cidade, a Câmara de Vereadores aprovou a alteração do nome da rua das Flores para o nome atual.

(...)

A rua Visconde, como era – e ainda o é – familiarmente denominada por todos, e servia de ligação entre a rua do Norte, a primeira a ser habitada e primitivamente denominada rua dos Crioulos, e o lado sul do Arraial, onde se tomava o caminho de Arrependidos,

logo estendeu-se rumo Norte, avançando coluna acima, em direção ao altiplano do divisor de águas do Paraná-Bandeirinha e do córrego do Brejo-rio Preto. No início, a rua era apenas um caminho que, depois, foi aos poucos provida de raras casas cobertas de telha, cada uma delas construída na testada de imensos lotes de terreno, chácaras plantadas com inúmeras árvores frutíferas, em meio ao capim e às moitas de cana, destinados aos cavalos que serviam a seus habitantes. Mesmo nos anos adiantados do século vinte, podia-se apontar a localização dessas chácaras e fazendas primitivas: cada quarteirão da rua, especialmente aqueles do lado direito de quem sobe da rua dos Crioulos para o largo da Matriz, mostrava as evidências encontradas nas mangueiras, claramente seculares, nas jabuticabeiras de troncos avantajados, nos extensos canaviais, nos restos de paredes de antigas casas destruídas.⁷⁰

Quanto ao barômetro aneroide doado pelo visconde de Porto Seguro à cidade, citado por Saad, conta-nos o autor:

O barômetro do Visconde foi conservado na Prefeitura e, em 1958, levado pelo entusiasmo da população local com a construção da nova capital, o então prefeito, infantilmente encantado com a pompa palaciana em Brasília, ofertou ao Presidente Juscelino a inestimável lembrança. Mesmo à época, não se conseguiu uma explicação razoável para tal despropósito, pois Formosa perdeu um valioso bem, exclusivo e不可 substituível, que não pertencia ao prefeito, e a oferta do barômetro nada trouxe de compensador à cidade. O barômetro desapareceu nos desvãos do Palácio do Planalto e não mais se ouviu falar dele.⁷¹

Em pesquisas e entrevistas, de fato, jamais havia se ouvido falar, novamente, sobre o presente de Varnhagen. Eis que, no ano de 2017, após uma reunião promovida pelo Portal Cerratense e do projeto “Nas trilhas da Missão Cruls”, um de seus membros, o cineasta Marco Orsini, que até então jamais soubera da existência de tão importante regalo histórico, por acaso o localizou num canto qualquer do Memorial JK, em Brasília.

⁷⁰ SAAD: 2013, p. 141

⁷¹ SAAD: 2013, p. 152

Figuras 32 a 35: Barômetro doado por Varnhagen a Formosa



Crédito: Marcos Orsini

Durante sua desgastante viagem e estadia em Formosa, o que, no total, durou aproximadamente seis meses, Varnhagen contraiu tuberculose e retornou à Viena, na Áustria, para reassumir seu cargo de Ministro Plenipotenciário do Brasil no Império Austro-Húngaro, editar sua obra “A questão da capital: marítima ou interior” - em que defende ardorosamente a mudança da capital federal para o local por ele indicado, agora, calcado em argumentos construídos *in loco*, para dar mais legitimidade - e tratar-se da doença. Porém, para o tratamento, já não havia mais tempo e quedou-se seu esforço em inútil. O visconde de Porto Seguro sucumbiu à moléstia, falecendo no ano seguinte ao de sua expedição, a 29 de junho de 1878, em Viena.

Passados doze anos de sua expedição, foi proclamada a República, em 1889. Durante a Assembleia Constituinte, em 1890, foi apresentada emenda para que fosse destinada área no Planalto Central, exatamente segundo as indicações de Varnhagen, para que se construísse a futura capital federal. Em 24 de fevereiro de 1891 foi promulgada a primeira Constituição republicana e, em seu artigo 3º, estava previsto de forma taxativa que “Fica pertencendo à União, no planalto central da República, uma zona de 14.400

quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura capital da República”.

No ano seguinte, 1892, assume a Presidência o Marechal Floriano Peixoto que, a despeito da relação íntima de amizade entre Luis Cruls e o imperador deposto, D. Pedro II, o nomeia chefe da Comissão Exploradora do Planalto Central – na época, como não se possuía recursos tecnológicos de orientação, a única possibilidade era guiar-se pelos astros, e Cruls era um astrônomo respeitado internacionalmente.

A título de curiosidade, convém recordar que, justo Formosa que carregou em seu próprio nome uma homenagem à família imperial – Vila Formosa da Imperatriz – possuía, alguns bons anos antes da proclamação da República, um Clube Republicano, o único do interior de Goiás:

Segundo Artiaga (1959), Manoel Alves de Castro Sobrinho e Pedro Dias Paes Leme foram alguns dos primeiros articuladores do movimento republicano goiano. Em 1885, Guimarães Natal presidiu o clube republicano da cidade de Goiás, capital da província, e fundou outro clube em Formosa, cujo presidente era Ângelo Rodrigues Chaves.⁷²

REPÚBLICA **Missão Cruls: Comissão Exploradora do Planalto Central**

Sem grandes movimentações foi a transição do Império para a República em Formosa. À exceção da notícia de um Clube Republicano no município, nada de relevante foi relatado até a chegada da Missão Cruls. Tão logo foi instaurada a República, dispositivo constitucional, como dito anteriormente, garantiu a exigibilidade da mudança da capital federal, com base nos estudos e argumentos do Visconde de Porto Seguro. Assim, o segundo presidente, Floriano Peixoto, emite, em 1892, mensagem ao Congresso Nacional em que informa o envio a Goiás da Comissão Exploradora do Planalto Central, com a missão de demarcar o território em que seria implantado o novo Distrito Federal e, consequentemente, a nova capital do Brasil. Capitaneada pelo engenheiro belga radicado no Brasil, Luís Cruls, a missão contou ainda com outros 21 membros, especialistas nas mais diversas áreas, além de apoio militar. Antes, no entanto, de falar sobre a missão, convém discorrer um pouco sobre quem foi o homem cujo sobrenome batizou como ficou, de fato, conhecida a Comissão Exploradora do Planalto Central: Missão Cruls.

⁷² CHAUVET: 2013, p. 211

Louis Ferdinand Cruls nasceu em Diest, na Bélgica, e estudou engenharia civil na Universidade de Gante. Adquiriu, ainda, formação em astronomia e especializou-se em geodesia. Incorporou-se às fileiras do exército belga na qualidade de oficial da engenharia, desligando-se em 1874 para ingressar em viagem ao Brasil.

Durante a viagem, Cruls conheceu Joaquim Nabuco, diplomata brasileiro e figura influente no cenário político imperial, com quem desenvolveu forte amizade. Nabuco o apresentou a Dom Pedro II, conhecido por sua erudição, tendo desenvolvido, rapidamente, também, empatia e amizade com o eminente cientista, a ponto de nomeá-lo diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro, em 1881.

Apesar da amizade com Dom Pedro II, Cruls era um cientista ambicioso e movido a desafios, o que, provavelmente, o fez aceitar o convite, após a Proclamação da República, para chefiar a Comissão Exploradora do Planalto Central, que iniciaria em Goiás as pesquisas e demarcações do território da futura capital federal.

Contando com uma equipe de notáveis, a Missão Cruls, como ficou conhecida, era composta por mais 21 membros entre botânicos, engenheiros, astrônomos e cientistas em geral. A primeira Missão Cruls (foram duas), partiu do Rio de Janeiro em 1892, exatamente pelo mesmo itinerário de Varnhagen, acreditando na promessa de Floriano Peixoto que, ainda em seu mandato, seria edificada a nova capital. Passando por Pirenópolis, Luziânia e Planaltina, em Goiás, chegaram, finalmente, a Formosa-GO, local em cujo território se localizava a região indicada por Varnhagen para implantação de Brasília.

Após um trabalho hercúleo de levantamento das mais diversas informações da região, foram finalmente firmados os quatro marcos delimitadores do Distrito Federal, o “Quadrilátero Cruls”, como ficou conhecido o retângulo de 160 km por 90 km que deveria vir a ser o Distrito Federal. O vértice nordeste do “Quadrilátero Cruls” fica situado em Formosa-GO, sem, até o momento, no entanto, ter sido confirmada sua localização precisa.

Figura 36: Luis Cruls



Fonte: portalcerratense.com.br

Figura 38: Lagoa Feia, em 1892. Crédito: H. Morize



Fonte: portalcerratense.com.br

Figura 37: Salto do Itiquira. Crédito: Henrique Morize



Fonte: portalcerratense.com.br

Figura 39: Entrada de Formosa, em 1892.

Crédito: H. Morize



Fonte: portalcerratense.com.br

Figura 40 – Membros da Missão Cruls, em 1892. Crédito: Henrique Morize



Fonte: portalcerratense.com.br

Tendo feito a coleta de vários dados, do rol de informações necessárias para implantação de uma cidade capital, Cruls retornou ao Rio de Janeiro, após mais de um ano de viagem. Lá chegando, redigiu o famoso e monumental “Relatório Cruls”, com fotos, mapas, coordenadas, informações acerca da fauna, flora, hidrografia, relevo, etnografia, cultura, epidemias, etc. Praticamente pacificado pelo Congresso Nacional o local como o oficial para implantação da nova capital, uma segunda missão foi enviada com Cruls para fazer a ligação telegráfica na região. Sem os mesmos recursos e, aparentemente, a mesma pressa da primeira, a segunda missão foi pouco produtiva, se comparada à primeira, e também pouco divulgada. Ainda assim, trouxe colaborações valiosas, como a de um de seus membros, o botânico Glaziou, que à época já havia sugerido a formação do Lago Paranoá no local onde, de fato, ele efetivamente viria a ser criado, mais de cinquenta anos depois.

O relatório da primeira Missão Cruls é de tal forma primoroso, valioso, que sem o qual, provavelmente a história de Formosa-GO e da região seriam tais e quais. Por ser uma região extremamente distante dos grandes centros, sem o aparelhamento do estado, sem centros de pesquisas e, tampouco, tradição historiográfica, Formosa-GO possivelmente teria boa parte de sua história, inclusive natural, perdida no esquecimento, na falta de entendimento ou restrita à tradição oral. O relatório de Cruls ajudou os poucos historiadores locais a montar o mosaico dessa história, juntando cacos de relatos orais, achados arqueológicos com o extremamente rico e bem elaborado relatório.

Até mesmo o sistema de abastecimento de água de Formosa, até os dias atuais – captado no rio Bandeirinha –, é o mesmo indicado pela Missão Cruls, há mais de 120 anos atrás.

Como bem disse Jaime Sautchuk:

A Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, chefiada por Luiz Cruls, que percorreu a a região em 1892/93, fez muito mais que demarcar os limites do futuro Distrito Federal, onde está Brasília. Fez um Magnífico estudo sobre o meio ambiente da parte central do país, em especial de Goiás. Pode-se dizer que o primeiro Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) elaborado no Brasil foi, certamente, o Relatório Cruls, publicado em 1894.

Esses estudos foram ampliados em 1894/95 em nova viagem do grupo por ele coordenado para aprofundar as pesquisas sobre a nova

capital e definir o traçado de ferrovia ligando Catalão (GO) a Cuiabá (MT), por ele sugerida.⁷³

Cruls morreu em 1908, vitimado, tal qual Varnhagen, pelos males da viagem. Só que, dessa vez, não por uma tuberculose, mas “pela malária e outros males contraídos em suas andanças”, como informa, novamente, Sautchuk, que complementa: “Morreu na França, onde havia ido se tratar, mas fez questão de ser sepultado no Brasil, desejo cumprido pela família.”⁷⁴

Figuras 41 a 44 – HQ da Revista Epopéia narrando a história da Missão Cruls

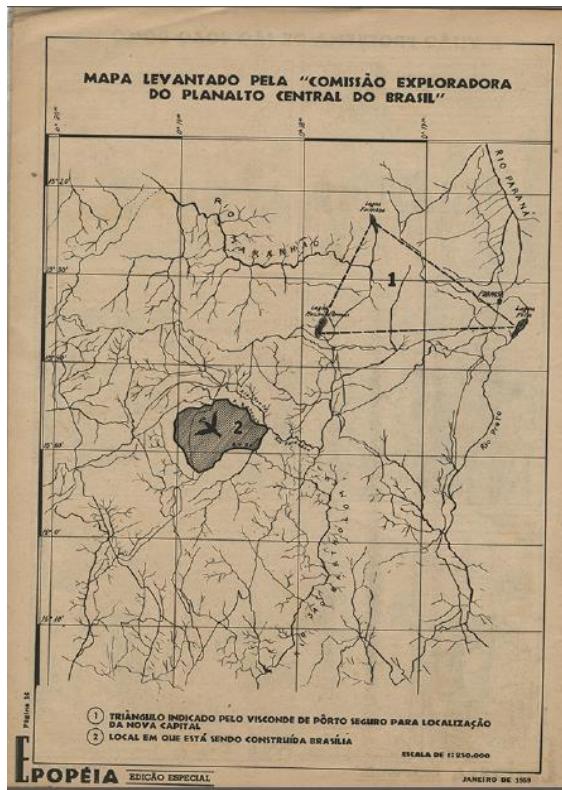


Fonte: <http://www.jobim.org/lucio/handle/2010.3/4581>

⁷³ SAUTCHUK: 2014, p. 13

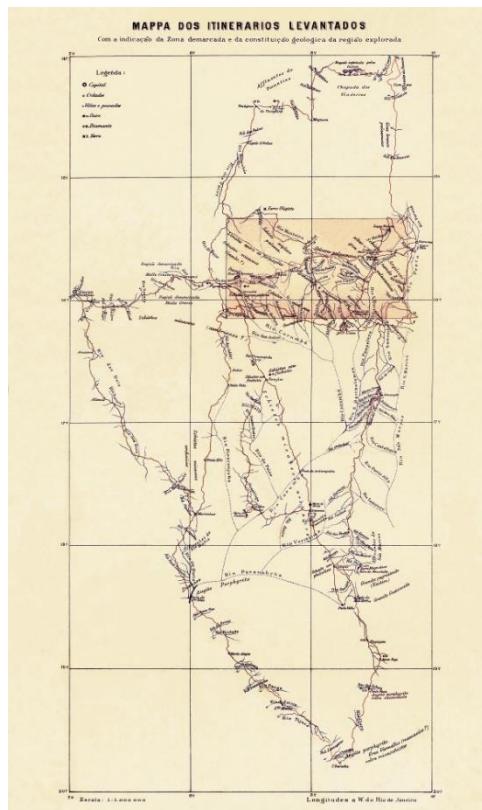
⁷⁴ SAUTCHUK: 2014, p. 19

Figura 45 – Mapa dos levantamentos da Missão Cruls, constante na Revista Epopéia



Fonte: <http://www.jobim.org/lucio/handle/2010.3/4581>

Figura 46: Mapa dos Itinerários da Missão Cruls. Crédito: Relatório Cruls



Fonte: portalcerratense.com.br

Território: Formosa perde distritos ao longo da República

Ainda hoje, Formosa tem um dos maiores territórios do estado de Goiás. No entanto, era bem maior, e com o decorrer da república foi diminuindo, a partir do desmembramento de distritos que foram sendo emancipados. Mestre D'Armas, que viria a se tornar o município e a cidade-satélite vizinhos de Planaltina de Goiás e Planaltina-DF, respectivamente, era distrito de Formosa até 1891, quando se emancipou. Outros municípios goianos, hoje vizinhos, também eram distritos de Formosa e se emanciparam ao longo do período republicano, como São João d'Aliança (em 1953), Cabeceiras (1958) e Vila Boa (1992). Apesar disso, Formosa ainda possui distritos bem extensos e populosos, como o do Bezerra, do JK e de Santa Rosa, além de diversos povoados, estando o mais próximo a 30 quilômetros da área urbana.

Período entre a Missão Cruls e a Revolução de 1930

Da Proclamação da República até 1930, além da Missão Cruls, alguns acontecimentos também foram bem significativos, relevantes para a história e, conforme constatado nas entrevistas e em algumas das obras aqui analisadas, para a formação da memória e da identidade do povo formosense.

Formosa, como a maioria da região Centro-Oeste, tem uma influência católica bem relevante. Como o resto do Brasil, esses laços começam a se formar ainda no período colonial, sendo que, como visto anteriormente, as evidências apontam que, em Formosa, essa relação é mais intrínseca ainda, por poder ter sido um padre católico o primeiro homem branco a chegar à cidade, tomando posse da mesma para o seu respectivo bispado, no caso, o de Pernambuco. Essa submissão, inclusive, ensejaria mais que diversos aspectos políticos que, talvez, hoje teriam maior relevância, um incômodo profundo em sua população, ao ponto de protestarem até que conseguissem, finalmente, a mudança da subordinação da paróquia local para o bispado de Goiás.

Em 1905, outro fato importante que influenciaria em grande medida a cultura local ocorreu, como nos conta o professor e incansável pesquisador da história formosense, Samuel Lucas, a partir de um verdadeiro mergulho nos documentos da cúria diocesana:

Em 1904 foi assinado em Roma o contrato que confia a Paróquia de Formosa aos padres dominicanos da Província de Toulouse.

Em 1905 chegaram a Formosa os dominicanos: Frei Gabriel Devoisins, Frei Gregório Aleixo, Frei Domingos Hamoir, Frei Manuel Maria Wolzstyniak, irmão Frei Gaurlin e irmão Frei Garcia.⁷⁵

Tão logo chegaram os dominicanos à cidade, para assumir “a orientação religiosa da população, mudanças sobretudo culturais, já foram implantadas. Isso incluía, inclusive, a educação de meninos em meninas”⁷⁶ e, assim, em 1910 erguem o Colégio São José, sob os auspícios das freiras dominicanas e exclusivo para meninas; em 1913 foi concluído o convento dominicano e em 1942 o Ginásio Arquidiocesano do Planalto, destinado à educação dos meninos. Freis holandeses também vieram a Formosa e participaram de importantes projetos, desde a educação, no então Colégio do Planalto, até a entrega de vilas com casas populares que vieram a se tornar bairros da cidade: Vila Vicentina (bairro São Vicente), Vila Beneditina (bairro São Benedito) e Vila das Luísas de Marillac (Vila Marilac).⁷⁷

Presente e influente na região até os dias atuais, também, é a Sociedade São Vicente de Paula, tradicionalmente dedicada aos cuidados dos idosos. Além disso, algumas tradições católicas converter-se-iam em verdadeiro patrimônio cultural da cidade, conforme depoimento dos entrevistados – inclusive protestantes -, como a Festa do Divino Espírito Santo e a folia da roça, que, anualmente, pintam a cidade de vermelho, arrastando multidões.

Voltando à seara secular, fato que gerou imenso orgulho na população, à época, foi a instalação da Usina de Energia Elétrica, luxo que raras cidades do interior de Goiás possuíam até então. Iniciada em 1928, foi concluída em 1932. Em 1928,

...foi instalada uma linha telegráfica provisória ligando Formosa à Santa Luzia (Luziânia), para auxiliar no combate à Coluna Prestes que voltava do Norte e se dirigia para Mato Grosso. Foi desativada pouco tempo depois. No dia 7 de setembro 1928, foi inaugurado o telégrafo nacional.⁷⁸

⁷⁵ LUCAS: 2013, p. 15

⁷⁶ SAAD: 2013, p. 254

⁷⁷ LUCAS: 2013, p. 43

⁷⁸ CHAUVET: 2005, p. 228

Outro fato desconhecido pela maioria da população local, é que já houve um formosense Governador do Estado de Goiás, como narra, mais uma vez, Chauvet:

Entre 1º de dezembro de 1889 e 27 de outubro de 1930, Goiás viveu um clima de muita instabilidade política, sendo dirigido pela chamada república dos coronéis, chefes locais de oligarquias estaduais. Um período no qual o governo foi pautado por poder pessoal das famílias tradicionais e, não por um projeto coletivo de estado ou de município. A instabilidade era tamanha que Goiás teve quase 40 governos diferentes até 1930, ou seja, uma média de uma gestão por ano.

Uma época dos Siqueira, Bulhões, Abreu, Morais, Castro, Perilo, Póvoa, Albernaz, Caiado, Gouveia, Jubé, Amorim, Guedes, que se dividiam entre os grupos dos caiadistas, dos bulhonistas e dos xaveristas. Até os jornais tomavam partido explícito de um lado ou de outro: o "Goiás" era bulhonista e "A Imprensa" e "A Tribuna", xaverista.

[...]

Neste contexto, o Coronel Herculano de Souza Lobo, proprietário da fazenda Urucuia, em Formosa, foi convidado para assumir a presidência do Estado. Trouxe de Formosa Arthur Póvoa como chefe de polícia, José Teodolino Rocha como secretário particular e Trajano Balduíno de Souza para a secretaria de finanças. Também fazia parte do governo Antônio Perillo, que tinha residido em Formosa.

A escolha dessas pessoas da sua confiança, sem consultar os dirigentes estaduais, provocou uma crise no governo, desde o primeiro dia. Segundo Artiaga (1959, p. 267), a situação do Governo Herculano Lobo ficou insustentável com a impossibilidade de investigar o crime: “[...] cometido por um dos amigos do Senador Caiado, Ivo Rodrigues da Silva, que impressionou o povo de todo o Estado e o seu motivo foi o seguinte: havia em Goiás, um tipo de escravidão entre patrões e camaradas, garantida por lei especial, desde o primeiro governo de Antônio José Caiado. Chamava-se 'camaradas de contrato', contra os quais tinham os patrões o direito de prender quando fugiam.

Acontece que Ivo Rodrigues não se limitou a capturar, e foi mais além, castrando o seu empregado que se esvaiu em sangue! O público exigia providências, e Herculano Lobo foi avisado a não perseguir a Ivo Rodrigues que era guarda pessoal do senador Ramos Caiado, tanto que este constituíra-se [sic] seu advogado, até mesmo no Supremo Tribunal [...]”⁷⁹

Alfredo Saad, sobre o episódio, complementa:

Herculano Lobo fora eleito segundo Vice-Presidente do Estado. O primeiro Vice-Presidente em exercício, Urbano Gouveia, para evitar um choque com o chefe "revolucionário: coronel Eugênio Jardim, fugiu para o Rio de Janeiro, abandonando intempestivamente o governo, que, então, coube a Herculano Lobo assumir. Isso aconteceu em março de 1912.

Trazido quase à força de sua fazenda, o coronel Herculano presidiu o Estado, assinando, sem ler, os papéis que lhe apresentavam, isso se estivesse assinalado com uma cruz o local em que deveria apor sua assinatura. Foi nessa época que ganhou o codinome "Babaquara" pelos seus assessores - um deles formosense, homenageado, mais tarde, com o nome de uma rua: José Teodolino da Rocha.

Embora tenha atuado de forma eficiente à frente do governo, graças ao secretariado que nomeou, Herculano Lobo, infelizmente, passou à história como um Presidente desastrado. Um de seus mais notórios atos de governo foi a adoção, para leitura obrigatória, em todas as escolas de Goiás, do *ABC do agricultor*, um livro de divulgação de preceitos e regras para uma agricultura eficiente. O fato até poderia ser elogioso se, por um lapso de revisão, o livro não trouxesse (dizem que logo nas primeiras páginas) o ensinamento: "A grande inimiga da agricultura é a formiga cuiabana, assim chamada por vir a mesma de Cuiabá, capital de Mato Grosso." Ante tão bisonha informação, entre outras, o que poderia ser um belo projeto tornou-se motivo de escárnio e zombaria.

Afeito à violência contra inimigos e desafetos, embora tranquilo e cordial, ao mesmo tempo em que era leniente com os correligionários,

⁷⁹ CHAUVET: 2005, p. 215

o coronel teve de deixar o governo, como o antecessor: intempestivamente. Um grave crime cometido no interior do Estado foi a ele imputado e, embora sempre negando qualquer envolvimento com o fato, Herculano Lobo, pressionado pelos desdobramentos do caso, renunciou à Presidência e retirou-se para Formosa.⁸⁰

A Revolução de 1930

Com o advento da Revolução de 1930 – uma ruptura com a estrutura oligárquica até então dominante no poder - e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, muita coisa mudaria na hierarquia política de Formosa. Grande parte do território onde hoje é o Distrito Federal, pertencia a Formosa. Inclusive a Granja do Torto, uma das residências oficiais da Presidência da República, pertencia, até certa época, não ao município, mas a uma família formosense.⁸¹ Por lá teria passado a Coluna Prestes, o que, segundo relatos, teria causado pânico na população. No encalço da Coluna, o governo federal, ainda antes da Revolução, enviou tropas para sua captura:

Em 1926, chega em Formosa a legião paulista encarregada de combater a Coluna Prestes. Foram estabelecidos o quartel general, um hospital militar e uma linha telegráfica provisória ligando Formosa a Santa Luzia (Luziânia).

Às 10 horas da manhã, de 19 de setembro de 1926, os aviões "Anhangüera", de 12 cilindros e motor de 210 HP e "J-N-109", de nove cilindros e motor de 90 HP, aterrissam em Formosa. Vão se unir à Legião Paulista.

No dia seguinte, ocorre o primeiro acidente aéreo do Planalto Central: o avião "109", ao tentar descolar, bateu com a cauda em um toco e virou. O avião ficou bastante avariado, mas os pilotos tiveram apenas escoriações leves.⁸²

As tropas que vieram a Formosa perseguir a Coluna Prestes eram do Rio Grande do Sul e, entre os seus integrantes, havia o Tenente Moisés Perotto, que, após a Revolução de 1930 - que destituiu praticamente toda as oligarquias arraigadas ao poder no estado e

⁸⁰ SAAD: 2013, p. 348

⁸¹ CHAUVET: 2005, p. 216

⁸² CHAUVET: 2005, p. 222

nos municípios, sobretudo as ligadas aos Caiado, como era o caso de Formosa – acabou sendo nomeado o 1º Prefeito de Formosa:

O tenente Moisés Perotto surgiu, de repente, na história de Formosa. Ele pertencera aos batalhões gaúchos que perseguiam os revolucionários da Coluna Prestes, em 1924, e, acampado em Formosa, conheceu a jovem professora Ondina Lobo, por quem se apaixonou.

Embora inicialmente rejeitado pelo futuro sogro, Honório Lobo, que dizia não aceitar soldado na família, o tenente partiu com o seu batalhão, anunciando que voltaria para se casar, um dia. Quatro anos mais tarde, Moisés Perotto surgiu em Formosa, dirigindo um Ford recém-adquirido, desta vez disposto a se casar com a antiga namorada. E ficou. A sua obstinação acabou convencendo o coronel que o rejeitara.

Em 1930, Honório Lobo, do partido de oposição aos Caiado, depostos pela revolução de Vargas, recebeu um pedido de Pedro Ludovico, que acabara de assumir o poder em Goiás: indicar o nome de uma pessoa de bem para governar a cidade. E Moisés Perotto foi indicado - por ser genro e por ser gaúcho, como Getúlio Vargas.

Em 1933, Pedro Ludovico, sabendo da origem do Prefeito de Formosa, requisitou-o para ajudar a construir a nova capital. Pedro Ludovico dizia necessitar de um gaúcho para conseguir arrancar do ditador o dinheiro para a construção da cidade. E Perotto deixou a Prefeitura, assumida por Antônio de Castro, eleito após a constituinte de 1933 e deposto com o golpe do Estado Novo, em 1937.⁸³

A construção de Goiânia

Embora cercada de expectativa, a construção de Goiânia e a mudança da capital pouco alteraram as relações existentes até então entre Formosa e o centro do poder no Estado: seguiria sentindo as marcas da omissão e do abandono. E a população de então passou a ter essa exata percepção, como demonstra um acontecimento narrado por Alfredo Saad, acerca de um tão aguardado jardim público – jardim centenário, em comemoração aos 100 anos de aniversário da cidade - na praça principal da cidade, em 1943, do qual resta, ainda hoje, um coreto, tombado patrimônio histórico:

⁸³ SAAD: 2013, p. 255

Para sacramentar a praça recém-inaugurada, o Interventor Pedro Ludovico premiou a cidade com um busto seu, uma réplica da herma de bronze assentada à entrada do Palácio das Esmeraldas, em Goiânia. Era uma peça branca, reprodução obtida do molde no qual o busto de bronze fora fundido. Sob todos os aspectos, uma ofensa aos formosenses, pois uma peça apenas bajulatória e desprovida de qualquer atrativo ou valor artístico. Por um lapso dos montadores de tal peça, a herma não foi cimentada no plinto.

Grande foi a cerimônia de inauguração do busto, no Jardim do Centenário, com discursos em profusão, elogios ao Interventor e louvações ao Ditador. Também por um lapso dos organizadores, Pedro Ludovico tinha os olhos voltados para o sul. Assim, dando as costas para o lado maior do jardim, o busto olhava para a parte menor, para o lado onde hoje se ergue a Prefeitura Municipal da cidade.

Não demorou muito e línguas ferinas começaram a murmurar que o governo só tinha olhos para o sul, deixando o norte do Estado abandonado, como sempre estivera. As maledicências abstratas logo se transformaram em ação: numa luminosa manhã formosense, descobriram que o busto do Interventor estava voltado para onde ele nunca olhava: para o norte... Aproveitando-se do fato da herma estar solta sobre o plinto, os autores da proeza simplesmente giraram a peça, voltando o ditatorial nariz do Interventor para o lado que ele não apreciava ver.⁸⁴

Tal “vilipêndio” ao busto do interventor virou caso de polícia e se tornou folclórico durante algum tempo na cidade.

A construção de Brasília

Após a expedição de Varnhagen e as duas Missões Cruls, foi erguida, em Planaltina-DF, antigo Arraial Mestre d’Armas, ex-districto de Formosa, a Pedra Fundamental da nova capital federal, em 1922. Com o fim do Estado Novo, foi elaborada uma nova Constituição, não outorgada, mas promulgada, com previsão expressa quanto à mudança da capital. O Presidente Dutra, militar, legalista, tomou providências para que

⁸⁴ SAAD: 2005, p. 421

se viabilizasse a previsão constitucional sem mais delongas. Assim, foi formada a Comissão Poli Coelho:

Na época, o General Eurico Gaspar Dutra era o presidente da República. Sendo militar, e, portanto, afeito ao pronto cumprimento das leis, não aguardou que se expirasse o prazo, nomeando logo — apenas transcorridos sessenta dias - a Comissão de Estudos Para a Localização da Nova Capital. Esse grupo de trabalho, chefiado pelo General Poli Coelho, era integrado por agrónomos, engenheiros, geógrafos, geólogos, higienistas, médicos e militares.

Já eram bem mais favoráveis as condições para a realização daquele trabalho do que as que haviam prevalecido durante a atividade da Missão Cruls. A nova Comissão não deixou de desempenhar, com a maior eficiência, a tarefa que lhe competia. Deu preferência ao local demarcado por Luís Cruls, ampliando-o, porém, para o norte e indicando, finalmente, uma área irregular de 77.250 quilómetros quadrados. No desdobramento dos estudos da melhor localização da nova capital, verificaram-se, entretanto, algumas divergências, com a formação de duas correntes: uma favorável à construção da cidade no Triângulo Mineiro; outra que se mantinha fiel à linha histórica, isto é, o Planalto Central. Postas em votação as opiniões, saiu vitoriosa a solução histórica, por 7 votos contra 5. No seu relatório, enviado no dia 22 de julho de 1948 ao Presidente Dutra, o General Poli Coelho deu conta da sua missão, declarando, entre outras coisas, o seguinte: "Ampliamos consideravelmente essa área para o norte, sobre a Bacia Amazônica, aproveitando uma série de trechos fluviais para lhe dar limites demarcados pela Natureza, o que vem simplificar o problema da passagem das terras à jurisdição do governo federal."

Esse relatório foi enviado pelo Presidente Dutra ao Congresso, através da Mensagem nº 293, de 21 de agosto de 1948, e ali o assunto permaneceu em discussão durante cinco anos, reavivando-se a mesma divergência que havia dividido a Missão Poli Coelho: o Triângulo Mineiro ou o Planalto Central? Após tão demorado debate, a discussão chegou a termo com a sanção, em janeiro de 1953, da Lei nº 1.803, que autorizava o Poder Executivo a realizar estudos definitivos sobre a localização da nova capital.

Tanto trabalho para nada. Após um quinquénio de debates no Congresso, o problema voltava quase à sua fase inicial: novos estudos da questão da localização, embora se determinasse que esses tivessem início dentro de 60 dias. Coube a Getúlio Vargas, que voltara à Presidência da República, trazido pelo voto popular, assinar o Decreto nº 32.976, de 8 de junho de 1953, que criava a Comissão de Localização da Nova Capital. Esse decreto previa que a Comissão seria constituída de um presidente, nomeado pelo chefe do governo, de um representante de cada ministério, além de representantes do Conselho de Segurança Nacional, do Estado de Goiás, do IBGE, do DASP e da Fundação Brasil Central. O presidente nomeado foi o General Caiado de Castro, que exercia, na época, as funções de chefe da Casa Militar da Presidência da República.

Um dos primeiros atos do presidente da Comissão - providência, aliás, de alto alcance — foi contratar com a Cruzeiro do Sul Aerofotogrametria o levantamento aerofotogramétrico de todo o chamado Retângulo do Congresso - assim batizado o perímetro de 52.000 quilômetros quadrados escolhidos pelo Congresso. Para se ter uma ideia da extensão desse retângulo basta dizer que nele estavam incluídas as cidades de Anápolis e Goiânia, assim como o centro mineiro de Unaí. A Cruzeiro completou seu trabalho em alguns meses, pois, já em janeiro de 1954, toda a área estava aerofotografada.

Completada essa primeira tarefa, o General Caiado de Castro, ciente de que a firma norte-americana Donald J. Belcher and Associates Incorporated, com sede em Ithaca, Nova Iorque, realizava estudos de pesquisas, baseados na interpretação de fotografias aéreas, assinou um contrato entre essa empresa e a Comissão do Vale do São Francisco, por delegação da Comissão de Localização da Nova Capital Federal. De acordo com o contrato, a firma norte-americana se comprometeu a apresentar, além dos mapas básicos, *overlays* e relatórios especiais sobre cada uma das áreas selecionadas, um Relatório Geral, com todos os dados básicos pertinentes aos vários sítios e acompanhado de modelos em relevo e fotografias oblíquas, de forma a permitir um confronto dos atributos de cada sítio e proceder, por fim, com o necessário rigor, à escolha daquele que apresentasse melhores condições para a implantação da nova capital.

Era da maior responsabilidade — como se pode depreender — o trabalho que seria levado a efeito pela firma norte-americana. Contudo, mal assinado o contrato, os norte-americanos procederam a uma impressionante concentração de esforços. Para os Estados Unidos, foram mandados 540 mosaicos e 18 fotoíndices, para análise e interpretação. Um grupo de especialistas embarcou para o Brasil para as primeiras observações, testes e amostragens, com a missão de colher dados no terreno para complementação da fotoanálise. De Ithaca foram enviados para o Rio cópias das aerofotos analisadas e interpretadas e todo o material necessário à produção das sobrecapas transparentes usadas na apresentação do trabalho, além da remessa, para o Planalto Central, de jipes, reboques, sondas perfuradoras e outros equipamentos de campo, para uso nos levantamentos e exploração da terra.

Entretanto, antes de a firma entregar o resultado de seus estudos, o General Caiado de Castro deixava a presidência da Comissão, sendo substituído pelo Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. A substituição se dera em face do suicídio de Getúlio Vargas, que alterou, por completo, a fisionomia política do Brasil. A UDN, que representava a oposição e sempre fora minoritária no Congresso, passara a liderar o novo governo, já que, com a ascensão do Vice-Presidente Café Filho à Presidência da República, o poder, por vias indiretas, lhe viera às mãos. Nessa época, eu era governador de Minas Gerais, mas circulavam rumores de que seria indicado por uma coligação de partidos - o PSD, o PTB e o PR - como candidato à sucessão de Getúlio Vargas.⁸⁵

Como visto acima, a gestação de Brasília permanecia longa, e o próximo capítulo veio com a Comissão José Pessoa, como relata o próprio JK:

O Marechal José Pessoa, nomeado por Café Filho para a presidência da Comissão de Localização da Nova Capital, assumiu logo o seu cargo e decidiu fazer uma viagem ao Planalto Central, a fim de "sentir na própria carne" a extensão das responsabilidades que haviam passado a lhe pesar nos ombros. Essa viagem foi realizada em fevereiro de 1955, época em que já eram mais ou menos conhecidos os estudos

⁸⁵ KUBITSCHEK: 2000, p. 24

levados a efeito pela firma norte-americana Donald J. Belcher, de Nova Iorque. A empresa, após a realização de pesquisas preliminares, havia indicado os cinco melhores locais, de 1.000 quilómetros quadrados, dentro do chamado Retângulo do Congresso, para, entre eles, proceder-se à escolha definitiva do sítio ideal para a construção da capital.

A iniciativa da viagem do marechal ao Planalto não deixava de ser sensata. Além de conhecer *de visu* o local, teria uma impressão global da região, analisando o curso dos rios, observando a orografia, examinando a flora, enfim, tendo um conhecimento exato, pessoal, objetivo de toda a zona planaltina. A excursão - como seria de esperar, dada a ausência de vias de comunicação — foi a mais penosa possível. O marechal viajou, de avião, do Rio até Pirapora; desta cidade seguiu para Formosa, já em Goiás, onde pernoitou. Ali, teve a oportunidade de visitar o local, de onde todas as águas caídas se distribuem indistintamente para os três grandes sistemas fluviais do Brasil: o do Amazonas, o do São Francisco e o do Paraná-Paraguai. No dia seguinte, decolou para Planaltina e, ali, tomando um jipe, rumou para o local em que, segundo todas as indicações, seria construída a nova capital. Depois de realizar várias incursões através do chamado cerrado - vegetação mirrada, retorcida, característica da região -, fez o jipe dirigir-se para o ponto mais elevado da região, denominado Sítio Castanho, com 1.172 metros de altitude.

Apesar da beleza do cenário, principalmente no Sítio Castanho, não se chegou a uma decisão sobre o local onde deveria ser erguida a nova cidade. As conclusões técnicas teriam de prevalecer sobre as impressões pessoais. Daí a razão por que o Marechal José Pessoa resolveu aguardar o que diria o relatório da Donald J. Belcher, o qual lhe foi entregue, com a indispensável presteza, em fins de fevereiro de 1955, menos de um mês após a sua visita ao Planalto. Com base nesse relatório, que é um repositório de ensinamentos sobre a área geral do Retângulo do Congresso e particularmente sobre os sítios escolhidos inicialmente como adequados para a construção da cidade, foi que a Comissão de Localização da Nova Capital, após comparação minuciosa das vantagens apresentadas por todos, pôde fazer sua escolha definitiva. Isso se deu a 15 de abril de 1955, e o sítio preferido foi o denominado Castanho, assim chamado porque no mapa, apresentado pela firma

norte-americana, cada um dos cinco sítios havia sido pintado numa cor diferente — verde, vermelho, azul, amarelo e castanho.⁸⁶

Após o famoso comício de sua campanha presidencial, em Jataí-GO, em que foi interpelado por um presente se cumpriria o dispositivo constitucional que determinava a mudança da capital federal para a área demarcada em Goiás, ao que JK respondeu, de supetão, que sim, o então candidato não só inclui a construção da nova capital em seu plano de governo como a transformou em sua meta síntese. Isso causou enorme euforia e expectativa em Goiás e, sobretudo, em Formosa. Medo e desejo adjetivam bem o sentimento da população quanto às reais mudanças por que passaria o município a partir da construção da nova capital federal “sob suas barbas”, após toda uma existência de esquecimento por parte dos governos estadual e local. Assim nos contam Marco Aurélio Bernardes e Jucelina de Moura Lôbo, após extenso trabalho de história oral com testemunhas do período, em sua obra “Formosa em retinas idosas”:

O outro fato, esse bem mais significativo, foi a construção de Brasília a poucos quilômetros do município formosense, nos anos sessenta. Formosa passou a ser inserida totalmente no contexto nacional. A idéia de aproximação do eixo de decisões nacionais foi sempre tida como grande progresso para a região. Foi recebida com entusiasmo pela maior parte da população que já não suportava tanto atraso. Outros, não viam com bons olhos o desenvolvimento da cidade, significavam mudanças na estrutura política da cidade. Houve aqueles que não gostaram da idéia de estar tão perto da Capital da República, gostavam de levar uma vida calma, longe de agitações, tinham medo de que a capital tão perto, chamassem a violência.

De qualquer forma, a cidade caminhava para o tão idealizado progresso. Novas rodovias foram construídas. O sistema de comunicação se modernizava. Por fim, o asfalto chegou à região. Pra essa gente, o asfalto estava fortemente ligado a idéia de desenvolvimento. O antigo vai perdendo terreno, não consegue entrar em harmonia com as coisas novas. A cidade parece esquecer rapidamente suas memórias. Os municípios ao entorno do Distrito Federal ganham uma importância sem precedente. Desde lá, as cidades

⁸⁶ KUBITSCHEK: 2000, p. 27

do entorno vêm recebendo um número considerável de pessoas provenientes de diversos lugares do país, aventureando-se ou apostando no mercado de trabalho que por hora se mostrava promissor.

A cidade de Formosa se modificou muito em tão pouco tempo. A construção de Brasília deu novos rumos a história da cidade. Antes, existia uma cidade com um ritmo bastante lento de crescimento populacional, sem grande importância econômica para o estado, presa às várias tradições católicas ou outras herdadas de seus antepassados. Uma cidade cheia de superstições, proveniente de uma vida sem grandes recursos, definiam as vontades e pensamentos dos moradores. A maior parte da população residia na zona rural, de onde provinha seu sustento. Trabalhavam principalmente nas plantações e na criação de animais. O comércio era inexpressivo. Subsistia ainda em algumas negociações, o escambo.

Havia poucas escolas. O ensino escolar não era tido como prioridade na educação familiar. Muitas profissões foram adquiridas através de ensinamentos práticos, na lida do dia-a-dia. Apenas os filhos de famílias com poder aquisitivo mais elevado conseguiam chegar ao ensino superior. Era dispendioso ter um filho cursando a faculdade. Por muito tempo, a faculdade mais próxima e única do estado pertencia a sua antiga capital, a cidade de Goiás. Com a transferência da capital do país para essa região, Formosa sofreu rápidas mudanças em todos os aspectos. Seu desenvolvimento acelerou, o trabalho na zona urbana se tornou mais valorizado. Cresceu a oferta de empregos na área pública. Os empregos públicos da Capital da República conquistaram uma boa parte da juventude formosense. A educação escolar se transformou num fator de grande importância na formação intelectual das novas gerações. A educação revolucionou através do trabalho competente dos freis holandês a partir da década de sessenta. Aos anos que se seguem, a área educacional ganha importância cada vez maior, construção de novas escolas, aparecimento de outras pedagogias, mestres conceituados e a inauguração de uma Faculdade. Surge uma nova mentalidade que se abre para o novo, o diferente. São acrescentados novos valores, deixando de lado alguns velhos costumes, formando as jovens gerações.

Localizada no Planalto Central, no nordeste goiano, faz parte da Microrregião do Entorno de Brasília. Por estar tão perto da capital do

país, faz da cidade de Formosa uma grande fornecedora de mão-de-obra e a insere num ritmo de progresso que minimiza seu verdadeiro aspecto de cidade interiorana e acaba por encobrir suas raízes, que, com o afluxo cada vez maior de famílias sulistas, parte de suas tradições se encontra cada vez mais fadadas ao esquecimento. A cidade, que antes já sofrera com a perda de intelectuais para Goiânia, agora, se faz sentir ainda mais, com a perda constante de seus artistas e educadores para o mercado de trabalho do Distrito Federal, onde são oferecidos melhores oportunidades e salários mais altos. As consequências são penosas para o desenvolvimento cultural e social da cidade.⁸⁷

As entrevistas que fomentarão a dissertação do próximo capítulo, junto com outros dados coletados, convergem em quase todo o exposto na citação acima, com algumas ressalvas. O progresso era realmente muito esperado, pois, como citado de Jacintho, Formosa “... fez-se nas dores másculas do abandono.”⁸⁸ Todo o aparelhamento público e privado que uma capital ali ao lado acarretaria, certamente, por já ser uma cidade estabelecida, a favoreceria. Foram implantados colégios com cursos normais e faculdade para formar professores para o Distrito Federal. Foram instalados alguns segmentos de comércio e indústria para abastecer Brasília, sobretudo em sua construção, como foi o caso do frigorífico FRIBOI. Rodovias por aqui passaram, linhas de transmissão, de comunicação, empregos surgiram, enfim... No entanto, Formosa acabou convertendo-se numa cidade dormitório, um satélite de Brasília e, seus habitantes, em candangos do entorno. Brasília especificamente, não o Distrito Federal como um todo, não foi projetada para abrigar os desvalidos, os socialmente vulneráveis, certamente. Tampouco queria tê-los sob sua vista, a elite que da capital tomou posse. Assim, tudo aquilo que era indesejado em Brasília acabou sendo afastado de seu centro, afastando para as periferias – cidades-satélites e cidades do entorno – todas as consequências negativas do crescimento desenfreado que os sonhos de muitos migrantes e candangos alimentou, mas que não estavam no planos de Brasília. A violência, a pobreza, o caos urbano, tudo aquilo que os temerosos da implantação da Capital temiam, acabou acontecendo, exatamente nos arredores daquela utopia, daquela terra da fantasia, daquele oásis. Hoje, o Distrito Federal tem graves problemas de abastecimento de água, tem o maior lixão e a maior favela do

⁸⁷ LÔBO: 2006, p. 16

⁸⁸ JACINTHO: 1979, p. 22

Brasil (condomínio Sol Nascente) e as cidades do entorno sofrem com a absorção do expurgo de Brasília, com a violência – alguns dos maiores índices do Brasil – e a precarização dos aparelhos públicos. Assim, uma análise sobre o custo-benefício de Brasília para as cidades goianas do entorno requer uma análise muito mais aprofundada, para que possa ser melhor compreendido o impacto desse processo.

O Golpe Militar de 1964

Diferentemente da representação que a maior parte dos brasileiros têm da Ditadura Militar, período compreendido entre 1964 e 1985, grande parcela dos formosenses não enxerga o evento com maus olhos. Pelo contrário, alguns exaltam e demonstram, até, certo saudosismo, fruto, talvez, da desinformação e da cultura política predominante na região, dominada historicamente por oligarquias rurais, por proprietários, em alguns casos, de verdadeiros latifúndios, interessados em manter o *status quo*, deixar inalterada a ordem social, política e econômica que os privilegiava até então.

Enquanto a imensa maioria da opinião pública considera aquele um dos períodos mais sombrios, uma das páginas mais lamentáveis e sórdidas da história nacional (reconhecidamente um regime de exceção, em que houve suspensão de direitos, torturas e assassinatos de opositores ao regime), em Formosa parece ter pouco influenciado a forma como as coisas funcionavam, o ritmo de vida da população, pelo menos daquela parcela detentora do discurso, expresso nas obras e representações registradas; no entanto, como veremos, houve desvalidos que tiveram suas vozes caladas quanto ao efeito irreversivelmente negativo, em alguns casos, do governo militar em suas trajetórias. É relativamente fácil detectar a representação que se tem daquele capítulo ultrajante da nossa história a partir da simples nomenclatura que o interlocutor dá ao período: se favorável, simpatizante, referir-se-á como “Revolução”; se contrário, referir-se-á como se de deve: “Golpe Militar”.

Como dito, Formosa configurou-se a partir da formação de extensas propriedades rurais dedicadas à pecuária, cujos proprietários protagonizaram tanto a política, quanto os acontecimentos tidos por mais relevantes do município, alternando-se os membros das tradicionais famílias no poder, como, via de regra, em todo o estado de Goiás. São as personagens principais também do primeiro livro sobre a história da cidade, de Olympio Jacintho, lançado em 1930 e reeditado em 1979. É compreensível, portanto, dado seu lugar de fala, o posicionamento adotado. Impressiona, porém, como esse discurso se prolifera em muitos segmentos de camadas socialmente menos abastadas. Como narram

Lôbo e Bernardes, não apenas antes, mas durante o período em questão, parecia haver poucas vozes dissonantes:

A população formosense se mostrou muito imatura durante a Ditadura Militar, ficara sempre a margem dos acontecimentos, apenas repassavam os casos que ouviam sem, no entanto, entendê-los. As pessoas que estavam envolvidas com obras sociais eram as que procuraram compreender e buscar soluções dentro de um período demente da história da cidade. Conforme o frei, padre Tiago Leeque, naquela época, era muito querido aqui e muito atuante e estava inclusive naquela lista de ser eliminado porque pessoas mais à frente, os ditadores queriam tirar para morrer, naquele momento. No entanto, não ocorreu algo de maior gravidade com o padre em virtude de seu envolvimento com a sociedade e por ter muito apoio junto aos grupos religiosos e intelectuais que faziam parte da elite da cidade.⁸⁹

Chega a ser irônico, o fato de que essa mesma população temera o Movimento Tenentista de 1922, suspeitando tratar-se de uma ameaça comunista e, quatro décadas após, apoiar alguns daqueles mesmos tenentes, então generais em 1964, contra a mesma ameaça: os comunistas. Sim, porque membros do Movimento Tenentista viriam a se tornar, inclusive, presidentes durante a Ditadura, casos de Geisel e Costa e Silva. Infeliz coincidência, se assim podemos chamar, até mesmo o artífice do fantasioso Plano Cohen – que justificou a ditadura instalada por Vargas com seu Estado Novo em 1937 – foi o mesmo que desencadeou o Golpe Militar de 1964, sendo o primeiro a colocar as tropas nas ruas: Olímpio Mourão Filho, que, no entanto, foi dissidente do Movimento Tenentista. Quanto à motivação que rendia apoio às intervenções atentatórias à democracia, à ilusão de um governo autoritário e redentor, tanto na década de 1920, quanto na de 1960, era a mesma: senso de preservação, de manutenção de privilégios, controle político e garantia de manutenção da imobilidade social que permitiria à descendência dos empoderados, o mesmo status, de forma hereditária. Democracia, justiça social, igualdade ou comunismo soavam como ameaça aos seus ouvidos. E eram.

Como disse Hannah Arendt:

⁸⁹ LÔBO: 2006, p. 206

Mas o que é desconcertante no sucesso do totalitarismo é o verdadeiro altruísmo dos seus adeptos. É compreensível que as convicções de um nazista ou bolchevista não sejam abaladas por crimes cometidos contra os inimigos do movimento; mas o fato espantoso é que ele não vacila quando o monstro começa a devorar os próprios filhos, nem mesmo quando ele próprio se torna vítima da opressão, quando é incriminado e condenado, quando é expulso do partido e enviado para um campo de concentração ou de trabalhos forçados. Pelo contrário: para o assombro de todo o mundo civilizado, estará até disposto a colaborar com a própria condenação e tramar a própria sentença de morte, contanto que o seu *status* como membro do movimento permaneça intacto.⁹⁰

Ainda sobre a representação do período, seguem narrando Lôbo e Bernardes:

A elite formosense ficou ainda mais temerosa com tantas mudanças. Durante o ano de 1964, o prefeito e seu assistente, Moacir Outra, realizaram várias viagens a Goiânia e Brasília, com o objetivo de inteirar-se com as novas determinações do governo federal e estadual e procurar apoio financeiro junto à área federal. No demais, não houve nenhuma mudança que pudesse atingir diretamente a prefeitura da cidade, em relação à cassação do prefeito ou vereadores. Sem perder tempo, os dirigentes locais procuraram fazer o possível para conquistar a simpatia das novas autoridades da ditadura militar. Em 25 de junho de 1964, menos de três meses do Golpe, José Saad estava em Brasília, participando de conferências com o Presidente da República, o primeiro ditador do golpe militar, Castelo Branco. E no sábado, 27 de junho do mesmo ano, decretou feriado municipal em virtude da chegada à cidade de Formosa, do Dr. Plínio Catanhede, o então prefeito do Distrito Federal.

[...]

Essa relação de boa vizinhança foi mantida pelos prefeitos que administraram Formosa, durante a Ditadura Militar. Em 03 de março de 1966, o prefeito Wilson Juvenal de Almeida, que assumiu a

⁹⁰ ARENDT: 1989, p. 356

prefeitura após a administração de José Saad, determinou, “O expediente em todas as repartições públicas do município encerra às 14 horas, em regozijo pelo transcurso do segundo aniversário da Revolução de 31 de março de 1964.

O país estava em meio a grandes transformações políticas. O cidadão a cada dia, perdia seus direitos. Direitos a liberdade e a razão deixaram de existir. No meio desse retrocesso, a maior parte da população formosense continuou sua caminhada sem grandes empecilhos ou conflitos.

[...]

A mentalidade que disseminou entre a maior parte da população, em relação à ditadura militar, era que somente os militares conseguiriam implantar "a ordem, o progresso e o respeito" necessários ao bom andamento da nação. Alguns entrevistados foram grandes admiradores dos governos militares, no qual justificaram que a organização dos militares e suas normas rígidas são fundamentais para o funcionamento de uma sociedade de classes.⁹¹

[...]

As autoridades fornosenses somente pretendiam estar em paz com quem estivesse no poder, não importava de quem se tratava. Precisavam se manter no poder a todo custo. Apesar da mentalidade de direita, o prefeito José Saad nunca fez nem um tipo de oposição ao governo de João Goulart, muito pelo contrário, participou de inúmeras reuniões com seus representantes, em Brasília. Em meio a tantas notícias que chegavam aqui, relacionando o governo de João Goulart com governos comunistas, as autoridades municipais não tomaram nem um tipo de partido. Sempre houve um bom relacionamento entre o prefeito e o governo de João Goulart. O que causa um pouco de espanto, sabendo que nos anos vinte, a Revolta dos Tenentes assombrou o povo formosense e os homens da lei, tudo porque, ouviram dizer que os revoltosos eram comunistas.⁹²

O que parecia ser o maior temor da elite econômica local, tornou-se realidade para o outro oposto, os lavradores e pequenos agricultores, cujas vidas foram arrasadas e

⁹¹ LÔBO: 2006, p. 245

⁹² LÔBO: 2006, p. 248

as histórias ocultadas e relegadas ao esquecimento. Justamente no auge do terrorismo de estado, no período conhecido na história como “Os anos de chumbo”, que, a partir do Ato Institucional nº 5, de 1968, intensificou o patrulhamento ideológico, a repressão, as prisões, torturas e mortes de opositores ao regime, o Exército Brasileiro desapropriou uma área no município de Formosa, que parte de uma das margens da Lagoa Feia, de aproximadamente 1.040 quilômetros quadrados, para a criação de uma instalação militar destinada, ao que se sabe, a treinamentos e exercícios militares.

Tal unidade militar é a maior do gênero na América Latina, tendo se chamado CIF (Campo de Instrução de Formosa), 6º GLMF (Grupo de Lançadores Múltiplos de Foguetes) e, atualmente, chama-se Forte Santa Bárbara. Independentemente da nomenclatura, a área serve como campo de treinamentos para o Exército, a Marinha e a Aeronáutica, que lá fazem exercícios militares, mas serve, também, à indústria bélica privada, que lá testa os mísseis e foguetes que vende tanto ao estado brasileiro, quanto aos estrangeiros.

Ocorre que a região desapropriada possuía centenas de pequenas propriedades rurais, via de regra, dedicadas à agricultura familiar, de subsistência ou, quando muito, a alguma eventual venda do pouco excedente (rapadura, algumas galinhas ou porcos, queijo, manteiga, frutas e verduras, etc.) na Feira Livre aos domingos, em Brasília, para compra e, até, escambo de itens como sal, por exemplo, não disponíveis em suas roças, obviamente.

A desapropriação, segundo relatam muitas das famílias atingidas pela ação do Exército, não deveria ser adjetivada assim. Muitas famílias se negaram a se retirar, então, tropas foram enviadas para garantir que fossem expulsas, retiradas de suas terras. Segundo relatos, além de muitas famílias não receberem absolutamente nada – pois só as que possuíam escrituras foram indenizadas -, as que receberam algo, fizeram jus a valores tão irrisórios – pois levavam em conta apenas as benfeitorias -, que não dava, sequer, para adquirir uma casa popular em qualquer setor dos mais populares de Formosa à época. O que minorou, um pouco, o cenário, foram projetos habitacionais coordenados por freis e freiras católicos à época, nas regiões atualmente conhecidas como Vilas Vicentina e Beneditina. Algumas obras aqui utilizadas fazem pequenas menções ao episódio. Dizem Saad, Chauvet e Vieira, respectivamente:

Com a inauguração de Brasília, o Exército tomou posse das terras que se estendiam do lado leste da Lagoa. E os bem-intencionados

militares, sem consulta a ecologistas que compreendessem a complexidade daquele ecossistema, aparentemente simples, para aumentar a piscosidade do seu local de lazer, lançaram às águas tilápias alienígenas.⁹³

Em 1973, uma área de 1.040km² do município de Formosa foi desapropriada pelo Exército brasileiro para a segurança nacional e a defesa do Estado. Há um livro escrito por Jerrnir Pinto de Melo, "Feridas Abertas da Ditadura Militar", no qual faz a revisão dos atos praticados pelo regime de exceção e aborda a questão da desapropriação. É uma questão polêmica até hoje na cidade, que necessita novas pesquisas para esclarecer os fatos.⁹⁴

No ano de 1970 acontece um novo êxodo rural, dessa vez mais dirigido a Formosa, pois, essa segunda desapropriação de terras do município, como nos mostra o documento a seguir, estava restrito as terras por detrás da Lagoa Feia. "Sob o título *O Futuro Começa Hoje...* O Exército Nacional está executando a desapropriação de 1.040 quilômetros quadrados de terras no município formosense, para a instalação de um campo de treinamento, que ". (In Folha de Goiás, 1969).

A cidade foi consultada? Era bom para a população? Era de interesse de quem? Nacional, é possível. A vizinhança com os mais poderosos, também tem seu preço. Novamente os fazendeiros desalojados e confusos pagaram o preço e a cidade sofreu as consequências: muitas famílias passaram a residir na cidade, sem emprego ou nova ocupação, gastavam suas últimas economias. Muitos chefes de famílias, desgostosos e sem perspectivas de uma nova profissão, já idosos, adoeciam e morriam. Grande parte dos agregados destas famílias, engrossavam os assentamentos e as populações dos novos bairros das periferias. Aumento da mão de obra desqualificada e do número de desocupados pelas ruas e praças.⁹⁵

⁹³ SAAD: 2013, p. 91

⁹⁴ CHAUVET: 2005, p. 375

⁹⁵ VIEIRA: 2010, p. 42

Portanto, não que o assunto não esteja pacificado. O discurso e o decurso do tempo parecem ter se encarregado disso, ainda mais, considerada a fragilidade, vulnerabilidade e pouca expressividade dos afetados. Porém, certamente, está ainda longe de ser discutido adequadamente, correndo sério risco de perder-se definitivamente, se não estudado e registrado, podendo a presente dissertação, quiçá, reacender, ao menos, a curiosidade sobre o episódio e, consequentemente, sobre o período, fomentando o debate.

Redemocratização

Formosa não passou por tantas transformações estruturais ou culturais desde o fim da Ditadura. Evoluiu, por certo, em diversos aspectos, inserindo-se num processo natural de seu tempo, fruto muito mais de uma nova ordem mundial, globalizada, tecnológica, em que sua proximidade à Brasília muito provavelmente não permitiria que fosse diferente.

Do ponto de vista cultural e econômico, talvez a grande transformação tenha sido a migração sulista, iniciada ainda nos anos 1970, mas massificado no fim da década de 1980 e início da de 1990:

A partir de 1975/6, começam a chegar para o interior do estado de Goiás, os agricultores gaúchos a procura de terras para o cultivo da soja. Anos depois, há um grande desenvolvimento da cultura da soja no Centro Oeste e por causa disto mais e mais agricultores migram do sul e alguns desses chegam até o município de Formosa. Este fenômeno se repetiu por cerca de uma década.

Em 1979, o município recebe então, famílias e mais famílias de gaúchos, catarinenses e paranaenses. Eles vinham por várias questões:

- a) climáticas: temperaturas mais amenas, sem mudanças bruscas.
- b) disponibilidade, preço baixo das terras e fertilidade do solo.
- c) Melhoria de vida: desenvolvimento da aviação agrícola, do comércio de insumos e peças de máquinas agrícolas, melhores oportunidades nos agronegócios.
- d) Busca de riquezas obtidas com o grão de soja.

Muitas dessas famílias, que a princípio, vieram para os campos, região do PADF, do Rio Preto, da Taquara, do Rio Jacaré, etc. passaram a residir também na cidade, em busca de educação para os filhos, saúde,

trabalho profissional para os mais jovens. Com grau de educação elevado e a diversificação de suas próprias atividades, terminaram influenciando assim, no comércio, na cultura e no desenvolvimento da cidade. Embora muitos estivessem no Distrito Federal, a escolha por Formosa era feita pela proximidade de muitas dessas fazendas com a mesma, em relação a Brasília, além do povo, que era muito agradável e hospitalero.⁹⁶

A chegada principalmente de gaúchos, atraídos pelas terras baratas que, com as técnicas agrícolas que dominavam, poderiam introduzir uma agricultura de ponta na região, tradicionalmente marcada pelo predomínio da pecuária, transformou bastante a cidade. No início dos anos 1990, começou uma guinada no setor imobiliário e de construção civil para atender a essa demanda, a rede de ensino teve de se adequar, o comércio incorporou segmentos voltados ao agronegócio que incrementaram a economia e a cultura local passou trocar influências com a gaúcha, preservando-se muito de cada qual individualmente, obviamente, mas gerando também, consequentemente, uma vertente híbrida, produto dessa fusão que, se no começo gerou alguns choques, hoje parece suficientemente equilibrada.

A Igreja Católica, embora ainda muito influente e ativa na comunidade, não é mais tão hegemônica quanto outrora, sobretudo em face do crescente avanço de diversos segmentos protestantes na cidade. Apesar disso, ainda possui dois colégios dos mais tradicionais e conceituados na cidade, e tanto a Festa do Divino quanto a Folia na Roça seguem, além da enorme participação popular, sendo consideradas patrimônios culturais do município até por outras religiões.

Falando em colégio, a expansão da rede educacional, em todos os níveis, após a redemocratização, foi um grande avanço e conquista, principalmente em fins dos anos 1990, com a vinda de um campus da UEG (Universidade Estadual de Goiás), mas, sobretudo, a partir dos anos 2000, com a instalação, também, de um campus do IFG (Instituto Federal de Goiás) e, em 2017, de uma unidade do ITEGO (Instituto Tecnológico de Goiás), além de diversas instituições privadas de Ensino Superior, tanto presenciais, quanto à distância. Por semelhante expansão passaram os Ensinos Médio e Fundamental, assim como creches, etc, que tanto na rede pública quanto privada experimentaram grande evolução, sobretudo quantitativa.

⁹⁶ VIEIRA: 2010, p. 43

As comunicações também merecem destaque dentre as transformações ocorridas a partir de 1985. Possuindo por décadas apenas uma emissora de rádio AM, o que me parece ser um tanto quanto típico em regimes autoritários – como o que precedeu o da presente análise - que existam poucos, porém e consequentemente, influentes veículos de comunicação de massa; tanto que, ainda hoje, após tantos avanços, se reivindica a democratização dos meios de comunicação, para garantir uma difusão mais plural de pensamentos e dificultar a doutrinação ideológica da população por monopólios midiáticos.

Nesse sentido, salutar à pluralidade de opiniões, valendo-se do advento das rádios FM, Formosa, após décadas de exclusividade da antiga Rádio Tapirapés AM (que também chamou-se Rádio Alvorada e Rádio Formosa) recebe, em 1989, a sua primeira emissora FM, a rádio 91 FM. Em 1996 é inaugurada a segunda, Rádio 92 FM, já há alguns anos, líder em audiência. Na sequência vieram algumas rádios comunitárias, com destaque para a Terra FM. Por fim, com a extinção das frequências AM, a emissora mais antiga foi transformada, também, em FM.

Nos demais aspectos, dentre aquilo que não seja comum ao resto do Brasil como um todo, mas específico de Formosa, destaque apenas para um incipiente e tímido processo de industrialização, puxado pelo agronegócio, com a implantação de unidades produtivas das gigantes multinacionais da produção de sementes, Pioneer e Syngenta – que, mais uma vez, atraíram ainda mais gaúchos para a região -, além de um polo moveleiro, que, no entanto, é integrado, em sua maioria, por membros de uma mesma e numerosa família, tradicional no ramo.

CAPÍTULO III - A HISTÓRIA SEGUNDO A MEMÓRIA

As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente o que dizem que é.⁹⁷

Podemos falar de memória e memórias dos formosenses. Essas memórias são permeadas por representações coletivas, mas também por percepções muito individuais, nem sempre alinhadas com a história oficial, porque as experiências pessoais e de grupos específicos dentro de uma comunidade passam por um processo de seleção consciente e inconsciente que prioriza esse ou aquele fato, data ou acontecimento muitas vezes de acordo com uma identidade constituída social ou familiarmente, gerando prismas e impressões nem sempre homogêneos. Pode ser exatamente isso, no entanto, que torna essas histórias constituídas pelas memórias tão interessantes e tão reveladoras. A identidade, a individualidade, para ser mais preciso, a peculiaridade que elas revelam torna mais iguais as pessoas, tira o monopólio do discurso; tornam-nas, também, mais humanas, posto que deixam de ser meros números, estatística, uma partícula do todo, para protagonizar, para narrar...

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social.⁹⁸

A cultura, a sociedade e a história formosenses são repletas de lendas, “causos”, ditos, que povoam o imaginário do povo há muito tempo, mas que, provavelmente pela conjunção dos fatores tecnologia e heterogeneização da sociedade, têm se perdido com

⁹⁷ CHARTIER: 2016, p. 51

⁹⁸ HALBWACHS, 1990, p. 51

tempo, sobrevivendo nas lembranças dos antigos e em raríssimos registros escritos. Daí a importância da presente amostragem.

Nesse intuito, na pretensão de contar essas histórias sob o prisma da memória, recorremos, obviamente, às obras aqui analisadas. As que mais contribuem, nesse sentido, de trazer essas referências orais, são “Álbum de Formosa: um ensaio de história de mentalidades” e “Formosa em retinas idosas”. A primeira, em dados momentos se vale do método; a segunda, a todo o momento o emprega. Além disso, foram tomados depoimentos de diversas pessoas durante a execução da pesquisa que resultou no presente trabalho, para agregar opiniões e memórias mais contemporâneos, identificando as rupturas ou permanências dessas representações, mesmo que por uma amostragem mínima. Dos depoimentos tomados, seis serão aqui utilizados como fonte, três homens e três mulheres, de raças, origens, religiões, idades, formações e ocupações diferentes.

As Histórias das Memórias

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.

Todo o ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão do mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura.

A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer, como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação.⁹⁹

Para compreendermos os pontos de vistas de alguns entrevistados, julgo pertinente que conheçamos um pouco de suas histórias pessoais, de suas respectivas sagas, para que possamos identificar o local de fala de cada um deles. Como afirmou Leonardo Boff na citação acima, “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”. Compreender de qual ponto se observa, às vezes se faz crucial para entender o porquê de uma ou outra representação, dentre todas aqui expostas. Assim, o presente tópico dedicar-se-á a apresentar cada um

⁹⁹ BOFF: 1997, p. 15

dos entrevistados que, generosamente, contribuíram de forma incomensurável para a escrita do presente capítulo, constituído dessas memórias. Portanto, veremos as histórias por detrás das memórias:

Entrevistada 01:

Dagmar Ferreira Gontijo, Nasceu em Capivari-MG, em 1930. Estudou até o primário, é Aposentada, dona de casa, costureira e fabrica queijos para vender. Católica fervorosa, é casada há mais de 70 anos e tem 12 filhos. Se mudou para Formosa em 1955.

Entrevistada 02

Maria Da Glória Rocha Ataídes, Nasceu em Patos de Minas-MG, em 1958. Formada em Magistério, Geografia e Psicopedagogia, é professora aposentada. É adventista, viúva e mãe de 5 filhos. Veio para Formosa em 1973.

Entrevistada 03

Silvia Regina Barreto Falbo, nasceu em Recife-PE, em 1959. Formada em Gestão Pública e Pedagogia, é professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Católica não praticante, é divorciada, e mãe de 3 filhos. Mudou-se para Formosa em 1975.

Entrevistado 04

Cláudio Ribeiro Dos Santos. Nasceu em Formosa, em 1973. É bacharel em Direito e Auditor Fiscal de Atividades Urbanas da Prefeitura de Formosa. É espírita, divorciado e pai de 3 filhos. Embora jamais tenha se mudado de Formosa, morou parte da vida na zona rural da cidade.

Entrevistado 05

Edmar Luis Rodrigues. Nasceu em Luziâna-GO, em 1978. Formado em Administração de Empresas, é radialista e diretor da Rádio 92 FM, em Formosa. Nasceu e cresceu em uma família espírita, do Vale do Amanhecer, tendo vindo a converter-se ao protestantismo da Igreja Batista, após os 30 anos de idade. É casado e pai de 6 filhos. Veio para Formosa em 1978.

Entrevistado 06

Samuel Lucas. Nasceu em Formosa, em 1982. Com formação em magistério e música, É professor da rede pública municipal, maestro, pesquisador e escritor especializado na história formosense. É protestante, casado e pai de 4 filhos. Jamais se mudou de Formosa.

Como dito anteriormente, foi efetuado um esforço no sentido de selecionar entrevistados com perfis heterogêneos: há duas mineiras, uma pernambucana e quatro

goianos - nascidos em Formosa e oriundos de outras cidades. Há católicos, protestantes e espíritas – e, nas três religiões, de segmentos distintos. Dentre os entrevistados, temos negro, brancos e mestiços, com profissões como professor, locutor, administrador, maestro, auditor fiscal ou costureira; com formações em Direito, Administração, Geografia, Pedagogia, Gestão Pública, Magistério e Ensino Fundamental. As idades também variam: 88 anos, 60 anos, 59 anos, 45 anos, 40 anos e 36 anos, respectivamente, pela ordem dos entrevistados. Por fim, foi feita uma divisão equânime de gênero: três mulheres e três homens. Além disso, também foi adotado o critério de levar em consideração, exatamente, o perfil de cada um, prevendo, para além das perguntas genéricas, assuntos que, sabíamos, o entrevistado dominava, para contribuir ainda mais com a narrativa. Evidentemente, como resultado, surgirão convergências e divergências. Que assim seja.

O primeiro contato, as primeiras impressões

Neste tópico, os entrevistados contam como chegaram – e, no caso dos que aqui nasceram, como viveram seus primeiros anos – em Formosa. Contam suas impressões, a percepção que tinham da cidade, o que pode, em grande medida, influenciar, tais quais os perfis do tópico anterior, na representação que têm hoje formada.

Dona Dagmar chegou a Formosa em 1955 – antes, portanto, do início da construção de Brasília - vinda de Minas Gerais, acompanhando o marido, conhecido por Guri, que, por sua vez, trabalhava com pai, Pedro Gontijo, o qual, além de sogro, era também tio da entrevistada. Trazia consigo seis dos doze filhos que viria a ter. A viagem, de caminhão, teria durado uma semana, pois ainda não havia estradas até Formosa. Ela mesma nos conta o porquê da mudança:

Porque vendeu as fazendas lá e aqui era mais barato né? Então, meu sogro, que também era meu tio, tinha avalizado muita gente lá em Minas, com aquele negócio do zebu, e lá quebrou, porque o zebu ficou do preço do gado de corte... Então muita gente quebrou... E o tio Pedro Gontijo, com quem o Guri, meu marido, trabalhava, era avalista. Aí ele teve que pagar muita gente lá... Então ficou muito apertado... Aí o Guri sugeriu de vender a fazenda lá e comprar aqui, porque dava pra acertar lá e comprar alguma terra aqui...¹⁰⁰

¹⁰⁰ GONTIJO, 2018

Seu sogro, por coincidência, veio a comprar a fazenda que pertencia a Olympio Jacintho, na região conhecida como Quilombo, após o distrito do Bezerra, a mais de 30 quilômetros de Formosa, trecho em que ainda não dispunha de estrada pavimentada e cuja distância a ser percorrida levava, em tais condições, um dia inteiro, um dos motivos pelos quais raramente vinha a Formosa:

Aqui na cidade na tinha nada não... Só pra chegar no quilombo, hoje, é capaz que gasta uma meia hora... Pra ir, nós gastávamos um dia todo só pra chegar nessa fazenda, não tinha estrada, não tinha nada não... Quando eu vim para cá não tinha estrada, não tinha nada não... Se você criasse um porco, não tinha comércio, não tinha como vender nada... Os ovos, essas coisinhas que vendia lá em Minas, não vendia nada... Só veio essas coisas com influência de Brasília, só depois, que vendia em Brasília... [...] Começaram a abrir essa rodovia também, que passa lá no Bezerra... Porque parece que em 1960, né, que inaugurou Brasília... Mas foi depois de Brasília que começou a ter influência com as coisas... Mas antes, aqui era um sertão mesmo...¹⁰¹

A primeira impressão, de Formosa, portanto, não foi nada boa. Seu depoimento parece ir ao encontro da tese de que o desenvolvimento de Formosa só foi, efetivamente, alavancado a partir da construção de Brasília: Apenas em virtude da pavimentação da rodovia que parte de Brasília – a BR-020 - e passa por Formosa e seus distritos, ligando a capital ao nordeste, que foi possível, por exemplo, que ela e seus filhos se estabelecessem na parte urbana da cidade, para que pudessem estudar, enquanto o marido permanecia trabalhando nas fazendas:

Eu vim para cá em 1960, antes a gente morava nas fazendas. Depois, tinha que por os filhos na escola... [...] ...e a gente mudou pra cidade também, nessa época, porque a gente não tinha fazenda também, ainda não... O Guri trabalhava na fazenda do seu Dutra, ainda trabalhava lá. Aí nós viemos para a cidade para os meninos estudarem... Aí tinha o Colégio São José, que as meninas estudavam e o Colégio do

¹⁰¹ GONTIJO, 2018

Planalto, que meus filhos estudaram lá. As meninas no São José e os meninos no Planalto.¹⁰²

Depois de algum tempo trabalhando com o pai, seu marido foi trabalhar em outras fazendas, como vaqueiro. Nesse mesmo tempo, começaram a vender alguns gêneros alimentícios, como queijo, porcos e galinhas, para os cangangos que por ali passavam vindos do nordeste rumo ao canteiro de obras de Brasília. Questionada sobre como seria a vida na cidade, em 1960, ela limitou-se a responder “ - Uai... era tudo difícil, né? Não tinha nada... Era quase a mesma coisa que morar na roça, não tinha muita diferença não...”¹⁰³

A segunda entrevistada, Maria da Glória, também veio de Minas Gerais. Tendo passado pelas zonas rurais de Taguatinga - ainda sem prédios, como frisou – e Unaí-MG, onde o pai fora trabalhar, chegou a Formosa quase duas décadas após dona Dagmar, em 1973, quando tinha entre 14 e 15 anos de idade.

Tal como dona Dagmar, seu pai havia se mudado para Formosa para que os filhos pudessem estudar, além de procurar melhores oportunidades de trabalho. Como a maioria dos entrevistados demonstrou, a ideia de progresso está intrinsecamente relacionada ao asfalto, seria uma condição *sine qua non*, um primeiro sinal de evolução de qualquer cidade. Foi exatamente no asfalto, que Maria da Glória reparou ao chegar em Formosa. É justamente o asfalto, um dos protagonistas de sua primeira impressão da cidade, ao ser indagada sobre como era Formosa quando ela chegou:

Formosa era pequeninha; o centro da cidade era só ali na Visconde, no máximo até ali na Avenida Brasília, na esquina da Avenida Brasília, e para cá perto da Telebrasília, ali na esquina do sacolão, por ali... Eu só lembro de asfalto ali nesse trecho... Tinha essa rua que desce aqui chegando na catedral, a Emílio Póvoa, e aquela lá descendo cemitério, da praça do cemitério, o asfalto todinho ali foi feito só depois que eu vim morar em Formosa. [...] Era pequena, né? Era só o centro da cidade ali asfaltado, o resto tudo estrada de chão e cerrado...
Não tinha muita coisa pra fazer...¹⁰⁴

¹⁰² GONTIJO, 2018

¹⁰³ GONTIJO, 2018

¹⁰⁴ ATAIDES, 2018

Quase vinte anos após a chegada de dona Dagmar e treze anos após a inauguração de Brasília, Formosa ainda alimentava sonhos de progresso, em virtude da proximidade com a capital federal. Questionada sobre como era a relação do povo de Formosa com Brasília, no período, ela respondeu:

Tinha o ônibus, né? Ele saía, acho, que de hora em hora, não lembro muito bem... O povo aqui até achava que Formosa ia passar a ser Brasília, né? Aí o povo ficava empolgado, porque achava que Brasília era chique, que Brasília era grande, Brasília tinha emprego, que se Formosa virasse Brasília tinha futuro, né?¹⁰⁵

Outra importante recordação dela, que os habitantes mais novos, talvez, sequer possam imaginar, era a quantidade de água em Formosa. Presente em quase todos os relatos históricos, desde a transferência da população do povoado de Santo Antonio da barra do Paraná com o Itiquira para o local onde surgiu o Arraial dos Couros, onde hoje é Formosa, passando pelas descrições do Visconde Porto Seguro e o Relatório Cruls, Formosa era famosa por suas águas abundantes, tendo feito jus à alcunha de “berço das águas”:

Era muita água... O Abreu era quase tudo brejo... Quando nós mudamos para cá ainda era... Ali onde era a Telebrasília era brejo, descendo até ali onde é o Laguinho do Vovô era tudo um brejão... Todo mundo que fosse fazer uma casa, tinha que fazer uma drenagem, aterrarr... Aquelas antigas, que não tinham uma base boa, tinham problema, por causa do excesso de água... Escorria água nas ruas quase todas aqui da cidade, até no centro, você lembra? Minando água e escorrendo água no asfalto, nos lugares que tinha asfalto... Ia fazer uma fossa, virava cisterna, por isso que eles fizeram aquele rego do Abreu, que passa perto do cemitério, pra drenar um pouco da água, porque estava impossível: consertava os asfaltos, a enxurrada vinha e arrancava tudo... Enxurrada mesmo de mina, de brejo... Pra fazer os asfalto dos bairros, teve que drenar a água...¹⁰⁶

¹⁰⁵ ATAIDES, 2018

¹⁰⁶ ATAIDES, 2018

A terceira entrevistada mudou-se para Formosa dois anos após Maria da Glória, vinda de ainda mais longe: Recife, Pernambuco. Silvia Regina tinha apenas quinze anos de idade quando o pai, então desempregado no Recife, aceitou, em 1975, o convite de um antigo conhecido para ajudar a gerenciar uma concessionária de automóveis que havia aberto em Formosa. A viagem foi de carro, penosa, e, para Silvia, não foi nada agradável sua primeira impressão de Formosa:

...nós viemos, contrariados, porque a gente morava na praia... Vim para uma cidade de interior, era uma cidade pequena, que só tinha dois colégios, um de meninos e um de meninas, que eram o Colégio do Planalto e o São José. Depois, quando a gente chegou aqui, em janeiro, em fevereiro o Colégio do Planalto passou a ser misto e eu preferi estudar no colégio do Planalto, porque era Científico. O São José só tinha o Normal. Mas a gente ficou em Brasília, indo e vindo todo dia até Abril, mais ou menos. A gente vinha de manhã. A entrada de Formosa era só pela Avenida Brasília, que só tinha uma mão pra ir e uma pra voltar.¹⁰⁷

Ao recordar-se sobre como era a cidade, quando chegou, umas das coisas que citou foi, também, o asfalto, aparentemente, para ela, assustadoramente pouco:

A rodoviária era na praça da prefeitura, tinha um cinema, que hoje, que depois, virou um mercado, né? Eu não lembro que é que tem lá não... Que mais que tinha em Formosa? Tinha charrete, quando a gente queria ir para os lugares, quem não tinha carro pegava a charrete. O asfalto quase não tinha, era mais no centro da cidade. Eu acho que o asfalto acabava perto do Tênis, e o resto era, dali pra cima, era no chão. A Formosinha era um pedacinho pequeno... Quando foi mais ou menos em agosto, a gente mudou para Vila Bela, que tava começando, tinham construído as casinhas e meu pai comprou uma. E a gente mudou lá para Vila Bela.¹⁰⁸

¹⁰⁷ FALBO, 2018

¹⁰⁸ FALBO, 2018

O quarto entrevistado, Cláudio Ribeiro, nasceu em Formosa, mais ou menos na mesma época em que Maria da Glória e Silvia Regina chegaram à cidade: 1973. O contexto, no entanto, por que passou pelo período, foi um pouco diferente das entrevistadas e diz muito sobre um episódio pouquíssimo falado da história de Formosa. Cláudio morava com a família na zona rural de Formosa, com os pais, numa pequena terra em que criavam alguns animais, plantavam pequenas lavouras e produziam alimentos como queijo e rapadura, destinados ao consumo da própria família, com exceção de um pequeno e eventual excedente, usado no escambo por produtos como sal e tecido. Na mesma região em que Cláudio e sua família viviam, havia outras centenas, talvez milhares de famílias que, em sua maioria, mantendo-se de forma similar à da família do entrevistado. Cláudio nos conta que “ - O povo fazia era o que? Mexia com engenho, de madeira, para fazer rapadura, né? Criava gado de leite, uma agricultura de subsistência, né?”.¹⁰⁹

Perguntado se vendiam o excedente na feira para comprar produtos como sal ou algo que não pudesse ser produzido na roça, Cláudio assim respondeu:

É, só que o sal não. Sal era mais difícil, né? Sabe o que eles faziam? Muita gente ia pra Ipameri, pra fazer a permuta de rapadura por sal, né? Levava carne, porco... Ou então ia pra Brasília, porque Brasília já tinha iniciado, né? Então, muita gente já começava a querer ir pra Brasília pra vender produto, né? Era feira livre mesmo, era praticamente subsistência mesmo... Sofrimento... Na verdade, não era sofrimento não, era feliz e não sabia... Roça de toco, moço... Põe aí que era roça de toco, que roça de toco era de índio...¹¹⁰

O episódio a que me referi, quase esquecido de tão pouco retratado que foi, não era, no entanto, o *modus vivendi* desses pequenos agricultores, pois, como eles, vivia a maioria da população do município, à época.

A região em que a família de Cláudio vivia é onde hoje se chama Forte Santa Bárbara, uma área de treinamento do Exército que parte de uma das margens da Lagoa Feia, alcançando até o distrito do Bezerra, com um perímetro de 1.040 quilômetros quadrados. A área foi desapropriada e desocupada, as famílias desalojadas, inclusive a de

¹⁰⁹ SANTOS, 2018

¹¹⁰ SANTOS, 2018

Cláudio, para a implantação daquela instalação militar do Exército Brasileiro, como já descrito no capítulo II. Se a maioria da população formosense desconhece essa história, na memória de Cláudio, no entanto, ela permanece viva:

Porque a desapropriação foi assim: eles fizeram a desapropriação, aí ficaram um tempo, o pessoal resistindo, pra não sair, né? Aí eles saíram em 1976, para 1977, que eles saíram... [...] ...na marra, na marra... Já chegaram com o Exército para retirar mesmo, né? Já era desocupação mesmo, né? Porque antes eles estavam pedindo pra sair tranquilo, aí, depois, eles entraram com o Exército para arrancar mesmo o povo... Aí tiraram o povo. Na verdade, muitos eles não pagaram, porque pai falava pra mim o seguinte: porque, o Incra, na verdade, ele paga é a benfeitoria, né? Então, para o Exército, pela desapropriação, para eles foi muito bom, porque não pagou quase nada, porque o povo era muito simples, né? E o povo não fazia luxo...¹¹¹

O que Cláudio conta, vai ao encontro de uma das fontes bibliográficas que citam um enorme êxodo rural no período, que prenunciava a grave crise social que se instalaria na cidade, cujos reflexos, em algumas localidades, são sentidos ainda hoje:

Moço, era trem demais... Você pode colocar milhares de famílias... Porque a área tem 1.040 quilômetros quadrados, quilômetros! Olha o tamanho desse trem, moço... Só da minha família, era gente demais... Só perto da casa que a gente morava, nós, minha vó, tinha mais de 40 famílias morando... Tudo terrinha pequena, assim, né, de 10 alqueires, 30, 15, 5... Fora o tanto que morava dentro da mesma terra. [...]...Olha, na verdade, assim, muita gente mudou, muita gente passou necessidade aqui, rapaz... Porque, alguns, já tinham uma casinha, uma coisa, né? Os mais favorecidos, que vinham juntando um dinheirinho e construíam uma casinha de adobe... [...] ...a Vila Vicentina e a Beneditina, elas foram criadas, na verdade, foram criadas para abrigar essas pessoas, que muita gente não tinha lugar para morar aqui, porque muita gente que morava lá naquelas terras, na área do Exército, não tinha documentação. Aí eles saíram e vieram pra cá. Uns

¹¹¹ SANTOS, 2018

foram morar em outras terras, de parente, outros ajudaram, né? Aí eles foram... Outros mudaram para o DF, ali pro lado do Núcleo Rural São José...¹¹²

Diante de tais circunstâncias, mais alguns agravantes que ele relata a seguir, as impressões de Cláudio sobre a cidade não tinham como ter sido boas:

...o dinheiro não deu nem pra fazer a casa... [...] Eu tenho até o hoje o comprovante do recebimento do dinheiro... [...] Meu tio morreu com 28 anos, no dia que ele foi fazer a mudança... [...] 28 anos de idade. [...] Deu ataque cardíaco e morreu. Estava fazendo a mudança, deu um ataque cardíaco e morreu. De desgosto... Com 28 anos... Como é que era o nome dele completo? Esqueci... O nome dele é Mário Moreira Ribeiro. [...] Quando eu saí de lá eu tinha 3 anos de idade. Na verdade, nós ficamos, pai ficou, mais uns dois ou três anos pra construir uma casa... Nós moramos em casa de sapê, uai... [...] Nós não ficamos aqui não foi nem seis meses não, nós voltamos para a roça de novo... Aqui, fazer o que aqui? Sem serviço, sem nada...¹¹³

O quinto entrevistado, Edmar Luis Rodrigues, nasceu em Luziânia-GO, mas com menos de um ano de idade, veio com os pais para Formosa. Luis, como é conhecido, tem um irmão que, na infância, sofria de paralisia. Sem encontrar cura médica, os pais passaram a buscar uma cura espiritual e acabaram travando contato com a doutrina espírita denominada Vale do Amanhecer, à qual aderiram, e que acabara de construir um templo em Formosa, como nos conta Luis:

Eu vim com um ano de idade. Vim para Formosa no ano de 1978, não tinha 1 ano de idade. Meus pais me trouxeram, né... E eles vieram porque eles eram de um de uma de uma doutrina religiosa do Espiritismo, denominada Vale do Amanhecer. Eles receberam um convite para vir aqui para Formosa, para fazer um tratamento espiritual com meu irmão, e meu pai e minha mãe começaram a construir aqui em

¹¹² SANTOS, 2018

¹¹³ SANTOS, 2018

Formosa, na época, lá no Vale do Amanhecer, que hoje é o Jardim Bela Vista.¹¹⁴

Nascido em 1978, a infância de Luis se deu, portanto, nos anos de 1980. Suas memórias não remetem a algum choque de encontro, pois não possuía memória de algum lugar anterior que servisse de parâmetro, visto que cresceu aqui. Seus relatos revelam muito mais um contraste entre como a cidade era - em sua infância – e o que se tornou; curiosamente, em relação aos primeiros depoimentos, demonstrou certo saudosismo da época em que a cidade era menor. Mais uma vez há, também, a referência à abundância das águas, aos brejos... E ao asfalto.

Mas mesmo naquela época, ainda quando Formosa, quando Formosa não tinha, digamos, não tinha uma boa infraestrutura, mas tinha muitos lagos, tinha a Mata da Bica... Eu já tomei banho na Mata da Bica, Josefa Gomes... Eu morei na rua 5 da Vila Aurora, já tomei banho naquele brejo, também... Tinha outro brejo ali próximo à Vila Bela, eu também já tomei banho naqueles lagos... Hoje todos eles estão poluídos, aterrados... Infelizmente acabou muita coisa boa aqui em Formosa... Não tinha quase nada de asfalto naquela época... Pra você ver, na Avenida Pedro Monteiro Guimarães passa um rego de esgoto, na época eu entrava nas manilhas, pegava peixe, inclusive, no Córrego do Abreu, né? Então, quer dizer, tinha muita coisa boa que mudou, foi isso, porque não tem mais a qualidade de vida que tínhamos antigamente, né?¹¹⁵

O quinto e último entrevistado é o mais novo dentre os seis. É, no entanto, o único que realmente nasceu e foi criado em Formosa. Nascido em 1982, foi criado na rigidez de uma família protestante – já, me adianto que rigidez não é algo que considero que defina o protestantismo, mesmo porque não é homogêneo, há várias vertentes; mas a congregação a que pertencia a família do entrevistado, segundo o mesmo, era bastante rígida, sobretudo na década de 1980, quando ainda eram raras as igrejas evangélicas na cidade. Samuel relata as impressões que possuía quando criança e considerando o contexto em que foi criado:

¹¹⁴ RODRIGUES, 2018

¹¹⁵ RODRIGUES, 2018

Inicialmente eu tenho uma dificuldade em contar da minha época, porque nós fomos criados dentro de quatro paredes, nós fomos criados trancados dentro de casa. Então nós saímos pouco... Quando eu nasci, eu morei inicialmente ali na SHIS, eu ainda não tinha nem um ano de idade quando minha família mudou lá para o setor Primavera, na Rua 1 do setor Primavera, onde eu me lembro que foi onde a gente passou a se conhecer, ali pra baixo um pouquinho da zona, no setor Primavera, que na época que se chamava setor industrial.¹¹⁶

Como ele mesmo disse, em razão da religião, Samuel, ao menos durante a infância, foi privado de muitas experiências comuns às crianças de sua idade, devido ao isolamento imposto pelo pai, mas também a um certo preconceito, uma certa intolerância, uma certa segregação de motivação religiosa ainda existente, à época, na cidade, que marcou sua memória:

Na verdade, o que acontece... Inclusive lá do lado da minha casa, na esquina, tem até hoje uma fábrica de móveis. Eu ficava admirado porque que eles não abriam sexta-feira da Paixão... E devido eu ter tido um crescimento no meio protestante, né, meus pais evangélicos, meu pai sendo um dos dirigentes da igreja. Então, meus pais pertencem até o dia de hoje, aí eu ficava me perguntando por que que o dono não vinha trabalhar no dia santo. Eu já vinha com essa mentalidade de berço, de que não tinha que ter essa idolatria.

Hoje a gente respeita as pessoas, mas a gente tem essa visão diferente, de que não precise de idolatrar um dia, que todos os dias são iguais, né? Você precisa de ter ali as suas devoções, sua dedicação, mas que a gente entende, hoje, que todos os dias são iguais. Mas naquela época eu não conseguia nem sequer respeitar, porque quem era católico, era católico; Quem era crente, era crente; quem era macumbeiro, era macumbeiro. E nenhum se dava com o outro. Então assim, não tinha essa liberalidade religiosa que tem hoje, não tinha esse ecumenismo. [...] A questão, a questão que eu posso te dizer é o seguinte: o preconceito principalmente naquela época, existia dos dois lados.

¹¹⁶ LUCAS, 2018

Existia dos dois lados. É o que eu te disse... Colocando na expressão usada na época, quem era crente, era crente. “Ah, seu Gaspar é crente.”. Então ele é crente. “Ah, Marcimílio é Vicentino”, é vicentino. E não se davam não, não se davam um com outro. Então, tinham-se muitas discussões, tinha momentos assim de perseguições... A pessoa às vezes chegava na oficina do meu pai para poder arrumar a bicicleta, aí ficava sabendo que o meu pai era crente, saía com a bicicleta sem montar. Então isso aconteceu algumas vezes; ou outras vezes chegava fazer um serviço e não queria pagar, só porque meu pai era crente...¹¹⁷

Não obstante, embora ainda protestante, Samuel, assim que pôde, alçou voos próprios, sendo hoje, talvez, a maior convededor da história formosense, tendo escrito vários livros e artigos, realizado profundas e importantes pesquisas simultaneamente às suas atividades de professor e maestro da Banda Municipal. Nos tópicos que se seguem, seu depoimento trará enormes contribuições.

As memórias da história

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.¹¹⁸

Este é um dos tópicos mais importantes do presente capítulo. Primeiro, porque expõe, dentre o que foi apreendido sobre a história da cidade, aquilo que a memória conservou, e é interessantíssimo observar esse prisma, do imaginário popular. Segundo, porque, ante a história exposta no capítulo II, revela o quanto daquilo, de fato, chegou efetivamente ao conhecimento da maioria dos formosenses. Terceiro, porque, em se detectando falhas – que supomos que existam - nas políticas públicas e editoriais acerca do ensino de uma história regional mais efetivo e que, eventualmente, tenham ocasionado

¹¹⁷ LUCAS, 2018

¹¹⁸ HALBWACHS, 1990, p. 26

essa suposta lacuna no conhecimento do cidadão no que tange à história do próprio município em que vive, o esforço empreendido no presente estudo se justificaria sobremaneira.

Para tanto, por um esforço meramente didático, serão expostos os temas tais como na ordem em que foram dispostos no capítulo II, qual seja, cronológica. Questionaremos os entrevistados sobre o que sabem sobre o evento ou período, mas, sobretudo, os porquês, os motivos, em suas respectivas óticas, de saberem ou não sobre esses dados relevantes da história de Formosa. Deixando claro, no entanto, que, para a seleção de tais dados, e na ordem em que foram dispostos, tive de cingir-me da condição de professor de história que está em fase de conclusão de um Mestrado Profissional em Ensino de História, adotando, portanto, critérios didáticos, que favoreçam o ensino da disciplina histórica de caráter regional.

Por fim, faço duas observações quanto a dois dos entrevistados. A primeira, é quanto à entrevista do professor Samuel; sendo um especialista na história de Formosa, solicitei que me contasse não o que hoje sabe, mas o que sabia, o que lhe fora ensinado, já que seu vasto conhecimento acerca do tema não deriva do ensino formal, mas de seu interesse, de suas pesquisas junto a fontes primárias, de seu esforço individual em desvendar diversos pontos obscuros da história formosense. A segunda observação é quanto ao entrevistado Cláudio, cuja entrevista focou, especificamente, por sua biografia, em seu testemunho fundamental e esclarecedor acerca do episódio da retirada de milhares de pessoas das terras em que viviam e das quais tiravam seu sustento, para a implantação da área hoje ocupada pelo Exército Brasileiro; por ser um evento negligenciado na historiografia local, julguei pertinente ocupar-me e ao entrevistado em melhor esclarecê-lo, para que pudesse, enfim, constar como se deve em uma obra sobre a história da cidade. De toda forma, todos os depoimentos encontram-se, na íntegra, transcritos em anexo. Convém observar, ainda, que alguns trechos de depoimentos citados anteriormente, eventualmente serão repetidos – apesar do prejuízo estético da narrativa - daqui por diante, não por falha, mas por opção, para que possam ser analisados em contextos diferentes, abordados doravante.

Isto posto, partamos para os questionamentos e observemos as respostas, dispostas não mais de forma de individual, estanque, mas em sequência, para melhor chegar à conclusão das análises, identificando as convergências e divergências, as permanências e rupturas.

Comecemos, pois, partindo da pré-história de Formosa. Como já dito, é um período pouquíssimo retratado na historiografia formosense. No entanto, adianto-me, é preciso retirar um pouco desse fardo dos ombros dos historiadores que me precederam: o período não é só pouco retratado, é, principalmente, pouco estudado. Há pouquíssimas fontes partindo de estudos científicos em outras áreas que auxiliem o historiador, como a paleontologia ou a arqueologia, por exemplo. Sem ser municiado por informações que partam dessa natureza, por absoluta falta de meios, torna-se, de fato, uma tarefa inglória aprofundar-se no tema, o que isenta, de certa forma, a abordagem superficial dispensada ao período, inclusive por mim. Em que pese o exposto, trouxemos ao menos, no entanto, o registro e algumas indagações que poderão suscitar um interesse maior no estudo, ainda bem germinal, do assunto.

Questionados sobre o que conheciam sobre período, sobre os sítios arqueológicos mais importantes e as conjecturas existentes; se, em suas vidas escolares chegaram a discorrer sobre o tema, os entrevistados responderam:

Não... Não se falava nada da história mesmo não, não davam muita importância não... Até hoje não se fala muito sobre o assunto não...¹¹⁹

Não, Toca da onça não... Nunca ouvi... Bisnau já ouvi falar que existe, mas não conheço o sítio e nem a história. Conheço o buraco das Araras, não conheço essa Toca da Onça...¹²⁰

Sim, tem um lugar que eu ouvir falar sobre ele, eu ouvi falar a respeito de um, de uma caverninha, que nós chegamos a ir até lá. [...] ... nessa época meu pai trabalhava na CR Almeida, fazendo o asfalto descendo para Itiquira. E ali onde eles instalaram a EMFOL, era o lugar em que eles iam buscar brita. [...] Então, lá tinha uma caverninha e era uma caverna pré-histórica; ela foi explodida pela própria EMFOL, exatamente porque em Formosa não tem esse respeito às coisas antigas.¹²¹

¹¹⁹ ATAIDES, 2018

¹²⁰ FALBO, 2018

¹²¹ LUCAS, 2018

Como se depreende dos depoimentos, pouco ou nada era dito sobre o período que abrigou os prováveis primeiros habitantes do território formosense, tampouco sobre os vestígios deixados, que deveriam ser conservados e divulgados, para que fossem estudados. O único sítio arqueológico citado, uma caverna, foi descoberto por acaso e, sequer, existe mais: virou o tão sonhado asfalto.

Segui indagando os entrevistados sobre o que lhes fora contado, ensinado, sobre as origens de Formosa, segundo a historiografia, então. Se haviam, ainda que suscintamente, lhes dito sobre os índios Crixás, que habitavam a região antes da passagem dos bandeirantes, sobretudo, da bandeira do Anhanguera filho; se testemunharam, ao menos, referências aos quilombos, ao povoado de Santo Antonio, até, por fim, o surgimento do Arraial dos Couros. Vejamos as respostas:

Uai, eles chamavam aqui, falavam que era a cidade dos couros, né? Formosa dos Couros, né? Que era tudo coberto com os couros, as casas, tudo... E depois foi que eles puseram o nome Formosa, Formosa dos Couros... Ela chamava Formosa dos Couros, porque usava muito couro aqui... Mas eu não peguei essa fase não...¹²²

Eu só lembro de ouvir o povo falar que a origem histórica do nome da cidade, foi por causa do Arraial dos Couros, né? Que era tipo uma corruptela, que trazia os couros pra cá pra tratar, né? Aí tinha aqueles curtumes que antigamente era um fedor danado, ali pro lado do Califórnia, aí fizeram o Museu dos Couros depois... [...] Ah, as pessoas falavam da história da cidade, que era lugar de lençol freático rico, né? Que o povo foi mudando pra cá, depois foi fazendo fazendas, depois chácaras, depois foi a aglomerando... Dizem que foi mais por causa da fartura de água, depois o povo vinha fazer horta, fazer roça aqui perto e foi ficando, foi aglomerando gente e foi virando cidade...¹²³

Não, depois eu fiquei sabendo, que Formosa era, em princípio foi Formosa da Imperatriz, depois Formosa dos Couros, até virar Formosa. [...] Porque parece que curtiam o couro aqui, né? Matavam o boi e curtiam o couro aqui.¹²⁴

¹²² GONTIJO, 2018

¹²³ ATAIDES, 2018

¹²⁴ FALBO, 2018

Como surgiu, a história de Formosa, falavam da Vila da Imperatriz, dos carros de boi, Formosa dos Couros, só isso, nada aprofundado...¹²⁵

Então, assim, inicialmente lá, no José Décio, nos ensinaram exatamente isso, que era Formosa dos Couros, porque as casas eram cobertas de couro. Então, a gente ficava assim, até imaginando aquela casinha feita de pau-a-pique, mas só que bem pequeninha, porque o couro de uma vaca é pequeno, então, assim, para o couro cobrir pelo menos uma banda da casa, a casa tinha que ser bem pequeninha.¹²⁶

Como pôde se depreender dos depoimentos, uma versão simplificada da história contada por Olympio Jacintho foi a que mais se fixou no imaginário da população, de que Formosa surgiu a partir do Arraial dos Couros, que tinha esse nome em razão de habitações rudimentares cobertas com peles de animais. Esse discurso foi repassado tanto pela tradição oral, quanto pela escola. Como visto no capítulo II, não foi bem assim. As peles eram o principal produto comercializado pelos moradores da região e tinham elevado valor para serem usadas como cobertura de barracos, ainda mais levando em consideração a vegetação da região, repleta de palha de buriti e de coqueiros que, conforme demais relatos, de fato cobriam as precárias habitações existentes não só no início, como durante muito tempo naquela região. A história contada tanto não fazia sentido, que o jovem Samuel - conforme depoimento acima - começou ali os pertinentes questionamentos que impulsionariam suas pesquisas.

As respostas dadas, num primeiro momento, não fizeram menção sobre os indígenas que na região viviam antes dos bandeirantes. Por causa dos índios, não dos bandeirantes, a quem a historiografia tradicional já se dedicou a legitimar e eternizar, tornei a insistir se, pelo menos, havia sinais de índios por aqui:

Não... Já não tinha não... Eu não lembro de ver índio aqui não...
Nem de ouvir falar...¹²⁷

¹²⁵ RODRIGUES, 2018

¹²⁶ LUCAS, 2018

¹²⁷ GONTIJO, 2018

Assim, a gente sabe que os índios foram os primeiros aqui, né? Mas o povo lembra mais a partir de Brasília, dos últimos 50 anos, que foi quando começou a desenvolver, né? O comércio, asfalto, esgoto, a encanação das águas pra poder fazer a drenagem e construir, essas coisas...¹²⁸

Adiante, comentaremos as lacunas encontradas na história absorvida sobre a cidade, porque elas prosseguem e as enumeraremos, bem como tentaremos explicar o que poderia tê-las ocasionado. Por ora, sigamos.

Outro aspecto sobre o qual discorri junto aos entrevistados foi sobre o fato de o Arraial dos Couros - e, consequentemente, Formosa - ter sido fundado por negros, sendo sua primeira rua denominada “Rua dos Crioulos”. Evidentemente, tal fato, embora não possamos dizer foi negligenciado pela historiografia local, não foi suficiente ou eficientemente divulgado entre a população, conforme os relatos já citados comprovam. Quanto à historiografia, foi minimamente descrito ou enfatizado; quanto ao ensino, parece ter sido ocultado. Para além disso, no entanto, me intrigou ainda o destino daqueles negros pioneiros, haja vista que, ao contrário de cidades próximas, que chegaram a sediar – e algumas ainda sediam – grandes quilombos, como Paracatu-MG, Flores de Goiás-GO e Cavalcante-GO, Formosa não só não contava com uma população razoavelmente composta por negros, como haveria de se esperar, como não possuiu ou possui comunidades quilombolas. Perguntados sobre a presença negra na população, em suas respectivas épocas, responderam os entrevistados:

Não... Quilombo era nome o nome da fazenda... Só era o nome da fazenda mesmo... [...] É... Mas não tinha não... Ali, até hoje eles chamam de Quilombo lá, lá onde foi do tio Pedro...¹²⁹

Ainda existia, pessoas bem idosas, assim, ex-escravas... Parece que os tijolos das casas antigas tinham sido feitos pelos escravos... Quando eu vim pra cá não tinha muito negro não... As cidades do entorno, mesmo, tinham mais negros que aqui... Aqui mesmo não tinha tantos não, na época não... Agora que ficou mais misturado, né? Mas na época tinha meio que um preconceito, assim, de eles viverem mais

¹²⁸ ATAIDES, 2018

¹²⁹ GONTIJO, 2018

isolados, né? Que eram só os mais antigos, já com oitenta e tantos anos, já mais velhos...¹³⁰

As duas entrevistadas mais velhas, relatam que, ao chegarem a Formosa - nos idos de 1950 e 1970, respectivamente - perceberam que não havia tantos negros, como poderia se esperar de uma cidade fundada por eles; e os que haviam, viviam mais isolados. Já Samuel, o mais jovem dos seis entrevistados, cuja memória da infância se passa entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, já encontrou uma realidade um pouco diferente, o que suponho ter sido um refluxo de negros, porém, sem ligação direta com aqueles primeiros habitantes, mais ligado, provavelmente, a contextos socioeconômicos mais contemporâneos. Contudo, ainda recentemente, Samuel também identificou uma certa segregação, além de apresentar uma hipótese plausível para o esvaziamento da população negra originária no município:

...porque a maioria da comunidade negra em Formosa, quando nós éramos crianças, estava ali perto da Lagoa dos Santos, na Vila... Os primeiros negros no centro da cidade foram vendendo suas propriedades para especulação comercial, então por isso que, ali, dos negros, que eu posso dizer, a única família negra que continua ali junto da antiga Rua dos Crioulos é a família da dona Vera Couto, que se instalou, eu acredito, que na faixa de 1800 a 1820; instalaram ali e continua a mesma família, só que já miscigenada com brancos, né?¹³¹

Outro aspecto abordado junto aos entrevistados foi a representação acerca da importância de Brasília na história de Formosa, sobre a fixação na memória coletiva, da ideia de que Formosa, por assim dizer, se desenvolveu em prol de Brasília. Sobre um possível menosprezo à história local, que precedia à instalação da capital federal em parte do seu território, em detrimento da narrativa histórica que se desenvolveu sobre Formosa a partir dos primeiros indícios de mudança da capital federal para os seus arredores. Talvez o fato de sentir-se inserido, finalmente, no contexto da história brasileira, de participar de um grande projeto nacional, tenha mexido com a autoestima do formosense de forma tal, que o imaginário popular tenha selecionado tal acontecimento por alimentar

¹³⁰ ATAIDES, 2018

¹³¹ LUCAS, 2018

um certo orgulho, um certo sentimento de pertencimento; talvez, no entanto, tenham sido, realmente, mudanças práticas ocorridas como efeito do advento da vinda da capital para a região que os tenha desestimulado o interesse pelo que ocorreria antes, que os tenha feito julgar que os acontecimento precedentes não merecessem ser dignos de nota ou de lembrança. É um fenômeno psicossocial complexo, difícil não só de ser plenamente detectado, como de ter definidas perfeitamente suas causas. Fato, é que expressiva parcela da população vincula bastante a história local à de Brasília, muitas vezes partindo dali a explicação sobre as origens históricas de Formosa.

Mesmo a historiografia local, embora trate, sim, sobre os demais períodos, passa a impressão de contemplar, de forma mais apurada, a história da cidade a partir da construção de Brasília. Tanto que muitos dos dados obtidos na presente pesquisa foram prospectados a partir da pesquisa efetuada na historiografia brasiliense, que é vasta, se comparada à formosense; ali é demonstrado o interesse em descobrir como era a região antes da edificação da nova capital, trazendo, por tabela, informações bastante relevantes sobre Formosa, não constantes em sua própria historiografia.

Diante das circunstâncias elencadas acima, foi perguntado aos entrevistados sobre suas lembranças e impressões no tocante à importância dada à Brasília na história de Formosa, não aquela história escrita, mas a presente na memória coletiva ou, pelo menos, de um estrato significativo da população:

Só veio essas coisas com influência de Brasília; só depois, que vendia em Brasília... [...] Mas foi depois de Brasília que começou a ter influência com as coisas... Mas antes, aqui era um sertão mesmo... [...] E com a influência de Brasília foi mudando tudo, né? [...] Até o comércio mudou, as coisas aqui - que era muito sertanejo, aqui – foram mudando... Muita gente de fora, mudando a cultura... Aí que ela foi crescendo... [...] Vendia em Brasília, mas passava também esses caminhões pau-de-arara, vindos da Bahia, do nordeste, aí esse povo comprava as coisas também. Por conta de Brasília, começou a pegar esse movimento, né? Então passava tudo aqui primeiro, que tava no caminho¹³²

¹³² GONTIJO, 2018

O povo aqui até achava que Formosa ia passar a ser Brasília, né? Aí o povo ficava empolgado, porque achava que Brasília era chique, que Brasília era grande, Brasília tinha emprego, que se Formosa virasse Brasília tinha futuro, né? [...] ...o povo lembra mais a partir de Brasília, dos últimos 50 anos, que foi quando começou a desenvolver, né? O comércio, asfalto, esgoto, a encanação das águas pra poder fazer a drenagem e construir, essas coisas...¹³³

Já tinha 15 anos Brasília, né? Mas o pessoal só passava por aqui, o pessoal não ficava aqui. Formosa praticamente se tornou uma cidade dormitório, só os antigos que moram aqui, que trabalham aqui, porque essa geração mais nova procura emprego fora de Formosa.¹³⁴

Sabe o que eles faziam? Muita gente ia pra Ipameri, pra fazer a permuta de rapadura por sal, né? Levava carne, porco... Ou então ia pra Brasília, porque Brasília já tinha iniciado, né? Então, muita gente já começava a querer ir pra Brasília pra vender produto, né?¹³⁵

Como visto nos depoimentos acima, as memórias dos entrevistados convergem com as hipóteses que as precederam. Interessante observar, também, que quanto mais antigo o entrevistado – mais próximo, portanto, da precariedade vivenciada em Formosa e da instalação de Brasília -, maior a associação, a importância dada à capital federal na história ou, pelo menos, no desenvolvimento do município.

É sabido, no entanto, que a ideia de mudança da capital para o interior era pensada desde a colônia, aparentemente tendo sido o Marquês de Pombal o primeiro a aventar a possibilidade, tendo sido elaborados diversos projetos nesse sentido desde a colônia, portanto:

Brasília apresenta-se como um caso particularmente adaptado para levar a cabo tal observação. Em um período de mais de um século e meio, muitos foram os projetos de construção de uma cidade nova para instalação da capital do Brasil. Um primeiro projeto foi pensado quando da presença, no Brasil, do rei de Portugal Dom João VI, entre

¹³³ ATAIDES, 2018

¹³⁴ FALBO, 2018

¹³⁵ SANTOS, 2018

1808 e 1821; o segundo, durante o período da Independência, em torno da figura de José Bonifácio (1821 a1824); um novo projeto foi elaborado durante o Império por Francisco Adolfo de Varnhagen, historiador e diplomata (1839-1870); a República, no seu início, entre 1889 e 1904, tomou para si o projeto; o Estado Novo e depois a Nova República, entre 1930 e 1955, dedicam-lhe crescente atenção; foi finalmente o projeto de Kubitschek, entre 1957 e 1960, que deu à luz a Brasília. Foram, portanto, seis projetos, mas também contextos históricos, seis nomes de cidade (Nova Lisboa, Cidade Pedrália, Imperatária, Tiradentes, Vera Cruz e Brasília) e o mesmo número de ambições políticas e sociais diferentes.¹³⁶

Apesar de todos esses projetos, as ações efetivas no sentido de promover, de fato, a mudança da capital para o interior, só foram levadas a efeito no fim do império e começo da República, tendo desenvolvido papéis cruciais nesse sentido, Francisco Adolfo de Varnhagen – o Visconde de Porto Seguro – e Luis Cruls. Varnhagen, como já visto, fez a primeira visita e o primeiro relatório técnico defendendo a transferência da capital para o sítio em que se encontrava Formosa, em 1877, ainda Império, portanto; Cruls, já no início da República, em 1892, após as ideias de Varnhagen terem sido compradas pelo parlamento e convertidas em lei, também veio à região com uma equipe de notáveis para, já, efetuar a demarcação oficial do local e promover demais estudos pertinentes. Ambos serviram-se de Formosa por base para suas respectivas expedições e indicaram a região que se encontrava em seu território – ou em parte dele, já que no processo o mesmo sofreu alterações – para a construção da nova capital.

Para a maioria da população, no entanto, Cruls ainda é um ilustre desconhecido. Varnhagen, apesar de ter recebido a homenagem de ter seu título nomeando a principal rua da cidade – Rua Visconde de Porto Seguro -, também é quase tão desconhecido quanto Cruls. Para além da pompa de ter recebido ilustres figuras que ajudariam a trazer os tão sonhados progresso e inclusão que Formosa por tanto ansiara, deixaram um legado ainda maior para história da cidade, sobre a qual, muito do que se sabe em diversos aspectos – população, fauna, flora, hidrografia, etc – deriva dos relatórios e descrições de ambos, Varnhagen e Cruls.

¹³⁶ VIDAL: 2009, p. 20

Como visto, no entanto, a esmagadora maioria do povo formosense desconhece ambos. Nem mesmo o fato de a principal rua da cidade se chamar Visconde de Porto Seguro – na tentativa criar, ali, um lugar de memória -, aparentemente, despertou a curiosidade das pessoas, no sentido de tentar descobrir quem é essa personagem, para ter sido digna de tal honraria. É preciso considerar, até para tentar justificar a causa desse desconhecimento, que não é tarefa das mais fáceis, para um leigo, obter dados que apontem a relação de ambos com Formosa, dadas as generalizadas falhas nas políticas públicas de incentivo à história local; dentre suas consequências, está a irrisória produção historiográfica. Pesa, ainda, a superficialidade com que ambos são tratados, via de regra, nas poucas obras existentes – mais uma ode aos poderosos da cidade, em alguns casos – e, além de tudo, a dificuldade em encontrar exemplares das já escassas obras nas prateleiras até de bibliotecas públicas ou disponibilizadas em versões digitais, sobretudo *online*.

O resultado é verificado nas respostas dos entrevistados quando perguntados, primeiramente, se sabiam, se haviam lhes ensinado ou dito quem era o Visconde de Porto Seguro, por que a rua principal tem esse nome. Quando não se limitaram a responder um simples “-Não...”, disseram o seguinte:

Não lembro assim não... Porque era tudo muito comum, assim, tudo, né? Mas não lembro de ter ouvido falar de nada disso não...¹³⁷

Não... Nunca ouvi falar não, não sei o porquê não... Nunca aprofundei também nesse assunto não... A gente tinha mais o que fazer, né, muito estudo, muito trabalho, não tinha ninguém que falava dessas coisas pra gente não...¹³⁸

Quanto a Cruls, não foi muito diferente, simples negativas, responderam à pergunta. Interessante observar e tentar compreender, então, um aparente paradoxo: por que se deu tanta importância a Brasília, mas não a dois dos principais – senão os maiores – responsáveis pela defesa de sua construção às portas de Formosa? Uma hipótese seria a prevalência da interpretação forçosa da influência de personalidades políticas locais nessa “conquista”, o que seria um engodo; outra hipótese possível, é que não se

¹³⁷ GONTIJO, 2018

¹³⁸ ATAIDES, 2018

acreditava, de fato, nessa mudança da capital para a região, dada a envergadura e o custo do empreendimento, além dos histórico desprestígio político de Goiás, cuja classe política não tinha influência para a atrair, por si só, algo desse porte, ainda mais para aquela região, desprestigiada até pelos desprestigiados, esquecida até pelos esquecidos. Outra hipótese, embora ainda relacionada à última, seria a de que o que foi, efetivamente, valorizado foi o progresso que Brasília respingou em Formosa, até mais que o *status* que o município passaria a ter, embora também o apreciasse; uma última hipótese, dentre as que estou me limitando a superficialmente aventar, seria simplesmente a cultura local que, por motivos diversos, historicamente demonstrou dar pouca importância à história local e, sobretudo, a personagens exógenos à elite dominante que se alternava no poder, essa sim, vastamente retratada, registrada e legitimada na história e na memória.

Chegamos, por fim, à conclusão do presente tópico, tentando esclarecer, junto aos entrevistados, o motivo de, embora desde a mais tenra idade terem manifestado interesse em saber mais sobre a história da cidade - com sinceras demonstrações de pesar -, não terem aprendido tanto quanto gostariam:

Com certeza... Não é incentivado o interesse, né? [...] Nas escolas devia trabalhar muito isso, devia trabalhar desde as crianças menores até as maiores, devia ensinar isso na escola... Devia ser lei, fazer um conteúdo, uma matéria específica sobre isso, porque Formosa é uma cidade grande, com essa quantidade imensa de habitantes e tudo, que tá desenvolvendo, tá crescendo, então vai chegar uma hora que vai perder tudo, né? Se não ensinar para os mais jovens, vai perder tudo... Vai chegar uma hora que vai ficar tudo o que é moderno e vai perder tudo que é mais antigo, e os jovens não vão saber nem a história...¹³⁹

... não era divulgado, não é divulgado... Não é até hoje não é até hoje... Inclusive o seu trabalho vai ajudar muito, eu quero ler, se você for publicar mesmo livro. Eu quero ler, porque muita coisa, muitas coisas eu não sei: o porquê do nome de uma rua, entendeu? O porquê que aquela rua teve aquele nome, quem foi aquela pessoa, entendeu? O que ela tinha a ver com aquela rua, ou o porquê do nome daquela pessoa numa escola e assim por diante... Eu quero muito ler, aprender mais em relação a isso. [...] Se divulgava muito pouco a nossa história. [...]

¹³⁹ ATAIDES, 2018

...quando eu estudei, que ainda tinha Educação Moral e Cívica, eu pra te ser sincero, não se falava da história da minha cidade... Falavam muito da história do Brasil, da forma que eles queriam, que você é historiador, você sabe, empurravam goela abaixo... Mas, assim, o hino de Formosa, por exemplo, eu vim saber, na verdade foi depois de muitos anos... Quando eu era criança, eu não conhecia o hino de Formosa, entendeu? Eu não conhecia o hino do Estado de Goiás, entendeu? Mal, mal, a gente conhecia o Hino Nacional, entendeu? Até então, na minha época, anos 1980, aí nós éramos até mais patriotas, porque, pelo menos, cantávamos o Hino Nacional. Mas não ensinavam nas escolas... Tanto que não ensinavam uma história da cidade nas escolas, nem do estado. Outra coisa que eles não faziam, era a questão de religião: só existia uma linha, que era só a católica, como falamos agora a pouco... Então, quer dizer, nós tínhamos que absorver o que eles nos davam; digamos que “- Tome aqui a esmola da cultura. Tá aqui, eu estou te dando isso e você vai ter isso”. [...] Agora aqui, infelizmente – e você vai observar nessa sua pesquisa que o que eu estou dizendo é quase que unânime - falava-se muito, mas não nas escolas, a gente escutava os mais velhos dizerem... Mas agora como matéria, como ensinamento, não tinha... Eu acho que é bem por esse lado mesmo... Talvez o cabresto político, talvez, na época, o estado não queria que a gente soubesse certas coisas, para ficar à mercê do estado, não ficasse nada contestado mesmo, criar um projeto nacional, um patriotismo cego, subserviente... Então, quero dizer pra você que você está garimpando mesmo, tem que procurar, porque, assim, nas escolas, quem você for entrevistar, vai observar que não aprendeu quase nada nas escolas...¹⁴⁰

Na verdade, a história de Formosa era pouco difundida. Mas só que, assim, se falava muito das lendas... [...] ... exatamente porque em Formosa não tem esse respeito às coisas antigas.¹⁴¹

Portanto, primeiramente, podemos elencar, por baixo, o que não foi ensinado ou dito aos entrevistados: a presença dos sítios arqueológicos e a pré-história de Formosa, ali esperando ser decifrada; os índios Crixás, que habitavam a região quando chegou

¹⁴⁰ RODRIGUES, 2018

¹⁴¹ LUCAS, 2018

bandeira do Anhaguera filho; os demais bandeirantes que pela região passaram; a existência e a origem do povoado de Santo Antonio, de onde saíram os primeiros habitantes do Arraial dos Couros, embrião de Formosa; a correta explicação acerca da origem e do nome do Arraial dos Couros; o fato de Formosa ter sido fundada por negros e que sua primeira rua chamava-se Rua dos Crioulos, exatamente por isso; quem foram e que importância tiveram para Formosa o Visconde de Porto Seguro e Luís Cruls; por fim, episódio da desocupação da área do Exército e o êxodo rural que tantos problemas sociais ocasionou.

Toda essa lacuna não pode ser mais, a partir de agora, atribuída à historiografia, pois a maior parte do que o formosense não aprendeu, constava em pelo menos uma das obras editadas, o que transfere parte considerável do fardo para ensino, portanto. Contudo, deve-se atenuar, também, esse fardo, considerando a cultura e, principalmente, as políticas públicas educacionais; para isso, precisamos contextualizar os períodos que as ensejaram: Era Vargas e Ditadura Militar.

Em ambos os períodos o estado passou a exercer maior controle sobre a educação, em larga medida, pelo potencial ali identificado de ajudar a moldar identidades, estabelecer relações políticas, econômicas e sociais, exercer influência ideológica ou, sem suma, talhar o modelo de cidadão desejado pelo Estado ou por aqueles que o controlam. Sobretudo a partir da Ditadura, houveram reformas educacionais que interferiram extrema e negativamente não só na formação docente, como, como, em especial, na docência de História.

Foram selecionados conteúdos que inspirassem o civismo, o amor pátrio, a obediência e a não contestação, desestimulando o pensamento crítico que disciplinas como História poderiam estimular, em detrimento de “cartilhas de como ser um bom brasileiro”, que, basicamente, eram a que se resumiam OSPB e Educação Moral e Cívica.

Aliado a isso, um controle ainda mais intenso sobre o livro didático e sua produção contribuíram, ainda mais, para quadro identificado em Formosa, mas comungado, possivelmente, pela maioria dos municípios brasileiros, sobretudo os afastados dos grandes centros: a predominância de uma História do Brasil que legitima as posições de destaque e privilégios ocupadas pelo Sudeste e Sul do Brasil, o protagonismo político e histórico de suas elites e, consequentemente, a supressão das histórias e identidades regionais. Supostamente, tudo em nome de uma unidade nacional.

Então, apesar de contar com diversos atores, o roteiro parece ser bem comum e, se não justifica, ao menos ajuda a explicar tão infeliz quadro em que Formosa, como tantas outras cidades se encontra.

Lendas, “causos” e outros traços culturais

Tanto na historiografia quanto na memória, Formosa é repleta de lendas e “causos” - expressão tipicamente goiana para designar histórias que, não raramente, muito se assemelham às lendas. A impressão é que o que falta à população em termos de explicações históricas, sobra, é compensado, com explicações míticas, folclóricas, sobrenaturais e os famosos “causos”, as histórias que o povo conta. E não há, aqui, uma crítica. Pelo contrário. Talvez seja, exatamente, tal acervo um dos bens mais enriquecedores e atraentes na cultura local.

Comum também entre outros povos e épocas, em que predominava a ausência do domínio da escrita e/ou de meios científicos que explicassem fenômenos naturais e até sociais - ou, ainda, para inspirar ou inibir determinados comportamentos -, a sabedoria popular produziu e disseminou suas próprias versões e explicações oralmente, resistindo aos sinais do tempo: dos rapsodos aos griôs, das mitologias egípcia, grega, romana, nórdica e africana à indígena, dentre tantos outros exemplos, não faltam paralelos na história da humanidade ao fenômeno verificado em Formosa, com seus “contadores de causos”, suas lendas e seu folclore. Alguns originais, outros herdados e adaptados, constituem, certamente, uma característica marcante da mentalidade e da sociedade formosenses desde os tempos mais remotos.

Das obras aqui utilizadas, por ser fruto exatamente de entrevistas, por beber quase que exclusivamente da história oral da cidade, a que traz o maior acervo de lendas é “Formosa em retinas idosas”, cujas entrevistas, foram iniciadas há mais de duas décadas e concluídas há mais de uma. É pertinente tal observação pelo fato de os perfis dos entrevistados aqui, serem bem diferentes daqueles, conservando ainda hoje, contudo, muitas dessas mesmas memórias. Outro grande narrador dessas lendas foi Alfredo Saad, que também será bastante citado no presente tópico, no intuito de demonstrar o quão arraigadas estão na memória coletiva formosense tais histórias, sendo repetidas por pessoas diferentes, em épocas diferentes e de formas diferentes. Começaremos, pois, por motivos didáticos, com as citações historiográficas, trazendo, em sequência, os relatos dos entrevistados, adotando, também, o critério da ordem por antiguidade e, sempre que possível, a divisão por tema.

Discorrendo sobre as hipóteses que originaram tantas lendas, assim discorreu Alfredo Saad, narrando, em sequência, duas das lendas mais famosas da cidade - Romãozinho e Corujão:

Como em todos os lugares do mundo, a escuridão da noite propicia o surgimento de lendas e mitos, envolvendo entidades fantásticas, assombrações aterrorizantes, monstros fabulosos. Em Formosa, duas entidades serviram, durante muito tempo, e persistiram até meados do século vinte, como meio para os pais amedrontarem as crianças e, daí, controlá-las: o Romãozinho e o Corujão. Não é sabida a época em que tais mitos foram introduzidos na região. Romãozinho em tudo era parecido com o Saci, nascido nos campos do Rio Grande do Sul. Era um menino amaldiçoado pela mãe, em razão das maldades que cometeu contra o pai e, como o Saci, perseguia viajantes nas estradas e preparava-lhes armadilhas, agredia-os e botava a perder a comida preparada para viagem, tão fundamental nas longas travessias pelo sertão. Essas duas entidades serviam para justificar a pouca durabilidade dos alimentos adrede preparados, sem cuidados e sem tecnologias adequadas, para as longas viagens pelo interior do país.

O Corujão não tem similaridades com qualquer outro mito brasileiro: era uma coruja enorme, cerca de um metro de altura, que possuía longas orelhas (*sic*) rastejantes, cujos ferimentos, pelos espinhos e pedras dos caminhos, faziam-na gemer, tristemente, ao longe, mergulhada na escuridão da noite. Alguns privilegiados corajosos diziam ter enfrentado o Corujão e saído incólumes do encontro. Não se sabe, porém, se a entidade era, de alguma forma, agressiva. Tudo indica que os gemidos é que aterrorizavam a população.¹⁴²

Em seguida, Saad complementa a narrativa, revelando mais duas das famosas lendas que povoavam o imaginário dos habitantes de Formosa e, nesses casos específicos, de praticamente todo o país:

A mula-sem-cabeça, mito bastante difundido no Brasil, também frequentava o imaginário da população de Formosa. Eventualmente,

¹⁴² SAAD: 2013, p. 42

mencionava-se o lobisomem, que vagava nas noites de lua cheia da Quaresma.

As histórias do lobisomem, porém, surgiram tardeamente na cidade e podem mesmo ter sido importadas, já em pleno século vinte. Ao lado das entidades fantasmagóricas, os habitantes de Couros e, depois, de Formosa, sempre sentiram temores que comumente difundiam-se na população.¹⁴³

Outro mote inesgotável de lendas é a Lagoa Feia. Os mistérios que a sondam originaram as mais famosas lendas locais, desde os tempos mais longínquos. Alfredo Saad tenta explicar o que, na bela Lagoa Feia, poderia ter contribuído para que se tornasse um solo tão fértil para os mitos; ao mesmo tempo, narra uma das lendas a ela referentes:

Mesmo sendo um pântano pouco impressivo, os mitos foram construídos. No centro da vegetação de tiriricas e de nenúfares, diziam - e Silva e Souza o menciona - existir um poço sem fundo, pois jamais conseguiu-se sondá-lo. Evidentemente, a lenda está associada àquela que dizia estar o destino de Formosa associado ao da Lagoa Feia: no meio dela havia um coqueiro que cresceria muito vagarosamente. No dia em que as folhas desse coqueiro apontassem acima da água, Formosa afundaria. Essas e outras histórias, envolvendo a Lagoa Feia, mostram como essa bela paisagem comoveu os primeiros viajantes que por ali passaram, ou ali vieram viver, e como eles foram impregnados pelo misticismo evocado pelo misterioso local. Esses mitos perduraram até a metade do século vinte.

Diziam os antigos habitantes que, em 1767, quando foi celebrada a primeira missa na velha igrejinha de Couros, na rua dos Crioulos, o padre Antônio Francisco de Melo, designado para esse trabalho, abençoou a Lagoa para que ninguém ali morresse afogado. Não se sabe se a suposta bênção do padre era para perdurar tanto e com tal eficiência, mas é certo que, até os anos setenta do século passado, duzentos anos depois da passagem do padre por Couros, nunca ocorreu uma morte naquelas águas, embora, depois disso, elas tenham acontecido¹⁴⁴.

¹⁴³ SAAD: 2013, p. 42

¹⁴⁴ SAAD: 2013, p. 76

Lôbo e Bernardes ampliam o repertório mitológico da Lagoa Feia, trazendo ainda mais lendas a respeito, inclusive aquela que talvez seja a mais rememorada, a da “Serpente da Lagoa Feia”. Complementam, ainda, a tentativa já esboçada por Saad de explicar, senão as origens, ao menos a motivação do surgimento de tantas lendas evolvendo a famosa lagoa formosense:

Segundo a lenda, existia uma cobra adormecida debaixo da cidade. A jibóia era tão grande que sua enorme cabeça estava debaixo da antiga igrejinha, construída na praça do Jardim, e seu rabo na lagoa Feia, distante 06 Km, aproximadamente. Quando o galo de bronze cantasse, a cobra despertaria de seu sono profundo. O galo era uma escultura que enfeitava a torre da primeira igrejinha. Assim que a cobra despertasse, engoliria a igrejinha, e seus movimentos bruscos causariam um terremoto que destruiriam a cidade, permanecendo para sempre soterrada.

Um certo padre sabendo da história, mandou destruir o galo de bronze, salvando a cidade. A cobra continua adormecida embaixo da cidade. Os moradores passaram a acreditar, pelo fato da igrejinha não mais existir, que a cabeça da serpente está debaixo da catedral, esperando um dia poder se libertar. Sua cabeça foi presa aos fios de cabelo de Nossa Senhora da Conceição pelo próprio padre Estevão que através de muita reza, ficou combinado que quando ocorresse algum fato ruim cometido por um membro da comunidade, um fio de cabelo de Nossa Senhora se quebraria.¹⁴⁵

[...]

Acreditavam que um bicho morava dentro da lagoa Feia e sobrevivia alimentando-se de peixes. Quando os peixes acabassem, o bicho sairia da lagoa para procurar alimentos. Como o bicho era muito grande e tendo dificuldade para sair da lagoa, seus movimentos violentos agitariam as águas de tal forma que inundaria a cidade, afogando a população. Os primeiros automóveis foram confundidos com o tal bicho, causando situação de pânico entre a população da periferia. Por muito tempo, até meados do século XX, os donos de automóveis contavam como era engraçado ver aquela gente humilde da zona rural, fugindo e se escondendo no cerrado quando via um

¹⁴⁵ LÔBO, 2006, p. 76

automóvel.¹⁴⁶

[...]

O povo acreditava que quando as folhas da palmeira - a palmeira nasceu dentro da lagoa Feia - surgissem sobre as águas, a cobra que estava com o rabo lá na lagoa e a cabeça embaixo da igrejinha, voltaria a vida. A igrejinha Santo Estevão foi construída na praça Rui Barbosa de frente onde hoje é a prefeitura. Assim que a cobra voltasse a vida, a cidade de Formosa seria destruída.

Em 1952, chegou à cidade o padre Cirilo. Nesse tempo, a igrejinha já não existia. Devido ao desenvolvimento da cidade, foi necessário construir um templo maior. Acreditavam que a cabeça da cobra estava, então, debaixo da Catedral. O padre notou que os moradores estavam envolvidos com outras crenças, principalmente com a macumba. Ele resolveu fazer uma demonstração de fé a fim de fazer com que essas pessoas abandonassem tais crenças e aderissem somente aos ensinamentos católicos. E comentou aqui em Formosa que a cobra iria mexer e a cidade partiria ao meio. A maioria dos fiéis, temerosa, dirigiu à Catedral para rezar. Rezaram e choraram a noite toda.

Essas lendas demonstram o quanto as comunidades do interior do país se sentiam isoladas, desprotegidas e solitárias. Ao procurar proteção, deparavam-se com a figura soberana da Igreja Católica com suas infináveis superstições e rituais. O catolicismo se firmou e se fortaleceu em consequência da fragilidade e insegurança dos indivíduos que buscavam respostas dentro de um mundo cercado pela vegetação do cerrado, envolto principalmente pelos mistérios da lagoa Feia e povoado por inúmeros causos.¹⁴⁷

Sobre a lenda da serpente da lagoa, um dos entrevistados, Luis, também a relatou, de forma ligeiramente variada da citada por Lôbo e Bernardes:

Uma dessas lendas, muito engraçada, dizia sobre a Lagoa Feia, que na Lagoa Feia tinha um dragão, que o rabo desse dragão estava na

¹⁴⁶ LÔBO, 2006, p. 76

¹⁴⁷ LÔBO, 2006, p. 78

Lagoa Feia e a cabeça na igreja matriz, amarrado com um fio de cabelo de Nossa Senhora.¹⁴⁸

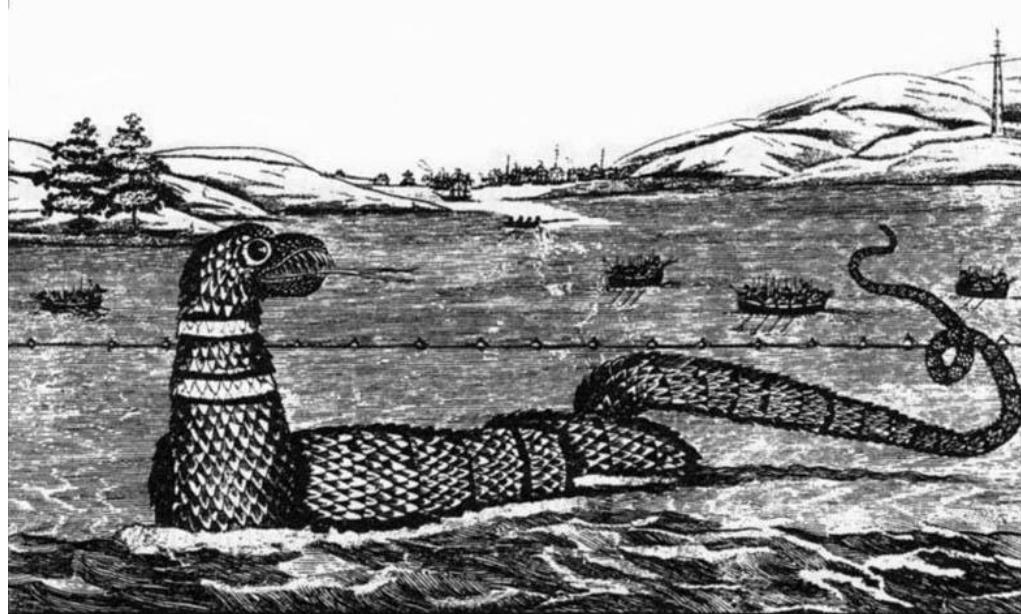


Figura 47: Lenda da Serpente da Lagoa Feia

Lôbo e Bernardes contam também sobre outras lendas famosas na cidade que, diferentemente das da Lagoa Feia, não são exclusivas de Formosa, sem, contudo, terem menor relevância no imaginário popular, como as de Cosme e Damião e do Carro-de-boi, além daquelas envolvendo os Ciganos:

A lenda de Cosme e Damião relata a história de dois meninos gêmeos que vinham à cidade todos os anos, na madrugada de sexta-feira da paixão, tocar o sino da igreja para abençoar as crianças da região. Os padres sabendo da história, reforçavam a lenda, tocando, eles próprios, o sino da igreja, nas madrugadas de sexta-feira da paixão.¹⁴⁹

[...]

A história de um carroiro que viajava com sua família no dia de sexta-feira da paixão se transformou em tragédia. Quando o carro-de-boi passava perto da cidade de Formosa, sofreu um grave acidente. O carro-de-boi pegou fogo e todos morreram. Alguns acreditavam que o acidente fora provocado pelo atrito do eixo da roda que se aqueceu

¹⁴⁸ RODRIGUES, 2018

¹⁴⁹ LÔBO, 2006, p. 777

durante a longa jornada, provocando faísca, do qual resultou no grande incêndio. Na época, usavam o carro-de-boi toldado - coberto com taboca e couro trançado – a fim de proteger os passageiros e os mantimentos das chuvas. O material usado para cobrir o carro era muito fácil de se queimar. Também era costume, transportar muito toucinho, que em caso de incêndio, transformava-se em grande perigo, ajudando o fogo a consumir tudo em pouco tempo. Razão pela qual, achavam ser muito difícil alguém conseguir sair rapidamente do carro-de-boi, em caso de incêndio.

Entretanto, a maioria da população acreditava que pelo fato de estarem viajando em um dia santo, foram todos castigados. Após a tragédia, todos os anos, na sexta-feira da paixão, os moradores ouviam o som do carro-de-boi cantando. Ainda hoje, algumas pessoas afirmam ouvir o som do carro-de-boi, na sexta-feira da paixão. Mas devido ao crescimento da cidade e em consequência do barulho, já não é mais possível ouvir com nitidez o som do carro-de-boi.¹⁵⁰

[...]

Os ciganos também visitavam a cidade quase todos os anos para venderem seus tachos de cobre e lerem as mãos dos moradores. Era uma diversão curiosa. [...] Os moradores estavam divididos entre o medo e a sedução. Contavam muitas lendas a respeito dos ciganos. Os comentários eram que eles viviam de forma muito liberal, desprezando leis e normas impostas pela sociedade. [...] Os ciganos pareciam estranhos e misteriosos para o povo dessa região.¹⁵¹

Outro local que, tradicionalmente, inspira lendas e pavores em diversas cidades, o cemitério de Formosa não fugia à regra, como nos conta Alfredo Saad:

O cemitério sempre foi um local olhado com apreensão e respeito e sempre circularam histórias relativas às almas do outro mundo que vagavam meio às sepulturas. Muitas histórias envolviam luzes fugidias que se levantavam de sepulturas recém-ocupadas. Raramente atribuíam-se essas luzes a emanações de gases resultantes da decomposição dos corpos. Não se falava em fogos-fátuos, comuns nas

¹⁵⁰ LÔBO, 2006, p. 77

¹⁵¹ LÔBO, 2006, p. 216

noites secas do planalto, pois talvez isso pudesse significar a identificação do defunto que os emanava. Dos vazados de tijolos da parede frontal do cemitério, nas noites sem luar, era possível observar essas elusivas aparições sobre as sepulturas de mortos recentes.¹⁵²

Alguns dos entrevistados também enfatizaram a presença de diversas outras lendas não citadas nas obras aqui analisadas e que, segundo eles, povoavam o imaginário popular em suas respectivas épocas aqui rememoradas, sobretudo a infância. Luis nos conta o seguinte:

Outra coisa interessante, tinha, temos até hoje, o Colégio São José e o Colégio do Planalto, que existia na época, um em cada lado da igreja matriz. Diziam que entre eles, que passava debaixo da igreja, um túnel de ida e volta, onde as freiras se encontravam com os padres no túnel... Falava-se isso também...

[...]

Eram muitas coisas assim.. Inclusive, hoje, assim, as pessoas falavam que as pessoas que morriam, as pessoas que morriam e que tinham seus nomes nas ruas, assim que começaram a surgir os evangélicos, diziam que não descansavam nunca, iriam ficar o resto da vida sem a salvação...¹⁵³

Samuel também tem bem presente em sua memória diversas dessas lendas:

Na verdade, a história de Formosa era pouco difundida. Mas só que, assim, se falava muito das lendas... Do porco-espinho da Mata da Bica, então... Porque se o menino fizesse bagunça na escola, o porco-espinho na sexta-feira da Paixão ia passar lá... E o batedor de lata, então? Mula-sem-cabeça, Pé-de-garrafa, Arrasta-corrente...¹⁵⁴

Samuel ressalta, ainda, outros personagens folclóricos da história da cidade, dos quais se tem notícia em praticamente toda a história de Formosa enquanto Formosa, depois de Couros: os “doidinhos” da cidade, como a população carinhosamente a eles se

¹⁵² SAAD: 2013, p. 452

¹⁵³ RODRIGUES, 2018

¹⁵⁴ LUCAS, 2018

refere. Em Formosa parecem brotar os tipos, parece ter havido pelo menos um que fosse em cada época. Há, inclusive, um ditado local, segundo o qual “Antigamente toda fazenda tinha um bobo. Agora, todo bobo tem uma fazenda”. Até Olympio Jacintho, com toda sua formalidade, dedica-lhes um tópico exclusivo, denominado “Mentecaptos”:

Roque Duarte, natural de Formosa, era um bôbo alegre . Morreu octogenário, em 1907. Viveu, sempre, alimentando a esperança fagueira de casar-se com uma moça branca e gorda, que viria de outras terras, encaixotada, por não poder andar a cavalo. Sempre que chegava uma tropa, em Formosa, ele ía procurá-la e, não encontrando-a, ficava esperando outra tropa, sem jamais perder a esperança de casar-se.

Francisco de Assis, natural de Formosa, era idiota jocôso. Residia fora da cidade, mas aos domingos e dias de festa, apresentava-se nas ruas, de sobre casaca e chapéu alto. Tinha a mania de ser rico e saía de casa em casa das pessoas abastadas, exigindo o seu dinheiro, que, conforme dizia, tinham guardado. Davam-lhe um papel pintado qualquer, que ele recebia como papel moeda, ou davam-lhe urna ordem escrita, para ele receber o dinheiro de outrem. Assim percorria todas as ruas e voltava à sua residência, para aparecer dias depois e continuar as cobranças. Morreu, velho, em 1912.

João Bôbo do Pe. Othon, natural de Santa Rosa, era um idiota que vivia sempre empregado em serviços domésticos, tratando de porcos, de galinhas, rachando lenha, carregando água, etc. Tinha uma aspiração única: queria casar-se e qualquer mulher, moça ou velha, branca ou preta, bonita ou feia , lhe agradava. Por-isso, sempre tinha uma noiva, que ele abandonava para arranjar outra, com quem pudesse contrair o casamento em mais breve tempo. E, sempre mostrando a dentuça, com riso estridente , quando conversava em casamento, ele viveu mais de setenta anos. Morreu em 1916.

Praxedes do Moreira, natural de Formosa, era sandeu e muito gago, com um bacio do tamanho duma laranja. Vivia sempre trabalhando em serviços caseiros. Gostava de pagodeiras, e, nessas ocasiões, os vadios o faziam dar vivas, que a gagueira dificilmente lhe permitia articular, como fosse : vi ... vi ... vi ... va ... va ... va ... a repuba. Para o fazer retirar-se da pagodeira, bastava alguém imitar o uivo do

lobo, porque, ouvindo-o incontinente ía ele esconder-se , com medo de ser comido pela fera. Morreu, em 1886.

João Bôbo. de Soyóta natural de Formosa, foi, como muitos outros, fanático por moças bonitas, querendo casar-se, ora com uma, ora com outra, até que veio a morte dissipar o seu sonho de felicidade em 1880, estando ele com mais de sessenta anos.

Descrevemos esses mentecaptos, porque também fizeram parte da população formosense. Em todas populações há mentecaptos; portanto seria mais uma falta nossa se não mencionássemos alguns.¹⁵⁵

Como disse, Samuel relembra, oportunamente, esses personagens marcantes, cada qual em sua época e de sua forma, na cidade de Formosa:

São memórias que a gente viveu, e por outro lado, uma outra memória marcante, que eu acho necessário você colocar no guia didático... Você vai lembrar de um homem que andava numa monareta; tentei resgatar o nome dele... [...] ...o “Fala oi”... Andava com um violão, tocando para as crianças nas praças... Me falaram que ele ainda era vivo, morando ali em Planaltina-DF, como morador de rua.. Maria Sapeca, Doidinho do chicote – que ainda está vivo, morando no Lar dos Idosos, dos Vicentinos, na casa de repouso. A memória do Brutus, que só não morreu porque uma lanchonete colocou seu nome num sanduíche do jeito que ele gostava de comer; a memória de Putê, Joana Capoeira....¹⁵⁶

Realmente vários desses personagens fazem parte da história e da memória de muitos formosenses. A maioria era muito bem quista e totalmente inserida, entrosada com a juventude de suas épocas. Escuso-me, aqui, mas permitir-me-ei, também, relatar um pouco das minhas próprias lembranças. Na verdade, acrescentar ao que rememorou Samuel, pois compartilho daquelas memórias.

Brutus e Putê, por exemplo, pareciam onipresentes: estavam em todas as festas e acontecimentos da cidade; sempre havia alguém disposto a dar-lhes carona, pagar-lhes entrada em festas, a bebida e, ainda, um sanduíche após as noitadas. Inseparáveis

¹⁵⁵ JACINTHO: 1979, p. 139

¹⁵⁶ LUCAS, 2018

enquanto Putê era vivo, pareciam o “O Gordo e o Magro”. Por uma dessas trágicas ironias do destino, ambos morreram vitimados em acidentes automobilísticos: Putê, muitos anos antes, como passageiro; Brutus, atropelado numa rodovia.

Maria Sapeca era icônica, uma senhora de cabelo curto que andava pela cidade inteira com seu indefectível cajado. Temperamental, bastava chamá-la de “Maria, meu amor”, para que se derretesse em candura; paravê-la possuída, bastava chamá-la de “Maria Sapeca” ou, simplesmente, “Sapecada”. Eram pedras e cajado sendo atirados em todas as direções. Não havia criança que não a temesse; não havia, porém, criança que resistisse à tentação de esperá-la virar as costas, alcançar uma distância segura e gritar: “- Maria Sapecada”, disparando em fuga na sequência, em velocidade tal, que nem as tocadas de campainhas alheias se comparavam.

Confesso que, realmente, gostaria de discorrer um pouco mais sobre essas figuras tão marcantes, pois realmente me tocaram as memórias reavivadas por Samuel: eram também minhas. No entanto, o farei mais detida e esmeradamente no local e no tempo oportunos, o Guia Didático da História de Formosa, cujo embrião é a presente dissertação.

Prosseguindo, um dos entrevistados por Lôbo e Bernardes relata um dos ditos populares que, embora com diversas variações, talvez mais tenha sido o mais repetido em Formosa, segundo o qual, por irônicas coincidências, a cidade seria conhecida como a terra dos contrastes. Assim citam os autores:

"Em Formosa sempre houve uma crítica que a gente fazia quando era rapaz: Cruz das Almas só havia defunto, a lagoa Feia é bonita, o menor homem chamava-se Máximo, a praça da Cadeia é da Liberdade e o maior homem chamava-se Alfredinho..."

Sílvio Magalhães
(Sr. Silvino)¹⁵⁷

Uma das minhas entrevistadas, Silvia Regina, também cita uma variação do mesmo dito, divergindo sobre os nomes dos personagens, mas com o mesmo teor:

Eu lembro dos contrastes da cidade... A Lagoa, que é linda, tem o nome de Lagoa feia; a mulher mais velha da cidade era chamada de

¹⁵⁷ LÔBO, 2018

menininha; o homem mais alto da cidade era chamado de Guri; a cadeia ficava na Praça da Liberdade...¹⁵⁸

Bernardes e Lôbo revelam, também, histórias nem um pouco engraçadas, no entanto, contadas por seus idosos entrevistados, sobre lendas relacionadas aos negros em Formosa. Não tendo podido estabelecer o limite entre os fatos reais e os míticos a eles acrescentados, furtar-me-ei em emitir juízo, mas não em citar e, consequentemente, registrar tais relatos, por, em certos momentos, irem ao encontro de uma impressão personalíssima minha, acerca de uma inclinação racista, sobretudo em seus primórdios, de significativa parcela da sociedade formosense, como já sugerido em momentos anteriores da presente dissertação. Lendas ou não, revelam indícios importantes – e infelizes – de um traço presente na cultura formosense durante bastante tempo. Eis os relatos:

Penosos castigos eram infligidos aos negros por qualquer motivo ou sem motivo algum. Os castigos eram práticas diárias de certos fazendeiros da região. O horror se espalhava entre os negros quando ouviam falar de tais fazendeiros, principalmente se estavam pretendendo comprar escravos.

Segundo relatos, nessa região, os mais temidos eram João Borbas e Joaquim Gomes, este era temido até pelo governador do estado. Joaquina de Pompéia era outra fazendeira muito temida pelos escravos. Era proprietária de uma extensa fazenda em Mina Gerais. A cidade de Buritis, a cento e poucos quilômetros de Formosa, foi construída em terras que outrora fazia parte do imenso patrimônio da dita senhora. Sua maldade era conhecida cerrado afora. Maltratava seus escravos só para se divertir. Muitos causos aterrorizantes a respeito dessa fazendeira chegavam aqui. Contavam que muitas vezes jogara os recém-nascidos de suas escravas no tacho cheio de sabão de soda fervente. Dando altas gargalhadas, a fazendeira devolvia o trapo para a mãe da criança, ordenando que o guardasse para enrolar o seu próximo filho.

Era comum entre os donos de escravos ameaçarem-nos, com a promessa de que iriam vendê-los para os perversos fazendeiros, se não trabalhassem direito ou quando estes praticavam algum ato de rebeldia.

¹⁵⁸ FALBO, 2018

Ao ouvirem os nomes de tais fazendeiros, muito escravos ajoelhavam nos pés dos seus donos, implorando aos prantos, que não fizessem tal coisa. Também era costume se benzerem ao ouvir falar de tais fazendeiros.

[...]

Segundo relatos, depois de um dia duro de trabalho, os negros juntamente com os agregados das fazendas costumavam terminar a noite em volta de uma fogueira. Ali contavam muitos causos a respeito dos andarilhos do cerrado. Foram criando lendas em torno de alguns negros valentes, que se rebelaram contra seus donos. Os que conseguiram fugir das fazendas, abrigaram-se principalmente nas matas fechadas do Vale do Paraná, onde puderam enveredar-se pelas belas cachoeiras, pelas vargens floridas, pelos campos sem fim. Deparando-se com a tão desejada liberdade.

Segundo o Sr. Sinval, muitos negros da fazenda Quilombo e do Vale do Paraná vieram para Formosa. A vida do negro no interior era diferente da vida miserável que os negros levavam nos engenhos. Longe dos centros mais desenvolvidos, a discriminação e a violência, apesar de ter existido, não compartilharam da mesma força. No entanto, a maioria das famílias, mesmo mestiça, rica ou pobre, muito tempo após a escravidão, não aceitava o negro fazendo parte de suas famílias. Ainda segundo relatos, a maior parte dos fazendeiros do município, no período escravocrata, possuía escravos.

No interior, onde as mentalidades eram construídas de forma muito lenta, em consequência da baixa instrução escolar e inefficiente meio de comunicação com os centros mais desenvolvidos, a luta da comunidade negra se inicia timidamente. À medida que os meios de comunicação avançam, no interior, forma-se uma nova mentalidade contra o racismo. Segundo relatos, na cidade sempre houve discriminação racial. Uma lenda que reforçava o racismo, passado de pai para filho, nessa região, na zona rural, contada até os anos sessenta, era a lenda do Nego D'água. O negro, na lenda, é uma figura que amedronta as criancinhas. Foi muito contada pelos adultos para passar medo nas crianças, quando iam tomar banho nos rios.

A lenda conta que um negro fugitivo, fora severamente castigado até a morte e depois jogado no rio. Acreditavam que ele não havia morrido e vivia no fundo do rio, procurando alguém para fazer-lhe

companhia. Assim, toda tarde, o Nego D'água costumava emergir das águas. Como não conseguia encontrar ninguém, retornava, tristonho, para o fundo do rio. Por isso o entardecer nos rios do cerrado era tão triste e melancólico. Era comum entre o povo dessa região avisar os mais jovens para não ficarem por muito tempo nos rios porque corriam perigo. Contavam, que à tardinha, um pouco antes do pôr-do-sol, o Nego D'água costumava sair das profundezas do rio. E encontrando alguém pela frente, levava para morar no fundo do no com ele. Para reforçar a lenda, havia sempre alguém que já tinha visto o Nego D'água. Falavam que de tão negro, sua pele brilhava. Seus cabelos eram iguais raízes de árvore e seu corpo era forte. Ele capturava as pessoas para levar para seu mundo solitário no fundo dos rios.

Havia diversas brincadeiras que discriminavam o negro, como a brincadeira de passar borra de café no rosto para assustar as crianças menores. Era uma forma inocente de brincadeira, que sutilmente menosprezava a cor negra, fortalecendo o preconceito racial.¹⁵⁹

Mesmo considerando que sejam integralmente, de fato, lendas, algumas das histórias citadas acima, reitero, corroboram com muitas hipóteses históricas anteriormente aqui levantadas. Ainda que lendas, revelam em seu gene, como todas as lendas - produtos culturais que são - muitos traços da cultura de onde surgem.

Bernardes e Lôbo prosseguem e fazem, ainda, uma importante observação sobre a forma como os entrevistados lidavam com as narrativas lendárias a eles relatadas:

Foi possível, ai umas vezes, observar durante as entrevistas, uma aproximação dos fatos que são lendas com os que são reais. Em certos relatos, a diferença que separa o real do imaginário é quase imperceptível. Para essas pessoas, as lendas não teriam sido simplesmente fruto da imaginação dos habitantes daqui. Acreditam que por trás de cada lenda havia um fato verdadeiro...¹⁶⁰

Como deduzimos de Alfredo Saad, nem só do sobrenatural se alimentava o temor do formosense:

¹⁵⁹ LÔBO: 2006, p. 75

¹⁶⁰ LÔBO: 2006, p. 75

Eram medos atávicos dos assaltantes, das gripes, da varíola, das invasões da cidade por bandos armados, medo das hordas de soldados do Exército regular, ou de revolucionários que, por diversas vezes, ameaçaram a cidade de invasão, bem como da polícia estadual, sempre afeita às ameaças e às agressões. Assim, até os anos cinquenta do século passado, eles inquietaram-se ante entidades fictícias e entidades reais, estas sempre mais ameaçadoras do que aquelas.

O crescimento da população, com a construção de Brasília e a chegada de pessoas de todo o país, contribuiu preponderantemente para o desaparecimento do medo das entidades imaginárias, mas não dos medos das entidades reais.¹⁶¹

Temas também muito controversos e, no aspecto abordado a seguir, ausentes na obras aqui analisadas, o preconceito e a intolerância religiosos, mesmo quando velados, em muitos momentos e diversos aspectos marcaram a cultura da cidade.

Embora já os tivesse observado e deles me lembrasse, sobretudo no período de minha infância, não poderia ser leviano de relatá-los aqui com base apenas em percepções pessoais minhas, já que não foi abordado nas obras analisadas. No entanto, a maior parte dos entrevistados – que foram selecionados considerando, também, suas respectivas religiões, de modo que houvesse uma diversidade e uma representatividade maior de leituras de mundo conforme a influência da crença – também percebia tal aspecto, se lembrava e relatou a existência, sim, de um forte preconceito de credo em Formosa até pouco tempo atrás.

Numa cidade de esmagadora maioria católica e com muitos dos serviços públicos (Registros de nascimento, casamento e óbito, Ensino, etc.) sob controle ou influência da Igreja, já foi um perigo, depois tornou-se constrangedor, até tornar-se inconveniente ser de outra religião que não a católica, pelo menos, até a década de 1980.

Maria da Glória, que hoje é adventista, relata o seguinte:

Formosa antigamente era quase todo mundo católico, a gente nem ouvia falar em crente... Era indecente... Nós também tínhamos um certo preconceito com evangélicos, porque a gente tinha sido criado na Igreja Católica, então a gente tinha preconceito contra evangélico, né? Espírita, então, nossa... Espírita em Formosa quase não existia...

¹⁶¹ SAAD: 2013, p. 42

Quando eles construíram o Vale do Amanhecer, todo mundo em Formosa ficou escandalizado, diziam que eles iam estragar a cidade...¹⁶²

Silvia Regina, católica, quando indagada se haviam muitas pessoas de outra religião na cidade, respondeu:

Não, era mais católico. Praticamente só católico.¹⁶³

Luis, que era espírita do Vale do Amanhecer, tendo sua família se mudado para Formosa, inclusive, por causa da religião, relata como era ser espírita na Formosa daquela época:

Era complicado... Observe bem: eu nunca cheguei a fazer primeira comunhão, a fazer crisma, que eram os procedimentos da Igreja Católica... Quando criança, eu morria de vontade... [...] ...a escola em si, ensinava a gente a fazer as orações da Igreja Católica, o que que mudou hoje... As músicas católicas, né? E eu tinha vontade, até por curiosidade, porque os meus amigos todos frequentavam a Igreja Católica e, por uma determinação, talvez a do Estado, as escolas só tinham a mostrar – o que mudou hoje, né? - o segmento católico... Então, assim, o que mudou, o que eu tinha vontade na época, era de frequentar, mas não pela doutrina em si, é porque a maioria dos meus colegas estava lá e eu queria estar junto deles...¹⁶⁴

Vale ressaltar que, como Luis relatou em sua entrevista, os membros da doutrina espírita Vale do Amanhecer se concentraram, durante muito tempo, numa localidade bastante afastada e erma da cidade, nos arredores do Templo – e não consigo entender que tal distanciamento não se fosse motivado por uma segregação promovida pelos católicos predominantes na cidade, então, bastante preconceituosos com as demais religiões. Tal região era habitada quase que exclusivamente por seguidores da doutrina, tanto que o bairro, que se chama Jardim Bela Vista, era conhecido – muitos ainda o

¹⁶² ATAIDES, 2018

¹⁶³ FALBO, 2018

¹⁶⁴ RODRIGUES, 2018

chamam assim – como Vale, região ainda hoje bem distante, embora, atualmente, totalmente integrada ao restante da cidade e densamente povoada.

Tais ressalvas se fazem necessárias em virtude da contundência do próximo relato. Embora também tenha sentido os efeitos do preconceito religioso - além do racial, já que Luis é negro e, vez ou outra, ainda o percebe – na pele, o fato de Luis viver em uma comunidade relativamente isolada e formada, basicamente, por seus irmãos de fé, talvez o tenha protegido, privado, ainda que de forma bem relativizada, dos efeitos dessa discriminação religiosa. O mesmo não ocorreu, entretanto, com Samuel, que pertencia, como dito anteriormente, a uma família de evangélicos, crentes, como diziam na época, quando havia ainda bem poucos em Formosa. Como morava em uma parte urbana, a poucos metros do centro da cidade, Samuel e sua família percebiam a intolerância cotidianamente e, confessou, na época, também a praticavam:

Na verdade, o que acontece... Inclusive lá do lado da minha casa, na esquina, tem até hoje uma fábrica de móveis. Eu ficava admirado porque que eles não abriam sexta-feira da Paixão... E devido eu ter tido um crescimento no meio protestante, né, meus pais evangélicos, meu pai sendo um dos dirigentes da igreja. Então, meus pais pertencem até o dia de hoje, aí eu ficava me perguntando por que que o dono não vinha trabalhar no dia santo. Eu já vinha com essa mentalidade de berço, de que não tinha que ter essa idolatria. Hoje a gente respeita as pessoas, mas a gente tem essa visão diferente, de que não precisa de idolatrar um dia, que todos os dias são iguais, né? Você precisa de ter ali as suas devoções, sua dedicação, mas que a gente entende, hoje, que todos os dias são iguais. Mas naquela época eu não conseguia nem sequer respeitar, porque quem era católico, era católico; Quem era crente, era crente; quem era macumbeiro, era macumbeiro. E nenhum se dava com o outro. Então assim, não tinha essa liberalidade religiosa que tem hoje, não tinha esse ecumenismo.

[...]

A questão, a questão que eu posso te dizer é o seguinte: o preconceito principalmente naquela época, existia dos dois lados. Existia dos dois lados. É o que eu te disse... Colocando na expressão usada na época, quem era crente, era crente. “Ah, seu Gaspar é crente.”. Então ele é crente. “Ah, Marcimínia é Vicentino”, é vicentino. E não se davam não; não se davam um com outro. Então, tinham-se muitas discussões, tinha momentos assim de perseguições... A pessoa às vezes

chegava na oficina do meu pai para poder arrumar a bicicleta, aí ficava sabendo que o meu pai era crente, saía com a bicicleta sem montar. Então isso aconteceu algumas vezes, ou outras vezes chegava fazer um serviço e não queria pagar, só porque meu pai era crente...¹⁶⁵

Percebe-se, portanto, outra forma de preconceito que perdurou durante muito tempo na sociedade local. Tal aspecto pode até parecer fora de contexto no presente tópico, mas não é. Tudo isso faz parte da mesma cultura, tendo, muito possivelmente, cada aspecto aqui retratado, influenciado no outro: as crenças religiosas influenciaram nas lendas e as lendas, também, nas religiões; o preconceito racial pode ter influenciado as lendas, assim como as lendas podem ter influenciado o preconceito racial; as crenças, os preconceitos, as lendas, podem ter influenciado em diversos dos temores da sociedade, sejam de origem natural ou sobrenatural, bem como diversos desses temores certamente percorreram o caminho de volta, exercendo sua influência. Tudo isso, repito, foi gerado no ventre da mesma sociedade, da mesma cultura.

A memória seletiva

Embora não se saibam todas as razões, tem-se que a memória seleciona fatos, tornando alguns deles marcantes, relegando outros às profundezas do inconsciente, até do esquecimento, num processo semelhante ao trauma. Outros são simplesmente esquecidos, descartados por absoluta falta de importância no julgamento, consciente ou não, de quem assiste à memória.

Assim, este tópico busca, brevemente, identificar nas entrevistas, dentre tudo que foi dito, aquilo a que a memória do entrevistado mais remete ao alinhar sua história com a da cidade. É curioso observar que, aparente ou consequentemente, alguns registros vêm revestidos de um certo saudosismo, uma certa nostalgia e, geralmente, tendo como parâmetro o presente, comparando ambos. Há outros, no entanto, que ao invés de saudosismo, aparentam orgulho ou alívio, tendo ao invés do presente, o passado como parâmetro. Ou seja: alguns ao compararem presente e passado, têm saudades de vários aspectos; outros, ao fazerem a mesma comparação, demonstram alívio.

Evidentemente isso é apenas uma percepção que não pode ser considerada de forma genérica, haja vista o número reduzido de entrevistados tirados para amostragem.

¹⁶⁵ LUCAS, 2018

Provavelmente, há muito naquilo que a memória seleciona que é absoluto, que independe de parâmetros, de referenciais.

Ressaltando que o presente tópico decorre pura e simplesmente da percepção, da sensibilidade do entrevistador, que esteve pessoalmente, cara-a-cara com entrevistados, podendo, talvez, não ser possível a mesma percepção através da simples leitura do frio texto transcreto. Ainda assim, julgo pertinente encerrar o presente capítulo desta forma.

Dona Dagmar é uma mulher forte, dessas que não se entrega e nem lamenta. A peleja da vida parece ter-lhe “engrossado o couro”. Dentre todos os entrevistados, é mais velha e a que menos demonstrou saudosismo. Parece, para ela, que o pior ficou para trás, não há muito que se ter nostalgia daquela realidade que a muito custo superou. Mãe de muitos filhos e na labuta desde menina, além de muito religiosa, aparentemente não saía muito de casa, recordando-se mais das imensas dificuldades pouco a pouco superadas. Dentre tudo que relatou, duas coisas parecem ter sido realmente marcantes e gratificantes para ela, coisas que provavelmente contaria, ainda que não perguntada: a mudança para a cidade – não por si, mas pela possibilidade de seus filhos poderem estudar, sobretudo em colégios católicos – e a aquisição da primeira terra própria, a primeira fazenda, por ela e o marido, depois de tantas agruras.

Maria da Glória, tal como Dona Dagmar, não demonstra nenhuma saudade da velha Formosa em que chegou, nem de sua vida naquela época. Outra mulher forte que parece ter passado, também, por maus bocados, não aparenta ser dada a arrependimentos e, tampouco a saudosismo. Tal como Dagmar, para Maria da Glória parece que o melhor lugar é agora. De tudo que relatou, o que parece ter-lhe causado não saudade, mas alegria, uma memória boa, foi a possibilidade de ter podido estudar, pois parece estar ciente, hoje, de como foi importante, exatamente, para superar o que não gosta de lembrar.

Já Silvia Regina, vinda de uma cidade grande e violenta, uma capital litorânea, apesar de um primeiro impacto negativo ao deparar-se com a pequenina Formosa, lembra-se, em diversos momentos de sua entrevista, do sossego, da tranquilidade que era Formosa. Parece ser o que mais apreciava e que de mais espontâneo lembrava. Em diversos momentos ou rememora o sossego, a tranquilidade e a segurança do passado, ou salienta a violência do presente, numa referência inversamente proporcional. Portanto, parece-me, ser a tranquilidade, a segurança da cidade pequena, o que de mais importante sua memória selecionou.

Cláudio também aparenta um certo saudosismo de um determinado período de sua infância, sobretudo suas primeiras memórias, na época que precedeu a desapropriação

das terras de sua família. Apesar de toda a dificuldade e simplicidade com que a família vivia no campo, Cláudio chegou a afirmar, que eles eram “felizes e não sabiam”. Ele aparenta um misto de saudade com ressentimento. Saudade de quando estavam em suas terras e ressentimento por terem tido de sair de lá, com todas as consequências, inclusive emocionais, que isso acarretou a ele e sua família por anos. Possivelmente, parte da memória de Cláudio sobre o período, dada a idade que tinha à época, foi sugestionado pela família, pelo que ouviu dizer, sobretudo o pai, cujo sofrimento testemunhou. Parece que aquele período, em que ainda morava com a família no campo, é sua melhor memória.

Luis parece ter, realmente, aproveitado sua infância junto à natureza, livre. Frequentemente refere-se à aos banhos que tomava em rios, cachoeiras, lagos, lagoas e brejos; sobre como podia brincar livre e despreocupadamente. Parece sentir muita saudade não só do cenário de sua infância, como de toda a liberdade que a idade e a cidade permitiam-lhe usufruir. Apesar de todas as dificuldades e da humildade com que viveu seus primeiros anos, apesar de algumas discriminações de ordem racial ou religiosa, nada disso parece tê-lo marcado tanto quanto o verde e as águas da Formosa de sua infância.

Por fim, Samuel. Samuel demonstrou certo ressentimento pela forma como foi criado, ao ponto de assumir que era difícil para ele falar sobre. No entanto, isso não faz parte do que a memória dele selecionou. Falou por que foi questionado e demonstrou sincero pesar de ter de fazê-lo. O que o fez brilhar os olhos foi, tal qual Luis, suas aventuras na generosa e integrada natureza de sua época, suas brincadeiras de criança, que pôde a partir de dado momento ou forma que não deixou claro – e não insisti em retomar o assunto, já que o incomodava – experimentar. Além desse contato com a natureza e da liberdade que ali podia desfrutar, Samuel demonstrou-se um apaixonado, também, pela história e pelas tradições. Definiu-se, ele mesmo, como um matuto, que faz questão de andar com o pé no chão e cultivar suas árvores frutíferas no quintal. Então, parece-me, que as melhores memórias de Samuel estão relacionadas a uma liberdade que durante algum tempo sentiu-se impedido de usufruir, tendo podido exercê-la, naquele contexto, em meio à natureza ou aos livros de história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação é fruto, sim, de um protocolo acadêmico, exigido para a obtenção do título de Mestre. Mas é, sobretudo, a manifestação de uma paixão e um desejo. Uma paixão pela História e um desejo, enquanto professor, de melhor conhecê-la, para melhor e mais amplamente contá-la. É fruto, sim, de um trabalho hercúleo, que não termina aqui, apenas começa – pois não caberia numa dissertação todo o livro que resultará da pesquisa. Mas é, também, fonte de regozijo, por saber – e talvez só eu saiba – a dimensão do esforço empreendido na confecção da presente. Ao tecer as considerações finais, abate-me um misto de orgulho – não necessariamente pelo resultado, mas pela entrega – e medo, mais uma vez, não necessariamente pelo resultado, mas pela entrega. Medo de não ter tido competência proporcional à entrega, ao esforço, à dedicação... De ter sido em vão... Ainda assim, atrevo-me seguir adiante, na certeza de ter dado o melhor de mim e de saber que ainda que o resultado não seja do tamanho da ambição, pode ser aperfeiçoados com a ajuda daqueles mais competentes que eu, que tanto têm se empenhado em me ajudar a construir tão útil ferramenta: um Guia Didático da História de Formosa, muito mais que uma mera dissertação de Mestrado.

Tarefa inédita, certamente foi acometida por diversos pecados quanto à forma, ao conteúdo, à narrativa, fruto da inexperiência, da falta de técnica e rumo mas, jamais, da falta de vontade e trabalho. Leitor exigente que sou, tenho consciência das deficiências enquanto escritor, o que estou tentando aprender a ser. Ainda assim, mesmo faltando *know-how* e habilidade nas técnicas da escrita, sobretudo da escrita historiográfica de cunho didático, não faltou comprometimento com o rigor acadêmico, o que garante, senão um belo texto, ao menos um texto confiável, honesto, convertendo-o, de fato, em uma fonte, acredito.

Espero que a presente dissertação e o livro que – após adaptação do já escrito e complementação dos capítulos não contemplados aqui – dela resultará, mesmo que não refletem a qualidade do curso, venham ao encontro da filosofia do ProfHistória – de instrumentalizar o docente, inclusive, com material didático original e regional –, por crer que seja um programa sobremaneira valioso para docentes e discentes da disciplina histórica, que através dele, certamente, estará muito melhor aparelhada. Espero que o trabalho ora apresentado, após as complementações supracitadas, realmente sirva de instrumento para o Ensino de História e, principalmente, para o ensino da História de Formosa.

Que a presente obra, mesmo com suas imperfeições, possa suscitar, inspirar novas pesquisas, novas narrativas que venham a fomentar a produção histórica e cultural localizadas, bem como propiciar que se vislumbre, ao docente, um horizonte alternativo à sua prática, de forma que conduza, ao fim e ao cabo, a um fortalecimento da cultura histórica, da consciência, da memória e da identidade partindo do micro para o macro.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ARENKT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ATAIDES, Maria da Glória Rocha. Entrevista concedida a Francisco Paulo Falbo Gontijo. Formosa-GO, 10 jun. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita nos Anexo II desta dissertação]
- BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. *Vão do Paraná: a estruturação de uma região*. Brasília, Ministério da Integração Nacional: UFG, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- BERTRAN, Paulo. *História da Terra e do Homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal*. Brasília: Editora UnB, 2011.
- BEÚ, Edson. *Expresso Brasília: a história contada pelos candangos*. Brasília: Editora UnB, 2012.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- _____. *A Escola dos Annales*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- CHAUVET, Gustavo. *Brasília e Formosa: 4.500 anos de história*. Goiânia: Kelps, 2005.
- DOSSE, François. *A história*. Bauru-SP: EDUSC, 2003.
- FALBO, Silvia Regina Barreto. Entrevista concedida a Francisco Paulo Falbo Gontijo. Formosa-GO, 10 jun. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita nos Anexo III desta dissertação]

- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína, coordenadoras. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- FIGUEIRA, Cristina Reis; MIRANDA, Lílian Lisboa. Educação patrimonial no ensino de história nos anos finais do ensino fundamental: conceitos e práticas. São Paulo: Edições SM, 2012.
- FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História & ensino de história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- GONTIJO, Dagmar Ferreira. Entrevista concedida a Francisco Paulo Falbo Gontijo. Formosa-GO, 10 jun. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita nos Anexo I desta dissertação]
- GUIMARÃES, Selva. Caminhos da história ensinada. Campinas: Papirus, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- JACINTHO, Olympio. Esbôço Histórico de Formosa. Brasília: Independência, 1979.
- KUBITSCHEK, Juscelino. Por que construí Brasília? Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.
- LE GOFF, Jacques. História & Memória. Campinas: Editora Unicamp, 2013.
- LÔBO, Jucelina de Moura; BERNARDES, Marco Aurélio. Formosa em retinas idosas. Brasília: Alpha, 2006.
- LUCAS, Samuel. A Igreja Católica e sua influência no desenvolvimento de Formosa. Goiânia: Kelps, 2013.
- MELO, Jermir Pinto de. Feridas abertas da ditadura militar. Brasília: [s.n.] 2002.
- PAVIANI, Aldo ... [et al.]. Brasília 50 anos: da capital à metrópole. Brasília: Editora UnB, 2010.
- PINSKY, Jaime (autor e organizador). O ensino de História e a criação do fato. São Paulo: Contexto, 2014.
- RIBEIRO, Renilson Rosa. O Brasil inventado pelo Visconde de Porto Seguro: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a construção da ideia de Brasil-Colônia no Brasil Império: 1830-1860. Cuiabá: Entrelinhas, 2015.

RODRIGUES, Edmar Luis. Entrevista concedida a Francisco Paulo Falbo Gontijo. Formosa-GO, 11 jun. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita nos Anexo V desta dissertação]

SAAD, Alfredo. Álbum de Formosa: um ensaio de história de mentalidades. Goiânia: UFG, 2013.

SANTOS, Cláudio Ribeiro dos. Entrevista concedida a Francisco Paulo Falbo Gontijo. Formosa-GO, 27 jun. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita nos Anexo IV desta dissertação]

SAUTCHUK, Jaime. Cruls: histórias e andanças do cientista que inspirou JK a fazer Brasília. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. A questão da capital: marítima ou interior?. Viena: Imprensa do filho de Carlos Gerold, 1877.

VIDAL, Laurent. De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX). Brasília: Editora UnB, 2009.

VIEIRA, Gilvan José. Formosa, cidade e povo. Brasília: Teixeira, 2010.